

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – CAMPUS SOROCABA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

WELLINGTON DOS SANTOS FRANÇA

A Sorocaba das Batalhas: ocupações juvenis de espaços públicos na cidade

Sorocaba/SP
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – CAMPUS DE SOROCABA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

A Sorocaba das Batalhas: ocupações juvenis de espaços públicos na cidade

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos - campus Sorocaba, para a obtenção do título de mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Carla Corrochano

Co-orientador: Prof. Dr. Alexandre Barbosa Pereira

Sorocaba/SP
2020

França, Wellington dos Santos

A Sorocaba das Batalhas: ocupações juvenis de espaços públicos na cidade / Wellington dos Santos França -- 2020.

119f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Maria Carla Corrochano

Banca Examinadora: Alexandre Barbosa Pereira, Giancarlo Marques Carraro Machado, Paulo Cesar Rodrigues Carrano

Bibliografia

1. Batalhas de rima. Cultura juvenil. Direito à cidade. I. França, Wellington dos Santos. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano - CRB/8 6979

WELLINGTON DOS SANTOS FRANÇA

A Sorocaba das Batalhas: ocupações juvenis de espaços públicos na cidade

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos - campus Sorocaba, para a obtenção do título de mestre em Educação.

Sorocaba, 28 de agosto de 2020

Orientadora:

Profa. Dra. Maria Carla Corrochano
Universidade Federal de São Carlos

Co-orientador:

Prof. Dr. Alexandre Barbosa Pereira
Universidade Federal de São Paulo

Examinador

Prof. Dr. Paulo Cesar Rodrigues Carrano
Universidade Federal Fluminense

Examinador

Prof. Dr. Giancarlo Marques Carraro Machado
Universidade Estadual de Montes Claros

Dedicatória

Ao senhor Elias...meu avô, que muito me ensinou com suas histórias de vida que foram, simplesmente, incríveis.

AGRADECIMENTOS

À minha bela flor, companheira, amiga, amante, meu amor, Fran, que esteve ao meu lado antes mesmo do primeiro dia como mestrando, até o último dia desta jornada me apoiando, incentivando e torcendo para tudo desse certo. Tenho certeza de que sua presença em minha vida neste momento foi muito, mas muito importante.

Agradeço aos meus pais que sempre zelaram pelos meus estudos e que desde o momento que ficaram sabendo do meu ingresso no programa de mestrado, torceram e me acompanharam neste cominho.

Ao amigo, mestre e inspirador Adalberto Coutinho que tive a honra de ser aluno durante os três anos do ensino médio e que hoje cultivamos uma amizade que perdura por longos anos. Agradeço a sua prontidão em me ajudar revisando meu projeto de pesquisa, assim como Fátima Faria que ao lado de Adalberto Coutinho também ajudou na revisão.

Gostaria de agradecer aos professores e as professoras Hylio Laganá Fernandes, Viviane Melo de Mendonça, Marcos Francisco Martins, Marcos Roberto Vieira Garcia, Ivan Fortunato, Dulcineia de Fatima Ferreira, Kelen Christina Leite, Teresa Mary Pires de Castro Melo e Rosalina Burgos que ao longo desta jornada tive a oportunidade de frequentar suas respectivas aulas contribuindo para a ampliação dos meus conhecimentos em torno da pesquisa sobre Educação, assim como de diversas temáticas que contribuíram diretamente no desenvolvimento da minha pesquisa.

Aos e as colegas do núcleo de estudos e pesquisas Geração, Percursos de Vida e Processos Educativos pelos belos debates em nossos encontros periódicos. Debates estes que colaboram de forma ímpar na compreensão de diversos temas da Sociologia.

Aos amigos e companheiros Benedito Halter, Flederson Assis (Fred), Cido Lima e Maurício Tajo que me acolheram em suas respectivas residências para uma bela e produtiva conversa a respeito do crescimento da periferia sorocabana nos anos 1980, 1990 e 2000, fato que ampliou minha visão sobre a história recente da cidade.

Ao mc EWE que pacientemente me concedeu uma linda entrevista sobre o surgimento das batalhas de rima em Sorocaba, e a suas respectivas lutas diárias para se manterem vivas.

A todas as batalhas de rima existentes em Sorocaba que me permitiram vivenciar a periferia da cidade através do universo das rimas de improviso, em especial às batalhas do Cianê e do Beco das Mina que tive a oportunidade de acompanhar seus respectivos cotidianos.

Às mc's Letícia, Brandini e Jéssica Venenosa e aos mc's Cavalca, Mesut e MR2, por tirarem um tempo de suas correrias para me concederem lindas entrevistas. Perceber a importância do hip-hop e das batalhas de rima para cada uma e cada um de vocês foi muito especial.

Ao querido amigo Emanuel que simplesmente me apresentou à Pastoral da Juventude, fato que mudou por completo meu processo de formação pessoal e minha compreensão de mundo.

Aos amigos e às amigas Alex Junior, Alex Souza, Bianca Ortega, Bianca Grazielli, Gislene, Luana Lopes, Marcelo Ferreira, Mariana Balieiro, Roberta Agostinho, Sabrina Ortega, Tiago Motta, Tiago Felipe, Eder Cegal, Filipe Balieiro e Lola Caroline que formam nosso Espaço Celebrativo. Muito obrigado, pois a cada momento que estivemos juntos foi um incrível recarregar de energias para chegar ao final desta jornada.

Ao querido Rafael Vigentim, um entusiasta do debate acadêmico, companheiro e amigo que passamos momentos incríveis de militância juntos.

Ao querido amigo Rodrigo Crivelaro (Comédia) que sempre me motivou e continua me motivando com sua experiência e amizade.

Enfim, quero agradecer imensamente a professora Maria Carla Corrochano, minha orientadora, e ao professor Alexandre Barbosa Pereira, meu co-orientador, pela gigantesca colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa. Ter percorrido este caminho ao lado de vocês foi um prazer, uma honra e uma alegria muito grandes, saibam que os levarei para sempre comigo.

Mil manos, mil tretas, histórias e no fim das contas, mano tem mil fitas. Só que, perguntou quem matou Marielle, não foram mil manos, meu mano...mil-lícias. Não sei se entende, agora vo te fala tru. Agora so mais competentente, de disbarão Marielle é presente.

Mc Mesut

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar os processos de ampliação da periferia e do desenvolvimento urbano desigual, vivenciado pela cidade de Sorocaba, a partir do seu contexto histórico, levando em consideração a expansão industrial vivenciada pela cidade nas décadas de 1970 e 1980, e a consolidação da especulação imobiliária na década de 1990. Busca-se também compreender as práticas executadas pelas culturas juvenis, de ocupação e ressignificação dos espaços públicos a partir da cultura hip-hop. Inspirada pelo método etnográfico, a pesquisa buscou emergir a realidade das batalhas de rimas existentes em Sorocaba, afim de compreender as dinâmicas e as relações desenvolvidas pela juventude oriunda das periferias da cidade, ao ponto de estabelecer uma nova forma de circular e vivenciar os espaços urbanos, através da luta pelo direito à cidade.

Palavras-chave: Batalhas de Rima; Cultura Juvenil; Hip-Hop, Juventude; Direito à Cidade

Abstract

This essay aims to analyse the processes of the suburb expanding and the unequal urban development in Sorocaba city within its historical context, taking into account industrial expansion happened in the city in 70's and 80's as well as the real state speculation strenghtening in the 90's. In addition, it aims to comprehend the youthful culture practices of occupation and re-signification of the public space through hip-hop culture. Based in an ethnografic method, the essay searched highlightening the rhyme battles reality in Sorocaba, in order to comprehend the dynamics and the developed relations by arising youths from suburb about to set a new way of moving around and experiencing urban spaces, through the struggle for the right to the city.

Key words: Rhyme Battles; Youthful Culture; Hip-Hop; Youths; Right to the City.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Local onde acontece a Batalha do Cianê semanalmente.....	50
Imagem 2: Print da página da Batalha do Cianê no Facebook	51
Imagem 3: Print do perfil da Batalha do Cianê no Instagram	51
Imagem 4: Roda de rima na Batalha do Cianê.....	55
Imagem 5: Foto do campeão (mc Baiano) e vice (mc Hayato) na Batalha do Cianê.	57
Imagem 6: Print da reportagem sobre a novidade chamada Beco das Mina	58
Imagem 7: Local onde acontece o Beco das Mina mensalmente.	59
Imagem 8: Print da página do Beco das Mina no Fecabook	60
Imagem 9: Print do perfil do Beco das Mina no Instagram	60
Imagem 10: Roda de rima no Beco das Mina.	63
Imagem 11: Foto da campeã (mc Jéssica Venenosa) e vice (mc Brandini) no Beco das Mina.....	66
Imagem 12: Viatura da GCM estacionada onde a Batalha do Cianê acontece, impedindo a realização da batalha.	71
Imagem 13: Reunião entre membros do Beco das Mina e Batalha do Cianê com secretário de cultura de Sorocaba.....	74
Imagem 14: Dia da aprovação do Projeto de Lei que criou a Semana do Hip-Hop em Votorantim.....	75

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A PRODUÇÃO CAPITALISTA DOS ESPAÇOS URBANOS DE SOROCABA	19
2.1 Desenvolvimento urbano e formação periférica	19
2.2 A dominação da especulação e o boom imobiliário	22
2.3 A cidade como produto.....	26
2.4 Ocupações juvenis	31
3 A RUA É NÓIS: DO NASCIMENTO DO HIP-HOP ÀS BATALHAS DE RIMA EM SOROCABA	37
3.1 Bate volta ou 30 segundos...aqui é batida, verso e rima	45
3.2 A Vem vê, vem vê, vem vê a Batalha do Cianê	49
3.3 Batalha Beco das Mina hip-hop sem engano, o que cês querem ver? O terror dos passa pano.....	57
3.2 Semelhanças e diferenças na constituição das batalhas	66
4 TRAJETOS E TRAJETÓRIAS: A EXPERIÊNCIA DE JOVENS QUE VIVEM E RIMAM A CIDADE.....	81
4.1 Os e as jovens.....	81
4.2 O interesse pelas batalhas de rima	83
4.3 O lugar da batalha no dia a dia juvenil	88
4.4 Provocações e aprendizagens no universo das batalhas.....	91
4.5 As identidades se constroem através das rimas	97
4.6 A batalha no espaço público e suas tensões	104
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
6 REFERÊNCIAS.....	113

1 INTRODUÇÃO

Começamos nos guetos das grandes capitais. Movimento dos pretos e de seus ideais. Somos filhos de Ketu somos originais. Hip hop é feito com tempero de paz. Dançamos por aí, grafitamos murais. Lá eles têm Jay-z aqui têm Racionais. Pode ser Mc, se não for tanto faz. O importante é sentir...Que o hip hop é foda!

Rael da Rima

Periodicamente, encontram-se dezenas de jovens a recitar poesias e competir entre si através das rimas de improviso, onde as palavras se tornam as únicas armas. Embalados pela batida do RAP que sai da caixa de som portátil, seus corpos dançantes fazem companhia para as rimas que são construídas em cima do beat e ambos, passam a transformar lugares e pessoas como um verdadeiro passe de mágica. Sim, *o hip-hop é foda!*

É justamente por essa potência do hip-hop, mas sobretudo das batalhas de rima, que a proposta desta pesquisa nasce. Algo tão cheio de vida, tão pulsante não poderia passar sem ser percebido pela academia. Por este motivo, a presente pesquisa se propõe a olhar para o contexto urbano da cidade de Sorocaba e assim identificar que cidade é esta, a partir da análise do seu processo histórico de desenvolvimento industrial e alguns de seus desdobramentos, a relação das pessoas com os espaços urbanos e as possibilidades de vivenciar a cidade a partir da ocupação dos espaços públicos.

A pesquisa anseia problematizar o debate acerca da luta pelo direito à cidade tendo como foco a juventude oriunda da periferia que se organiza, do ponto de vista cultural e político, por meio das batalhas de rima.

A discussão em torno do debate referente ao direito à cidade se intensifica na minha trajetória a partir de 2013, mais especificamente a partir das jornadas de junho que tomaram conta do país naquele momento. “A demanda pelo direito à cidade certamente não nasce em junho, mas foram os protestos que lhe deram projeção social mais ampla (TAVOLARI, 2016, p. 93)”.

Desde então acompanho as discussões em torno da temática o que me ajudou a compreender este como um debate muito caro para os movimentos sociais urbanos.

“A intensa participação política dos cidadãos no cenário político, [...] é potencializada e fortalecida com a atuação dos movimentos sociais, sobretudo quando a pauta em questão é o direito à cidade e a temática urbana (DIAS e SILVA, 2018, p. 04)”.

Analisar a condição juvenil na perspectiva do direito à cidade é na verdade a possibilidade de continuar analisando a diversidade juvenil no que se refere às suas mobilizações, algo que faço desde minha graduação em História. A minha relação com o campo dos estudos sobre juventude é resultado do meu período de militância na Pastoral da Juventude. Esta relação esteve presente durante todo meu percurso acadêmico.

Desta forma, com o intuito de seguir com os estudos sobre juventude, me deparo com a realidade na qual estou totalmente inserido, o contexto urbano. Diferente das grandes metrópoles, lugar onde se desenvolvem inúmeras pesquisas, das mais variadas áreas de estudo, Sorocaba se apresenta como cidade média, ao mesmo tempo repleta de dinâmicas que evidenciam o processo desigual de desenvolvimento a qual está submetida. Nesse sentido, Sorocaba se apresenta como um campo aberto de possibilidades para diversas análises envolvendo características que se consolidaram com o passar do tempo.

Mesmo tratando-se de um contexto mais amplo, ao analisar o processo de urbanização sorocabana, cabe um olhar mais atento para a presença juvenil diante da realidade urbana, uma vez que esta parcela da população se torna invisível, seja pelos estigmas que adultos e instituições lançam sobre este extrato social ou pela ausência de políticas públicas e conseqüentemente pela falta de direitos, resultando em uma combinação perversa.

Com exceção do CEU das Artes¹, situado no Parque das Laranjeiras – zona norte da cidade, Sorocaba não conta com uma variedade de espaços semelhantes que garantam o acesso às possibilidades de desenvolvimento cultural ligado à população juvenil. Esta realidade poderia ser bem diferente caso a verba do governo

¹ Programa criado pelo governo federal, logo no início do primeiro mandato do governo Dilma, o programa CEU tem como objetivo integrar “num mesmo espaço programas e ações culturais, práticas esportivas e de lazer, formação e qualificação para o mercado de trabalho, serviços socioassistenciais, políticas de prevenção à violência e de inclusão digital, para promover a cidadania em territórios de alta vulnerabilidade social das cidades brasileiras. [...] A gestão dos CEUs é compartilhada entre as prefeituras e a comunidade, com a formação de um Grupo Gestor, que fica encarregado de criar um Plano de Gestão, e também conceber o uso e programação dos equipamentos (Secretaria Especial da Cultura)”.

federal, destinada para a construção da Praça da Juventude², tivesse sido utilizada desde sua liberação, o que ocorreu no ano de 2013. Até o momento (2020) as únicas modificações executadas no terreno onde será construída a praça foi o cercamento com tapume metálico e a realização de terraplanagem em uma parte do terreno.

Cabe ressaltar que, além da Praça da Juventude é necessário a valorização e investimento em equipamentos culturais presentes nas periferias e espaços centrais da cidade que se encontram sem qualquer tipo de assistência para que possam garantir o acesso à população em geral, de forma especial à juventude.

No que tange a questão das políticas públicas para juventude, Sorocaba passou de um dos poucos municípios com uma secretaria de juventude, para uma cidade, como a maioria das cidades do país, com uma singela coordenadoria de juventude sem qualquer expressão e com nenhuma condição de articulação para o debate, implementação e monitoramento das políticas públicas para juventude.

Cabe ressaltar que, mesmo no período em que a secretaria de juventude era uma realidade, a sua concepção se estabelecia, erroneamente, como um fim em si mesma, dispensando uma das principais características das políticas públicas para juventude, a transversalidade.

Além de compreender as políticas de juventude a partir de uma perspectiva equivocada, a secretaria de juventude era responsável por um baixo orçamento e mantinha uma visão mais atrelada à lógica da assistência social do que à compreensão do jovem como sujeito de direitos.

Neste sentido, Sorocaba assemelha-se a uma série de cidades de diferentes regiões do país que, segundo Sposito, Silva e Souza (2007), também centram suas ações referente às políticas públicas para juventude a partir de “secretarias ligadas à assistência social/inclusão/ação social (p. 223)”.

Frente à problemática apresentada, a juventude pertencente ao movimento hip-hop, de forma independente, estabeleceu-se na cidade como forma de superação das desigualdades, assim como em seu contexto histórico, estabelecendo-se como uma expressão cultural, mas também como “um movimento, uma forma de responder

² Programa criado pelo governo federal, durante o segundo mandato do governo Lula, o programa tem como objetivo “levar equipamento esportivo público e qualificado para a população que pudesse, a mesmo tempo, tornar-se ponto de encontro e referência para a juventude. Mais do um espaço físico para a prática de esportes, a Praça da Juventude é uma área de convivência comunitária onde são realizadas também atividades culturais, de inclusão digital e de lazer para a população de todas as faixas etárias (Secretaria Especial do Esporte)”.

à realidade mais imediata, via ações comunitárias, de solidariedade aos colegas e da conscientização do grupo (CAMPOS, 2019, p. 22)”.

Sem qualquer tipo de recurso e/ou estrutura advinda da gestão municipal, o movimento hip-hop, mesmo com uma série de problemas, passou a ocupar os espaços da cidade, de forma concreta através dos corpos de jovens pretos e brancos das camadas populares, com o intuito de desenvolver sua arte e seu protesto através da dança, do grafite, do RAP, etc. Presente na cidade de Sorocaba desde a década de 1980, o movimento hip-hop se constituiu como uma possibilidade de desenvolvimento cultural e social para a juventude oriunda da periferia da cidade.

Como uma via de mão dupla, centro e periferia passam a ser ocupados como uma forma de conquista de espaços que outrora eram negados para uma parcela da juventude sorocabana. Os grupos de RAP, de break, o grafite e atualmente as batalhas de rima com maior presença, estabeleceram-se e constituíram-se como parte da cena urbana da cidade.

Nesse sentido, as batalhas de rima, ao se configurarem como parte da cena urbana da cidade, apresentam-se como uma possibilidade concreta de ressignificação dos espaços onde as batalhas acontecem, assim como a reivindicação do direito de viver e vivenciar a cidade. No entanto, como forma de melhor compreender toda a dinâmica descrita, cabe algumas indagações: Quais são e onde estão localizadas as batalhas existentes na cidade de Sorocaba? Quem são os jovens que as frequentam? De que forma as batalhas de rima ocupam, concretamente, os espaços públicos? Como os jovens percebem os efeitos da batalha em seus respectivos cotidianos?

Diante de tais indagações que passaram a me orientar, para a realização desta pesquisa, busquei análises que se aproximassem da temática, realizando uma revisão bibliográfica sobre o assunto que, embora não exaustiva, contribua para alicerçar as reflexões e análises sobre a questão urbana e as culturas juvenis.

Para além da revisão bibliográfica, a pesquisa se sustentou a partir de uma inspiração etnográfica, onde busquei compreender o estabelecimento de relações concretas de uma parcela da juventude com a cidade por meio da presença e participação nas batalhas de rima. Para tanto, adentrei no universo das batalhas, onde tive a oportunidade de conhecer e participar de todas, em uma perspectiva, segundo Magnani (2002), de perto e de dentro.

Cabe destacar ainda, que:

a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para captar e descrever a lógica de suas representações e visão de mundo, mas para, numa relação de troca, comparar suas próprias representações e teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (Magnani, 2003, p. 84 e 85).

Desta forma, durante dois meses circulei intensamente pela cidade e frequentei assiduamente as batalhas de onde pude presenciar algumas situações desafiadoras, tais como ser confundido com policial apaisana na Batalha do HDS, presenciar o boicote às batalhas do Beco das Mina e do VTR por falta de iluminação nas praças onde acontecem, o plano B³ para que a Batalha do VTR aconteça mesmo em dias de chuva, neste caso a batalha é transferida automaticamente para a EM Professora Inês Rodrigues Cesarotti, a perseguição policial à Batalha do Cianê, etc.

Além das situações desafiadoras que vivenciei, foi possível perceber que há “um circuito de rodas de rap que ocupam semanalmente as praças de diversos bairros da cidade (MENEZES, 2018, p. 13)” que contribui para os processos de socialização dos e das jovens e com o desenvolvimento artístico desta parcela juvenil, pois, grupos de RAP como Resultado de Revolta e Preferencial MC's, o coletivo MinaVoz e carreiras solo, como da cantora Jéssica Venenosa surgiram do interior das batalhas de rima.

Com exceção da Batalha do Cianê, onde minha entrada foi facilitada pelo fato de conhecer um dos organizadores, a entrada nas demais batalhas foi bastante desafiadora, o que me estimulou a continuar frequentando-as. Depois da experiência de participar de batalhas de terça a domingo durante dois meses, fiz a escolha pela Batalha do Cianê e pelo Beco das Mina para acompanhá-las mais atentamente.

A escolha de se aproximar um pouco mais das mencionadas batalhas partem das seguintes motivações: ambas acontecem no centro, logo, há uma relação direta entre centro-periferia; o fato da Batalha do Cianê ser a primeira batalha de rima da cidade de Sorocaba, carregando um certo pioneirismo; o Beco das Mina ser uma batalhas exclusivamente de mulheres, o que demonstra uma lógica contra hegemônica, pois em todas as batalhas existentes na cidade há uma hegemonia masculina.

³ A descoberta do plano B não aconteceu em alguma entrevista, mas na prática, tomando muita chuva.

A partir de tal decisão passei a frequentar assiduamente a Batalha do Cianê e o Beco das Mina, onde passei a observá-las mais atentamente com o intuito de “conhecer pessoalmente a maioria dos participantes, acompanhar as reações da plateia em sua pluralidade, identificar as redes de sociabilidade no interior do grupo (TEPERMAN, 2011, p. 09)” e assim organizar um diário de campo capaz de contribuir para as análises desenvolvidas no decorrer do texto.

O ato de frequentar a Batalha do Cianê e o Beco das Mina me possibilitou participar das rodas de rima e conseqüentemente, observar as relações que eram estabelecidas nos espaços ocupados pelas batalhas. A partir deste processo, percebe-se as batalhas como “produto de sociabilidade juvenil, reveladora de uma forma peculiar de apropriação do espaço urbano e do agir coletivo capaz de mobilizar jovens excluídos em torno de uma identidade comum (SPOSITO, 1993, 167)”.

Ao lado das observações de campo e da revisão bibliográfica, passei a dialogar, por meio de entrevista⁴ semiestruturada, com participantes e organizadores da Batalha do Cianê e do Beco das Mina com o objetivo de problematizar e compreender as diversas formas como os e as jovens se relacionam com a cidade, na sua cotidianidade, à partir das experiências concretas vivenciadas nas batalhas de rima.

Desta forma, a dissertação se organiza em três partes. A primeira parte contempla uma retomada histórica, geográfica e sociológica do processo de urbanização e desenvolvimento da cidade, tendo como fio analítico a periferia, a partir do início do seu processo de industrialização, com a chegada das primeiras fábricas têxteis e a instalação da Estrada de Ferro Sorocabana. Esta primeira parte ainda é marcada pelo debate referente às desigualdades socioespaciais marcadamente presente na realidade de Sorocaba e seus desdobramentos, assim como as possibilidades encontradas pelos coletivos juvenis para reverter a lógica excludente presente na cidade a partir dos processos de ocupação dos espaços públicos.

Em seguida, na segunda parte faço um resgate histórico do nascimento no hip-hop em Nova Iorque, sua chegada ao Brasil e suas primeiras manifestações na cidade de Sorocaba. Ao ajustar as lentes para o contexto sorocabano do hip-hop, esta segunda parte irá se debruçar também sobre as batalhas de rima existentes na cidade e suas relações com o espaço urbano. No entanto, as duas batalhas que acontecem

⁴ Ao todo, seis jovens foram entrevistados, sendo três da Batalha do Cianê (Gabriel Mesut, Wesley Cavalca e Matheus MR2) e três do Beco das Mina (Letícia, Brandini e Jéssica).

na região central da cidade se tornaram o foco da pesquisa, a Batalha do Cianê e o Beco das Mina. Há um olhar específico para cada uma das batalhas, mas também a busca por compreender os elementos que as aproximam e as distanciam.

Por fim, a terceira e última parte busca retratar os trajeto e as trajetória dos e das jovens participantes das batalhas de rima, com a formação de uma espécie de micro quadros sociológicos que nos ajudam a compreender os processos sociais vivenciados dentro e fora dos espaços das batalhas, assim como a compreensão dos desdobramentos proporcionados a partir da cotidianidade das batalhas e dos espaços ocupados por elas.

2 A PRODUÇÃO CAPITALISTA DOS ESPAÇOS URBANOS DE SOROCABA

Se eu acordo, eu tenho um desejo. Que é dominar o mundo e só começa no segundo que eu acordo e entendo que eu sou meu próprio mundo.

Mc Brandini

2.1 DESENVOLVIMENTO URBANO E FORMAÇÃO PERIFÉRICA

Tendo como ponto de partida a questão urbana, o processo vivenciado pela cidade de Sorocaba no que se refere ao seu desenvolvimento, podemos destacar, de forma bastante contundente, a construção da Estrada de Ferro Sorocabana e a implementação de um pequeno polo industrial. Neste processo, ganha relevância a presença da indústria têxtil, assim como ocorrera em grande parte do Brasil e de forma particular nas cidades do estado de São Paulo, entre os séculos XIX e XX, uma vez que começaram a se instalar no município de Sorocaba as primeiras fábricas do gênero ainda na segunda metade do século XIX⁵.

Desta forma, a Estrada de Ferro Sorocabana e as indústrias têxteis lideraram o processo de urbanização da cidade. tal dinâmica se estabeleceu em Sorocaba até aproximadamente 1970⁶, período da chamada descentralização industrial do estado de São Paulo; ambos os processos mencionados marcaram a cidade do ponto de vista político, social e econômico.

Como resultado deste processo iniciado ainda no século XIX, é possível perceber a presença de organizações de trabalhadores com caráter progressista, no qual tinham como base uma perspectiva socialista e até mesmo anarquista. O historiador sorocabano Adalberto Coutinho, aponta que “em 1896, fundou-se uma grande sociedade operária na cidade; a Sociedade Beneficente dos Empregados da Cia. Sorocabana e Ituana (ARAUJO NETO, 2005, p. 49), organização com

⁵ “Segundo alguns autores, há no Brasil uma expansão ainda maior do setor têxtil (Prado Jr, 1976 entre outros), que já havia começado com relativo sucesso desde o último decênio do Império (Neto, 2005, p. 109)”.

⁶ “[...] o processo de desconcentração industrial estava em expansão a partir da década de 1970, sendo marcado pelo deslocamento de inúmeras indústrias da capital de São Paulo para novas áreas localizadas em outros estados, como também em regiões do interior paulista. [...] as cidades necessitavam se adequar com infraestrutura de qualidade nos setores de transporte, energia e comunicações, fatores estes que já estavam presentes em Sorocaba facilitando então, seu crescimento industrial (Comitre e Andrade, 2011, p. 5)”.

perspectivas socialistas. O mesmo autor relata ainda a presença de anarcossindicalistas na cidade.

Já em 1906, os anarcossindicalistas estão ativos em Sorocaba. Ainda que não tenham enviado delegados próprios da cidade à 1ª Conferência Operária de S. Paulo, em dezembro desse ano, indicam como seus representantes, os anarquistas Edgar Leuenroth e Conrado Corrad (Rodrigues, 1969, p. 180, apud Araújo Neto, 2005, p. 65).

Importante ressaltar que, mesmo com um histórico importante de desenvolvimento econômico e social com base industrial, nos dias atuais, Sorocaba tem sua sustentação econômica marcada pela ampliação do setor de serviços, conforme aponta levantamento da Fundação SEADE, sobre o Perfil dos Municípios Paulistas⁷. Mesmo diante desta realidade, o setor industrial sorocabano, que contribuiu diretamente para o desenvolvimento da cidade, tem uma parcela importante de contribuição com a economia, mesmo em um cenário marcado pelo processo de desindustrialização⁸ em nível nacional.

No que tange às questões políticas institucionais, a cidade se manteve fiel a uma perspectiva conservadora, sendo a prova deste fato a inexistência de uma gestão municipal composta por partidos progressistas, mesmo diante de uma realidade onde a presença histórica de movimentos/organizações com viés ideológico de esquerda é notória em toda história da cidade.

As décadas de 1970 e 1980 por sua vez marcaram a cidade a partir de uma perspectiva social no que se refere a ampliação da população da cidade, pois neste período Sorocaba passou a receber um grande contingente populacional impulsionado pela chegada de indústrias vindas da capital.

Neste sentido, podemos destacar que “a maioria dos que fizeram os grandes deslocamentos em direção à cidade [...] foram os agentes da chamada urbanização por expansão de periferias (TELLES, 2006, p. 58 e 59)”, levando as

⁷ De acordo com o levantamento de dados realizado no ano de 2019, a participação do setor de serviços corresponde a 69% do PIB da cidade de Sorocaba.

⁸ Segundo Pochmann (2007), “a partir da segunda metade do século XX, a indústria começou a perder importância relativa na geração do valor, da renda, influenciada, cada vez mais, pelo setor terciário, que envolve um complexo de atividades muito heterogêneas, variando desde os chamados serviços, passando pelo comércio até o próprio setor público. Mesmo com um rápido avanço industrial entre os anos de 1930 e 1980, esse avanço industrial não se completou plenamente, uma vez que produtos de base industrial, tecnologicamente mais avançado, e, sobretudo, os chamados setores de bens, de capital, que desenvolvem tecnologia e que são os segmentos mais dinâmicos da atividade industrial, não foram plenamente internalizados no país”.

peças a se submeterem às mais diversas situações uma vez que este fato se desdobrou em um processo “denominado de “laissez-faire⁹” urbano, no sentido de permitirem às volumosas e crescentes massas populacionais a se fixarem onde e como pudessem (KOWARICK e BONDUKI, 1988, p. 133)”.

A década de 1990, no entanto, presenciou uma ruptura no processo de urbanização impulsionado pela industrialização, uma vez que as imobiliárias passaram a ganhar força durante o governo do então prefeito Renato Amary. O protagonismo das imobiliárias frente ao processo de urbanização de Sorocaba teve início a partir da expansão urbana em direção à zona norte da cidade com o projeto higienista, dito de interesse social, de desfavelização que ocorrera durante o governo do mencionado prefeito. Tal projeto visava a formação de um novo conjunto habitacional na zona norte de Sorocaba que deveria acontecer em parceria entre a Prefeitura Municipal e a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbana do Estado de São Paulo (CDHU), mesmo diante do fato da CDHU não ter concordado com a contrapartida da prefeitura que, naquele momento tratava-se de ceder a área para que as casas fossem construídas pela companhia. O projeto de desfavelização seguiu em frente, com a utilização de uma área municipal no extremo da zona norte, e o que aconteceu na prática foi apenas “uma transferência de “barracos”, que outrora se encontravam distribuídos pela cidade, para a periferia distante (ANDRADE e COMITRE, 2016, p. 12)”. De acordo com Cido Lima¹⁰,

Quando nós chegamos no local, aqui no bairro, nós encontramos o terreno demarcado, só, e as ruas abertas, de terra. Não tinha luz e tava ligado somente a água. Não tinha energia elétrica na rua, não tinha nada. O que tinha era o terreno, água e energia para o terreno. Não tinha iluminação pública, aqui era uma escuridão. Aqui era uma cidade lampião.

Se tratando de política pública, o projeto higienista de desfavelização não foi suficiente, nem mesmo chegou próximo de resolver os problemas relacionados à moradia na cidade de Sorocaba, exemplo concreto dessa condição foi o surgimento de uma nova ocupação na cidade, também na zona norte, denominada bairro Santo André, que perdurou por aproximadamente 10 anos.

⁹ Termo cunhado pelo filósofo e economista Adam Smith, a expressão francesa significa literalmente “deixar fazer”, é considerada um símbolo da economia liberal defendida pelo capitalismo.

¹⁰ Liderança do Movimento de Luta por Moradia na cidade de Sorocaba nas décadas de 1990 e 2000, foi entrevistado como parte da pesquisa de campo.

Eu morava num bairro chamando Santo André II, era um bairro relativamente novo e próximo dele tinha um projeto de avenida que hoje é a Ulisses Guimarães e tinha um terreno privado muito grande de um empresário da cidade, um terreno ocioso sem função social e existia, bom, Sorocaba passou por um processo de higienização muito forte, um “higienismo” social muito claro produzido pelo próprio poder público. Tinha um prefeito da cidade detentor e várias áreas na região da zona norte e que se utilizou do espaço do poder público pra retirar os núcleos de favelização e constituir um bairro bem distante que hoje é conhecido como Habiteto. Já tinha núcleos do movimento por moradia que já atuavam dentro dessas favelas, mas nada muito orgânico. Depois desse momento, depois da remoção, esses núcleos se reorganizaram para promover uma nova ocupação grande, que foi a ocupação do bairro Santo André, um núcleo que ia ficar conhecido depois como Cooperteto (Fred¹¹, morador da zona norte de Sorocaba)

Mesmo que tal ação não tenha resolvido o problema latente da moradia como vimos através do relato anterior, contraditoriamente, do ponto de vista das imobiliárias, o projeto de desfavelização, que deu origem ao conjunto habitacional Ana Paula Eleutério, popularmente conhecido como “Habiteto”, inaugurado na cidade de Sorocaba na segunda metade da década de 1990, foi exitoso, pois contribuiu para o boom imobiliário na cidade.

2.2 A DOMINAÇÃO DA ESPECULAÇÃO E O BOOM IMOBILIÁRIO

A dinâmica imobiliária que se estabeleceu em Sorocaba possibilitou que alguns vazios urbanos, mais especificamente aqueles que se localizavam antes do mais novo conjunto habitacional da periferia da zona norte da cidade, passassem por um processo de “valorização de loteamentos populares [...] devido à dotação de equipamentos básicos, como a rede de energia, água e esgoto (COMITRE, 2017, p. 785)” para a população.

Passando por uma valorização extremada, do centro da cidade e posteriormente das áreas nobres, Sorocaba cresceu a partir das franjas da cidade, áreas periféricas, sem muita estrutura advinda do poder público municipal, sendo possível verificar bairros sendo habitados sem qualquer tipo de infraestrutura, levando a formação de periferias autoconstruídas como afirma James Holston (2013).

Desta forma, Sorocaba:

¹¹ Membro da Pastoral da Juventude do Meio Popular nas décadas de 1990 e 2000, contribuiu no processo de organização da ocupação Santo André. Foi entrevistado como parte da pesquisa de campo.

[...] tornou-se uma cidade segregada pois as políticas públicas foram canalizadas para uma transformação urbana que beneficiou as camadas de médio e alto poder aquisitivo, ao mesmo tempo que continuavam a se reproduzir as múltiplas periferias desprovidas de serviços básicos (Kowarick e Bonduki, 1988, p. 134).

Para além do processo de autoconstrução da periferia, no que se refere à questão da moradia em específico, muitos trabalhadores ao sacrificarem seus dias de descanso, “experimentaram a autoconstrução da moradia mobilizando esforços familiares e a solidariedade entrapares (TELLES, 2006, p. 58 e 59)”, onde é possível perceber um processo de autoconstrução periférica capaz de mobilizar familiares e vizinhos diante de um objetivo comum, que diz respeito à constituição de um espaço significativo.

A autoconstrução periférica busca, para além de construir casas, construir espaços repletos de potencialidade, com a capacidade de acolher as pessoas que ali habitavam uma vez que boa parte da periferia de Sorocaba foi e é composta de migrantes vindos de outras regiões do Brasil. Este fato fica evidente através da fala de Mauricio Tajo¹² morador da periferia sorocabana.

[...] iam se construindo espaços de culturas e lazer através dessas proximidades, se tinha núcleos com mais pessoas vindas do Paraná e buscavam construir algo parecido o que eles vivenciavam lá, reproduzindo a cultura deles. Tinham outros núcleos mais predominantes de pessoas vindas do norte e nordeste que também construía espaços com aspectos culturais, bares temáticos eram muito nítidos. Esses agrupamentos iam se consolidando. Eles buscavam construir uma identidade mesmo que precariamente por conta de toda mudança, mas com vontade de reconstruir isso, para sentir um pouco dessa proximidade, seja por atos muito pontuais de se encontrar em um bar temático, de jogar uma partida de futebol, criar um grupo e reproduzir questões culturais como bandeira do Divino, coisas assim. Era muito nítido que tinha esses agrupamentos se consolidando e se reformulando através da cultura.

A dinâmica protagonizada pelas imobiliárias iniciada na década de 1990, que gera segregação e especulação, seguiu a passos largos com a contribuição direta do poder público municipal, estabelecendo assim, segundo Raquel Rolnik, uma “fusão-amálgama entre poder político e poder econômico (ROLNIK, 2019, p. 36)”.

A gestão Amary, entre os anos de 1997 e 2004, destinou grandes investimentos para a região. Além das permissões previstas pelo Plano Diretor, a atratividade de investimentos na zona norte se baseia

¹² Militante social, participou de ocupações na cidade de Sorocaba nas décadas de 1980 e 1990. Foi entrevistado como parte da pesquisa de campo.

no interesse do prefeito em valorizar tal área, visto que o mesmo possuía vários terrenos distribuídos pela região que passaram por grande valorização no período de seu governo (Comitre, 2017, p. 788).

Cabe ressaltar que o prefeito da época, Renato Amary, tinha interesses próprios em desenvolver uma determinada área da zona norte da cidade, pois o mesmo possuía, e até hoje possui, terrenos gerenciados pela Renato Amary Empreendimentos, que depois da instalação do Habiteto passa por um processo de valorização de forma significativa o que resultou na inauguração de diversos empreendimentos em forma de loteamentos populares.

De acordo com o próprio site da incorporadora¹³, a mesma viabilizou a constituição dos seguintes bairros: Jardim Nova Ipanema, Jardim São Conrado, Jardim São Mateus, Jardim São Lorenzo, Jardim Santa Claudia I e II, Jardim Santa Cecília I, II e III, Jardim Santa Luiza, Jardim Santo André I e II, Jardim Santa Márcia, Jardim Santa Marina I e II, Jardim São Guilherme I, II e III, Jardim São Conrado, Jardim Santa Esmeralda, Jardim Santa Lucia, Jardim Santa Catarina I e II e Jardim Santa Paulina, gerando um crescimento extremamente dinâmico da zona norte de Sorocaba.

Outra região da cidade que apresentou crescimento urbano na década de 1990 foi a zona oeste, esta, porém, não contou com uma atuação direta da Renato Amary Empreendimentos, mas outras incorporadoras passaram a atuar na região com o intuito de desenvolver novos empreendimentos, a exemplo do que havia acontecido na zona norte. Na zona oeste pode-se falar especificamente do Conjunto Habitacional Júlio de Mesquita Filho que desde sua inauguração, contribuiu para o processo de valorização da localidade e inaugurou uma nova fase de expansão urbana na região. Desta forma, três incorporadoras passaram a atuar nos arredores do Júlio de Mesquita: Magnum Empreendimentos, Grupo Wanel Ville e Tec Base Comercial Construtora e, novos bairros foram constituídos: Jardim Santa Barbara, Jardim Montreal, Jardim Tropical, Wanel Ville I, II, III, IV e V e Jardim Piazza di Roma.

Diante deste fato é possível afirmar que, “o mercado imobiliário, conjuntamente com o Estado se concretizam como agentes hegemônicos da produção do espaço, destinando para as periferias mais desigualdades socioeconômicas (COMITRE, 2017, p. 791)”, possibilitando que a lógica da especulação imobiliária se tornasse o principal agente organizativo da cidade de Sorocaba a partir da década de 1990. Com esta nova dinâmica presente na cidade, “as periferias [...] tornaram-se as expressões [...]

¹³ http://www.renatoamary.com.br/empreendimentos/areas_de_atuacao

da denominada urbanização crítica, mantendo as marcas de continuidade e aprofundamento das relações de expropriação, exploração e espoliação urbana, [...] na produção e reprodução capitalista do espaço urbano (BURGOS, 2016, p. 92)”.

No entanto, percebe-se que o processo de urbanização crítica é uma consequência histórica, pois como aponta Holston (2013), a formação periférica urbana de grande parte do Brasil passou por um processo intenso de conflito por terra.

[...] as periferias urbanas [...] normalmente se desenvolvem por meio de dois processos no que se refere à lei: um de ocupação ilegal, que as abre aos assentamentos, e outro, concomitante, de legalização do ilegal. O primeiro sustenta um padrão de segregação do centro à periferia, porque o desenvolvimento do centro é sobretudo legal e o da periferia, ilegal de uma forma ou de outra. O segundo erode esse padrão, ainda que muito lentamente [...]. Essa relação instável, mas produtiva, entre o ilegal e o legal se cristalizou primeiro no começo da colonização como uma estratégia das elites agricultoras, que a aperfeiçoaram como forma de surrupiar patrimônio real e que resultou em grandes ganhos. Mas depois de quatro séculos de uso, e em especial nas décadas recentes, essa estratégia se tornou onipresente. Assim tanto nas famílias brasileiras mais ricas quanto nas mais pobres, encontramos posses legais de terras que são na origem usurpações legalizadas (Holston, 2013, p. 270).

A relação entre ilegal e legal, no processo de ocupação do solo urbano e consequentemente na formação periférica fez com que uma grande parcela da população citadina se tornasse excluída do processo de desenvolvimento da cidade, sendo forçada, a uma realidade de subalternização, em que a busca pela legalização do território ocupado e melhoria das condições de vida, tornariam possibilidades de inclusão na cidade dita legal. Como afirma Comitre (2017), a realidade periférica da cidade de Sorocaba é diversa, o que demonstra algumas particularidades no processo de conciliação de serviços e infraestruturas voltados ao interesse do grande capital em detrimento de lugares que carecem de investimentos públicos.

De acordo com Cido Lima, militante pelo direito à moradia:

chegando em Sorocaba eu consegui observar que existia uma desigualdade social né, que existiam duas cidade, uma cidade dos que moravam, que tinham acesso à cidade né, que era a região mais central e os condomínios, os bairros de classe média alta e, uma outra cidade que é uma cidade constituída por uma periferia onde moravam trabalhadores e trabalhadoras e desempregados né, e conheci também naquela oportunidade muitas famílias que moravam em... nessa segunda cidade, sem acesso a políticas públicas, moravam nas áreas de ocupação, em áreas verdes, desordenadamente. As condições de vida dessas pessoas era muito precária, primeiro era a questão da moradia e da qualidade de vida, tinha muita gente morando

em barracos e tinha outra questão também muito séria que é a questão do saneamento básico, não tinha, muito ruim essa questão do saneamento básico e aí tinha muito problema de saúde, de coisa e tal.

Desta forma, a organização dos trabalhadores das periferias se torna imprescindível na tentativa de “legitimar a propriedade da terra não só por meio da legalização das reivindicações, mas também por um novo tipo de participação na lei e uma nova cidadania participativa que exigem inclusão total (HOLSTON, 2013, p. 266 e 267)”. De acordo com Fred, morador da zona norte da cidade: *“faltava saúde, faltava equipamento público de educação, faltava equipamento de lazer e esse povo que se mudou começou a ter filhos, precisava de transporte, precisava de infraestrutura e aí você vê que começa a se modelar grupos de cobrança”*.

[...] em grande parte, devido à ação da Igreja Católica, através das Comunidades Eclesiais de Base, [...] grupos de jovens e outras articulações, as pessoas passaram a se reconhecer, a perder o medo de pensar e agir, e de forma [...] fragmentada começaram a esboçar um campo de resistência e de organização popular. Estes processos, baseados numa lenta identificação de problemas que afetam o cotidiano das pessoas, foram gerando agrupamentos e, sobretudo, despertando uma consciência de insubordinação (Kowarick e Bonduki, 1988, p. 159).

Mesmo com certa organização da população periférica em torno da luta por melhores condições de vida e inclusão na cidade legal, a realidade da periferia e dos espaços públicos de Sorocaba tornam-se ainda mais complexa uma vez que, de acordo com Dias e Silva (2018), a cidade passa a mostrar sua face perversa, uma vez que sua projeção e organização urbanista está regulada por uma concepção basicamente mercadológica.

2.3 A CIDADE COMO PRODUTO

A perspectiva de compreensão da cidade como produto deixa nítida a lentidão das melhorias de infraestrutura e serviços na periferia, ao mesmo tempo que a cidade passa por um processo acelerado de privatização do acesso à cultura e ao lazer através da construção de shopping centers. A periferia vai se tornando cada vez mais órfã de políticas públicas que pudessem contribuir para o processo de sociabilidade da população, desta forma “[...] o Estado ganha um novo protagonismo, liderando um

processo de destruição ideológica e material do Estado de bem-estar e constituindo, assim, novas frentes para o mercado (ROLNIK, 2019, p. 34)”.

Atualmente a cidade de Sorocaba conta com uma rede composta por cinco Shopping Centers, sendo eles: Iguatemi Esplanada, Sorocaba Shopping, Pátio Ciâne, Shopping Cidade e Shopping Panorâmico, porém, em um passado recente, a cidade já chegou a contar com sete Shopping Centers no total: Shopping Villágio e o Plaza Shopping Itavuvu não resistiram à ampla concorrência e encerraram suas atividades. No entanto, um oitavo Shopping chegou a ser anunciado, Shopping Tangará, mas este nem mesmo saiu do papel, pois a obra foi embargada antes de iniciar, em função de irregularidades no terreno onde o empreendimento seria construído.

Diante deste cenário é preciso compreender que “a ascensão de Shopping Centers na cidade pode ser avaliada sob a perspectiva do processo do desenvolvimento do lazer produtivista do espaço urbano (PADOVANI, 2002, apud COMITRE, 2017, p. 794)”. Com tudo, fica nítida a existência de um desenvolvimento urbano, com contribuição direta do Estado, que visa à valorização do privado em detrimento do público, contribuindo para que a cultura e o lazer passem a ser entendidos como negócios.

[...] consolida-se a difusão da rede de empreendimentos privados [...] e correlatos (galerias e boulevards) plenamente ajustados às vicissitudes da vida contemporânea. Estes empreendimentos incorporam na concepção de seus projetos arquitetônicos um conjunto de espaços como praças e “áreas de estar” (providas geralmente com bancos para assento, wi-fi e ambientação com ornamentos paisagísticos), mas que não se oferecem, em essência, como espaços públicos propriamente ditos. Neste mesmo contexto, firma-se uma progressiva desvalorização dos espaços públicos, nos quais se inserem os parques, praças e ruas, segundo preceitos de segurança frente ao acirramento da violência urbana que aprofunda os níveis de segregação, uma vez que os espaços públicos desvalorizados dão lugar à indigência, ao abandono e à pobreza, sobretudo quando as administrações públicas negligenciam o público em detrimento dos interesses de reprodução do capital (Burgos, 2015, p. 111 e 112)

Desta forma, consolida-se “a produção de um espaço desigual, no qual a sociedade é extorquida dos direitos básicos essenciais para a vida na cidade (ANDRADE e COMITRE, 2016, p. 14)”, pois ao mesmo tempo em que os Shoppings afirmam-se como espaço privado de acesso, de certa forma, à cultura e ao lazer, é possível encontrar equipamentos culturais na periferia de Sorocaba completamente fechados sem que a população tenha condições de acessá-los. Tendo como

exemplos concretos o Teatro de Bairro – Jardim Bom Sucesso, anexo à EM Professora Inês Rodrigues Cesarotti e o Auditório Wanel Ville, anexo à EM Dr. Oswaldo Duarte, além dos espaços denominados Sabe Tudo - prédios localizados na periferia de Sorocaba onde eram desenvolvidos projetos de alfabetização digital - que se encontram fechados sem qualquer tipo de atividade. Necessariamente, Sorocaba se estabelece como uma cidade que não valoriza o desenvolvimento cultural da população periférica.

Além de equipamentos culturais fechados, é possível encontrar nas periferias da cidade praças e parques abandonados pelo poder público, seja pela falta de manutenção, seja pela falta de políticas públicas que levem a população a usufruir de tais espaços. Fica nítido que “as políticas públicas foram canalizadas para uma transformação urbana que beneficiou as camadas de médio e alto poder aquisitivo, ao mesmo tempo que continuavam a reprodução das múltiplas periferias desprovida de serviços básicos (KOWARICK e BONDUKI, 1988, p. 134)”.

Desta forma a população de origem periférica se torna refém de uma política urbana que não garante grandes possibilidades de acesso à cultura e ao lazer a partir dos espaços públicos, pois estes se encontram abandonados como mencionado anteriormente, impossibilitando que aspectos fundamentais da vida sejam garantidos como direito, mas estabelecidos como mercadoria.

O deslocamento da vida social dos “recintos” abertos e públicos das ruas e praças para os recintos fechados [...], provocado pelo sistema modernista não reproduz a esfera exterior das cidades e seus cidadãos num novo ambiente interior. De fato, essa interiorização incentiva uma privatização das relações sociais, que permite maior controle de acesso a um espaço que, quase invariavelmente, estratifica o público que o usa (Holston, 1996, p. 247).

Logo, os espaços públicos que deveriam se consolidar, por excelência, como espaços de encontro, sociabilidade, fruição cultural, etc., se tornam grandes vazios com a colaboração direta do Estado. Lefebvre (2008) aponta que “o Estado só sabe separar, dispersar, abrir amplos vazios – as praças, as avenidas – à sua imagem, a da força e da coação (p. 145)”.

A ação concreta do Estado se estabelece desta forma sob duas perspectivas: as leis e o uso da força por meio dos agentes de segurança pública, forçando a população, de forma direta e indireta, a se conformarem e a viverem de forma confinada, em seus respectivos bairros, sem qualquer tipo de encontro e mobilização

como forma de enfrentamento às desigualdades espaciais estabelecidas na cidade, demonstrando que o urbanismo é de classe, segundo Lefebvre (2008).

Neste sentido, a lógica do confinamento aguça o sentido do individualismo dos sujeitos, negando a possibilidade do encontro e ignorando a “complexidade da vida social, [...] a interdependência ativa que os sujeitos estabelecem em múltiplos, imprevisos e variados jogos relacionais (CARRANO, 2003, p. 32)”.

A perspectiva do confinamento em bairros se acentua a partir da limitação da circulação da população pela cidade através do transporte coletivo, pois circular pela cidade utilizando tal serviço se torna caro a depender do valor do vale transporte. Na cidade de Sorocaba, mais especificamente, essa realidade abusiva do valor do vale transporte faz parte da vida cotidiana da população, pois atualmente o valor cobrado pelo serviço é um dos mais altos do estado de São Paulo, ultrapassando, inclusive, o que é cobrado na cidade de São Paulo.

Desta forma, o alto custo “da tarifa violaria não só o direito ao transporte, mas impediria a própria experiência da cidade por quem deixa de poder pagar pela passagem (TAVOLARI, 2016, p. 106)”. Vale ressaltar que a qualidade dos ônibus que prestam os serviços de transporte coletivo é, na sua maioria, precária, gerando diversas reclamações de usuários.

Nesse sentido, perceber o processo de esvaziamento da cidade é uma contradição histórica, uma vez que a cidade, de forma ampla, sempre foi o palco de grandes articulações, mobilizações e manifestações, sejam políticas ou culturais, como é o caso dos movimentos estudantil e operário na década de 1960, o movimento de contracultura nas décadas de 1970 e 1980, o movimento dos caras pintadas na década de 1990, a mobilização pelo passe livre na década de 2000, as jornadas de junho de 2013, as mobilizações denominadas Tsunami da Educação, sendo esta última a mais recente.

As mobilizações estudantis que ocorreram no ano de 2019 impactaram a cidade de Sorocaba de forma significativa, uma vez que as edições de tal mobilização reuniram centenas e até milhares de pessoas na região central de Sorocaba, mais especificamente na praça Cel. Fernando Prestes, tornando a rua, um espaço de pluralidade por excelência. Queli Flach Anschau (2009) afirma que “a rua [...] sempre foi depositária, sempre permitiu a realização cidadã. Possibilitou a potencialização de espaço concreto e simbólico da sociabilidade (p. 12)”.

Enquanto a periferia da cidade enfrenta uma série de dificuldades devido a ação direta da especulação imobiliária, o centro e os bairros nobres seguem na contramão desta realidade. No centro de Sorocaba, nota-se que a região se desenvolveu historicamente aglutinando infraestrutura e serviços, uma vez que se tratava da localidade onde se abrigava as instituições públicas, espaço das decisões políticas, como afirma Comitre (2017). Dentre os bairros nobres da cidade, o Parque Campolim, por sua vez, teve seu desenvolvimento urbano propriamente dito a partir da década de 1980, através do primeiro plano diretor da cidade, aprovado em 1967, mas posto em prática somente a partir do final da década de 1970. No entanto, foi apenas na década de 1990 que houve o grande avanço de urbanização do Parque Campolim com a instalação do Shopping Esplanada e do hipermercado Carrefour no topo da principal avenida da região, Av. Antônio Carlos Comitre.

A inauguração, ao sul do bairro, do Hipermercado Carrefour em agosto de 1990 e, anexado ao mesmo, do Esplanada Shopping Center, no ano seguinte, indubitavelmente foram, [...] as grandes molas propulsoras deste “boom” inicial. Até então, a zona sul de Sorocaba tinha como um dos seus limites o Parque Campolim, mas não em sua totalidade. Acontece que a Rodovia Raposo Tavares corta o bairro em sua porção sul exatamente neste ponto. Na época, não havia nenhuma ponte de ligação entre as duas partes do bairro. Nas vésperas da inauguração do binômio comercial já citado [...], é inaugurada a ponte de ligação, obviamente resultado da pressão já exercida pelo grande capital personificado nas grandes empresas que ali se instalavam. Os primeiros edifícios nessa porção do bairro começam a surgir logo depois (Barreto, 2007, p. 2).

Percebe-se uma ação conjunta entre poder público e iniciativa privada para o processo de formação deste bairro, que se tornaria um dos bairros com maior concentração de infraestrutura e serviços, contribuindo para a alteração do “mercado de terras e valores imobiliários, provocando redistribuições demográficas e deslocamentos populacionais, mas também redefinindo as dinâmicas locais (TELLES, 2006, p. 50)” o que resultou na transformação de um dos lugares com custo mais alto para se morar na cidade de Sorocaba.

a reprodução do espaço urbano, sob a lógica da acumulação capitalista, repõe outra condição que a fundamenta: a desigualdade dos indivíduos na sociedade vivida concretamente através dos modos de apropriação diferenciados da cidade pra a realização da vida (Carlos, 2017, p. 35).

Mesmo diante de um cenário onde a desigualdade espacial se apresenta de forma conjunta com a falta de políticas públicas que visem o amplo desenvolvimento da população sorocabana, conforme apresentado anteriormente nas discussões referente à periferia, centro e áreas nobres de Sorocaba, é possível perceber o “florescimento de uma série de práticas cidadinas que vem consolidando novas formas de ativismos (MACHADO, 2018, 72)”.

2.4 OCUPAÇÕES JUVENIS

Um exemplo concreto das novas práticas cidadinas de ativismo se estabelece por meio da cultura que tem contribuído de forma significativa para a alteração da ordem imposta, na perspectiva de subverter a lógica da exclusão e a falta de espaços e equipamentos públicos capazes de contribuir no desenvolvimento humano de forma integral. Desta forma, não se trata da cultura imposta pelo mercado, baseada na lógica do consumo exclusivamente, mas uma cultura que emerge a partir da realidade cotidiana, ou seja, uma perspectiva cultural que “relaciona-se aos fenômenos que contribuem para a representação ou transformação do sistema social (CARRANO, 2003, p. 11)”.

[...] a cultura, no meio urbano [...] tenderá a produzir uma sensibilidade anárquica, que reflete todos os anseios do homem em todas as direções, em conflito ou harmonia aleatórios com as relações sociais circundantes. Uma cidade que oferece o caos e negligência a necessidade de bem-estar geral da pessoa humana faz com que ela busque seu bem-estar na sombra dos arranha-céus e nos espaços deteriorados (Miranda, 2000, p. 108).

Cabe destacar que, a prática cultural pode, também, ser um atributo de dominação capitalista, colaborando para a compreensão da cidade como mercadoria ou como controle social. Porém, não é desta faceta cultural que se trata esta pesquisa, pelo contrário, estamos tratando da cultura como forma de resistência, a fim de contribuir com o entendimento da cidade como obra atrelada à uma prática libertadora.

Desta forma “o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais (DAYRELL, 2002, p. 119)”. No bojo das práticas culturais, a presença juvenil aparece de forma significativa, a partir da

experiência concreta da prática¹⁴, pois, diversos coletivos juvenis têm se apropriado dos espaços urbanos afim de transformá-los, contribuindo para o estabelecimento de uma nova dinâmica, mesmo diante do abandono destes espaços pelo Estado, como citado anteriormente. Colaborar para que espaços se desenvolvam a partir de novas dinâmicas é garantir que os mesmos tenham capacidade de contribuir para o desenvolvimento das pessoas por meio de processos de sociabilidade.

A ação juvenil, com uma multiplicidade de agendas e formatos organizativos, tem conseguido produzir formas interessantes de resistência, apropriação e ressignificação dos espaços urbanos [...]. No centro desse fazer político está sua estreita relação com as práticas culturais dessa juventude. O direito à cultura vem sendo uma das principais demandas de jovens [...] para a construção de suas trajetórias e identidades (Freitas e Pierro, 2015).

O desenrolar da construção da identidade juvenil perpassa pela análise da condição social dos indivíduos, afinal, a identidade se faz por meio das relações sociais que é possível estabelecer com as pessoas que se convive, ou nos espaços que se transita. “A socialização e a formação dos sujeitos são entendidas como o processo mediante o qual os atores constroem sua experiência (DUBET, 1997, apud DAYRELL, 2002, p. 121 e 122)”.

Diante desta condição, não poderia ser diferente o fato de coletivos juvenis estarem se apropriando de espaços urbanos, descartando imagens estigmatizadas que se constroem da população juvenil como um grupo que se apresenta apático e/ou que se limita ao consumismo. Desta forma, Abramo (1994), colabora com a reflexão ao afirmar que “é necessário compreender a dimensão social e histórica das condições e expressões juvenis, uma vez que algumas surgem como respostas vinculadas à conjuntura do período (p. 5 e 6)”.

Com base nesta compreensão, entende-se que as várias práticas juvenis dinamizam a participação de jovens no cenário público, pois, segundo Pereira (2017), as práticas desenvolvidas pela população juvenil demonstram “como a noção de juventude é construída (p. 16)”, assim como [os jovens] são capazes de reinventar o urbano e a cidade com base nas “práticas que possuem um forte signo juvenil (p. 16)”

¹⁴ “[...]atividades protagonizadas por sujeitos considerados jovens ou que carregam fortemente uma marca simbólica daquilo que as sociedades industrializadas e urbanas definem como juvenil (Pereira, 2017, p. 13)”

Desta forma a cidade se apresenta como um verdadeiro palco para diversas expressões desenvolvidas pela população jovem que se insere, a partir da prática, como protagonistas na perspectiva de conquistar o direito à cidade¹⁵.

Diante do debate referente ao direito à cidade, cabe ressaltar que tal direito:

Está muito longe da liberdade individual de acesso a recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. Além disso, é um direito comum antes de individual já que esta transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização. A liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos é, como procuro argumentar, um dos mais preciosos e negligenciados direitos humanos (Harvey, 2012, p. 74).

Tendo como ponto de partida a definição apresentada por David Harvey (2012), o direito à cidade se apresenta como uma peça do cotidiano, ou seja, se estabelece como algo corriqueiro onde “o conjunto de direitos – materiais e imateriais simbólicos – que possam ser usufruídos de maneira equânime por todos os cidadãos na sociedade urbana, num enfrentamento a lógica da urbanização crítica, onde o urbano não é para todos (DAMIANI, 2004 apud BURGOS, 2016, p. 02)”, assim como “o direito à cidade não é igual para todos os seus habitantes (CARRANO, 2008, p. 64)”.

Desta forma, a materialização do direito à cidade se estabelece como um grande desafio que perpassa por garantir “las funciones sociales de la tierra, la propiedad y la ciudad; la lucha contra la discriminación socio-espacial; los espacios públicos de calidad; y los vínculos sostenibles e inclusivos entre lo rural y lo urbano (PLATAFORMA GLOBAL POR EL DERECHO A LA CIUDAD, s/d)”.

No entanto, a possibilidade de garantir a que tal direito se torne uma realidade concreta só é possível a partir do momento que se compreende que se trata menos de um direito jurídico, mas uma demanda, um apelo a necessidades básicas, de acordo com Bianca Tavolari (2016) ao mencionar Peter Marcuse (2014). Logo, percebe-se a necessidade de pensar o direito à cidade tendo como centralidade a pessoa humana uma vez que a “cidade é um espaço apropriável para a realização da vida, o que envolve o uso do espaço pelo corpo. A través do corpo, e de todos os

¹⁵ Por se tratar de um conceito contextual, o direito à cidade se torna um objeto de disputa, sendo muitas vezes apropriado pelo capital o que resulta na desfiguração do poder revolucionário de tal conceito, cunhado por Henri Lefebvre. Porém cabe ressaltar, que a inserção do termo na redação desta dissertação busca enaltecer seu caráter libertário e transformador.

sentidos, os cidadãos usam os lugares necessários à efetivação da vida [...] como membro da sociedade através de relações sociais (CARLOS, 2017, p. 40).

Para além de uma atuação organizada e protagonizada pela sociedade civil, o Estado tem grande responsabilidade no processo de materialização do direito à cidade através da elaboração e implementação das políticas públicas. No entanto, no município de Sorocaba, percebe-se sua ausência na vida da maioria da população jovem, conseqüentemente o direito à cidade é negado para esta parcela da população. Sendo assim, ocupar e se apropriar dos espaços urbanos se coloca como uma possibilidade para que uma nova perspectiva se apresente. “Por essa razão a apropriação também é entendida como a possibilidade de se mover, possuir e agir. Apropriar-se remete à identificação com o espaço e, conseqüentemente, a possibilidade de sua transformação” (CASSAB, 2010, p. 90).

É visível [...] coletivos juvenis ocupando inúmeros espaços urbanos. Nesse sentido, é possível propor que há um processo de reprodução e produção de inúmeros sentidos nestes espaços. Significar em espaço público em torno do HIP HOP [...] e de outras práticas é um processo que compreende a experiência social destes atores, ou seja, são as relações intersubjetivas que orientam a significação e a ressignificação destes espaços (Ferreira e Santos, 2017, p. 72)

As práticas culturais juvenis ressignificam os espaços públicos a partir do jogo que se estabelece, dos laços de amizade e dos interesses pessoais e coletivos, interligados com as práticas cotidianas capaz de instaurar “procedimentos de resistência e criatividade, conferindo um certo grau de imprevisibilidade aos mecanismos de orientação social” (CARRANO, 2003, p. 22). “Assim, a cidade ganha novos contornos, arranjos, ao nos depararmos com a população juvenil ocupando um espaço que a priori não fora pensado para que houvesse tal fruição que também se traduz em reivindicações políticas, afinal “[...] a cidade é feita essencialmente de movimento” (AGIER, 2015, p. 484).

[...] atentar para as práticas culturais juvenis no contexto urbano envolve, como propõe Henri Lefebvre (2008), pensar o urbano para além do urbanismo. Ou seja, deve-se atentar para estas formas particulares de vivenciar e produzir o urbano que, muitas vezes, desafiam e subvertem as lógicas mais gerais e normativas de pensar e regular as atividades dos cidadãos. Essas práticas culturais juvenis no espaço urbano criariam o que Lefebvre (1991) define como espaços de representação, que se contrapõem às representações dos espaços produzidos pelo urbanismo e às formas hegemônicas de gestão das grandes cidades (Pereira, 2017, p. 16 e 17)

Segundo Heller (1970), as necessidades podem ser expressas simplesmente por gestos, com palavras ou com ações, sem necessariamente ter motivos para justificá-la. Logo se trata de relações construídas pelo cotidiano de jovens que estão articulados em coletivos que historicamente têm atuado em busca de mobilizar atividades sociais e produtivas para a construção da identidade juvenil urbana. Os jovens, sobretudo os jovens oriundos da periferia, “querem ter um lugar na cidade, usufruir dela, transformando o espaço urbano em um valor de uso” (DAYRELL, 2002, p. 134), diante de uma perspectiva de compreensão da cidade como obra e não somente como produto.

[...] a cidade é obra a ser associada mais como obra de arte do que com o simples produto material. Se há uma produção da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução dos seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas. (Lefebvre, 2016, p. 52)

Diante da ação transformadora dos coletivos juvenis, os espaços que antes eram somente lugares esquecidos, ou simples espaços de passagem, sem qualquer tipo de uso, se transformam em espaços de permanência e fruição cultural, constituindo assim, espaços que colaboram para a construção de uma cidade associada a obra de arte, assim como nos pontua Henri Lefebvre.

Neste sentido, é possível compreendermos que os espaços urbanos não são imutáveis, ou seja, estão em constante mudança, só dependendo das oportunidades de mutação que podem se tornar viáveis dependendo da forma como o espaço é utilizado.

São os usos que configuram os espaços vividos, isto é, os espaços dos usuários e suas performances cotidianas em espaços concretos. Os usos reiteram ou modificam, parcial ou completamente, o espaço concebido pelos planejadores, aquele espaço abstrato pensado para reproduzir o poder. Assim, as calçadas, feitas para os transeuntes andarem até seus destinos particulares, tornam-se muitas vezes espaços vividos, ou seja, usados de múltiplas formas, transformando-se em palcos para diversas encenações (Uriarte, 2013, p. 10 e 11).

Os espaços vividos pelos coletivos juvenis através da cultura, são espaços subvertidos, afinal não foram concebidos para tal manifestação. Desta forma, é possível afirmar que os espaços que são ocupados e vividos a partir da manifestação

cultural invertem a lógica de um espaço que foi pensado e constituído para não ter vida pulsante. Como afirma Carrano (2003), esta prática de subversão é capaz de instaurar “novas significações para os espaços das cidades” (p. 23).

Neste sentido fica nítido o caráter político das ocupações urbanas dos coletivos juvenis, conforme nos aponta Agier (2015), pois este tipo de ação “é um direito humano e, ao mesmo tempo, um direito à cidade” (p. 492). No entanto, desde o momento que tais espaços se tornam pontos de encontro entre aqueles que compartilham estilos culturais, gosto musical, etc., os jovens ali presentes lhes dão “novos sentidos a partir das experimentações e vivências em tal espaço” (MELO e LEITE, 2013, p. 03).

Esse espaço não se reduz somente a um espaço físico, ele é carregado de significados e especificidades [...]. (Magalhães, 2008) destaca que ao participar de grupos, os jovens se apropriam de maneira peculiar da cidade, reorientam os lugares, mudando a dinâmica pensada para determinados espaços, transformando-os em territórios vivos. O lugar passa de lugar físico a um espaço com valor cultural e simbólico, um meio de encontro e sociabilidade (Melo e Leite, 2013, p. 08).

Neste sentido, os espaços, e conseqüentemente a cidade passa a ser compreendida como “um conjunto de ação coletiva, elaborada em muitas dimensões, plena de significados, construtora de identidades e identificações” (CARRANO, 2003, p. 24), capaz de contribuir diretamente no processo de desenvolvimento juvenil, de forma coletiva e totalmente vinculada à realidade social. Desta forma “o mundo da cultura se apresenta mais democrático, possibilitando espaços, tempos e experiências que permitem que esses jovens se construam como sujeitos” (DAYRELL, 2003, p. 51). Sendo assim, os coletivos juvenis e conseqüentemente os jovens afetam e são afetados pelas dinâmicas instaladas nos espaços ocupados, em uma relação dialética, uma vez que a juventude “age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere” (DAYRELL, 2003, p. 43).

3 A RUA É NÓIS: DO NASCIMENTO DO HIP-HOP ÀS BATALHAS DE RIMA EM SOROCABA

Relaxa que eu podia até fazer o beat-box, mas agora eu to realmente no toque da voz. É quatro, quatro elementos do hip-hop, eu faço moinho e acabo com sua sorte.

Mc Jéssica Venenosa

Diante do debate sobre as denominadas culturas juvenis, cabe um olhar a fim de recuperar minimamente o desenvolvimento histórico destas que se tornaram protagonistas das mais diversas realidades sociais e conseqüentemente de estudos e pesquisas no contexto nacional e internacional. Os estudos e pesquisas relacionadas ao universo juvenil remontam um processo histórico iniciado ainda no início do século XX, com as pesquisas da chamada Escola de Chicago, em trabalhos sobre o que seriam denominados como culturas desviantes, sendo o trabalho de Frederic Thrasher (1927) sobre as gangues juvenis uma das referências. Houve ainda importantes desdobramentos posteriores das pesquisas e perspectivas metodológicas da Escola de Chicago, com os trabalhos de William Foote Whyte e Howard Becker. No entanto, o surgimento do termo cultura juvenil como categoria de análise irá se estabelecer, conforme aponta Elmir de Almeida (2009), entre as décadas de 1940 e 1960, através das pesquisas de Talcott Parsons e James Coleman, na perspectiva de subculturas: pois a organização juvenil seria a “continuidade” da cultura a qual pertencem, desconsiderando totalmente os processos de continuidade e descontinuidade vivenciado pelos agrupamentos juvenis. Ou seja,

[...] a análise da inserção desses diversos grupos na conjuntura histórico-cultural parece ficar meio obliterada, na medida em que eles são vistos como uma sequência que se desenvolve desde os anos 50 até os 70, e fica difícil perceber as especificidades geracionais dos grupos em questão (Abramo, 1994, p. 38)

Referente ao cenário nacional, as pesquisas envolvendo o universo juvenil terão suas primeiras aparições somente nas décadas de 1960 e 1970 com os estudos de Marialice Foracchi (1965; 1972) ao analisar a atuação de jovens estudantes em O estudante e a transformação da sociedade brasileira e A juventude na Sociedade

Moderna, respectivamente. “Essas produções dialogam com as primeiras rebeliões observadas no início do século XX e com as várias formas de protesto político estudantil na América do Sul durante a vigência dos regimes militares (SPOSITO, ALMEIDA e CORROCHANO, 2020, p. 01)”.

Mesmo com um importante estudo envolvendo jovens a partir da sua atuação como estudantes, a temática das culturas juvenis não faz presença nos estudos da autora, considerando-se que essa não era uma questão para o momento em que ela se volta aos estudos da juventude. Porém as investigações e análises desenvolvidas por Foracchi, contribuíram de forma significativa para o avanço e consolidação dos estudos da temática no Brasil.

A investigação das culturas juvenis, no cenário nacional, ganha destaque somente nas décadas de 1980 e 1990. Tais estudos se desenvolveram a partir das décadas mencionadas sob forte influência dos estudos realizados em décadas anteriores, principalmente aqueles desenvolvidos no contexto europeu, mais especificamente na CCCS¹⁶ da Universidade de Birmingham.

Nessas investigações encontramos referências às produções europeias e norte-americanas sobre as culturas juvenis em seus variados paradigmas: contraculturais, subculturais, pós-subculturais, sendo exemplos dessa produção os trabalhos de Janice Caiaffa (1986), Movimento punk na cidade: invasão dos bandos sub, de Maria Eduarda Guimarães (1988), Do samba ao rap: a música negra no Brasil, de Hermano Vianna (1988), O mundo funk carioca, de Helena Abramo (1992), Grupos juvenis nos anos 80 em São Paulo: um estilo de ação social, de Kenia Kemp (1993), Grupos de estilo jovens: o “rock underground” e as práticas contra-culturais dos grupos “punks” e “trash” em São Paulo, de Micael Herschmann (1997), Abalando os anos 90: funk e hip hop, globalização, violência e estilo cultural; [...] de Márcia Regina Costa (1992), Carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno e a de Glória Maria dos S. Diógenes (1998), Cartografias da cultura e da violência – gangues, galeras e o movimento hip hop (Almeida, 2009, p. 126)

Cabe ressaltar que os estudos apresentados que inauguraram o debate sobre culturas juvenis se desenvolvem no cenário das cidades uma vez que o movimento Punk, o RAP, o Rock, o movimento Hip-hop, etc., são expressões culturais típicas do contexto urbano. Neste sentido, fica claro que as primeiras pesquisas que abordaram o conceito de cultura juvenil tinham em comum o cenário urbano uma vez que Brasil

¹⁶ Centre for Contemporary Cultural Studies (Centro de Estudos Culturais Contemporâneos).

já se consolidava como um país majoritariamente urbanizado¹⁷. Tais pesquisas apresentam uma perspectiva ampla de compreensão dos processos sociais, das mais variadas formas, aos quais a juventude estava inserida. Neste sentido, a juventude e as culturas juvenis passam a revelar uma forma específica de compreensão da sociedade urbana, “acentuando a importância da esfera cultural que fomenta mecanismo de aglutinação, de sociabilidades, de práticas coletivas e de interesses comuns” (SPOSITO, 2000, p. 79). Ao analisar os primeiros estudos referente às culturas juvenis, percebe-se que em praticamente todos os casos, trata-se de organizações que tem como princípio a transgressão da ordem cultural estabelecida, como uma forma de contracultura; assim, “a juventude passa a aparecer como a mais importante fonte contemporânea de inconformismo radical e inovação cultural” (ROSZAK, 1972 apud ABRAMO, 1994, p. 40).

Dentre as culturas juvenis analisadas cabe destacar a presença do Hip-hop, majoritariamente inserido nas periferias urbanas das grandes, médias e pequenas cidades pois, desde que passou a fazer parte do cotidiano juvenil tem contribuído significativamente com o processo de denúncia da realidade periférica e os “perrengues” que a juventude empobrecida das cidades enfrentam – racismo, segregação, violência policial – tornando-se, como apontado anteriormente, uma ação prática de contestação da realidade e do status quo das vulnerabilidades urbanas que atingem primeiramente a juventude. “Nesse sentido, a juventude pode ser vista como uma ponta de iceberg, no qual os diferentes modos de ser jovem expressam mutações significativas nas formas como a sociedade “produz” os indivíduos” (DAYRELL, 2007, p.1114). Assim, a mobilização juvenil torna-se elemento revelador, que escancara as demandas profundas, os problemas e as tensões que percorrem toda a sociedade.

Neste sentido, o Hip-hop, passa a ser compreendido também, além de uma cultura juvenil muito bem demarcada, como ação coletiva, justamente pelo engajamento social que proporciona aos seus adeptos. Trata-se de uma perspectiva de trânsito, de espaço, de manifestação e fruição cultural; para espaço de militância política, contribuindo diretamente para a formação de atores coletivos. “É a partir do sofrimento do indivíduo dilacerado e da relação entre sujeitos que o desejo de ser

¹⁷ De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a década de 1970 marcou uma virada no que se refere a concentração populacional brasileira, uma vez que neste período a maior parte da população passa a habitar os centros urbanos. Nas décadas seguintes, ainda de acordo com o IBGE, esta realidade se consolida, tornando o Brasil, um país majoritariamente urbano.

sujeito pode se transformar em capacidade de ser um ator social” (TOURAINÉ, 1997 apud SPOSITO, 2000, p. 83). O Hip-hop se estabelece, segundo Sposito (1993), como um agir coletivo, capaz de contribuir para a construção de uma identidade coletiva entre os jovens periféricos.

Desta forma, jovens das periferias passam a se apropriar de elementos globais, uma vez que o movimento Hip-hop surge nos Estados Unidos, e a partir de um processo de ressignificação, ou recriação local, destes elementos, tendo como base a realidade em que estão inseridos, desenvolvem práticas transformadoras sempre a partir das relações cotidianas. O Hip-hop, então no Brasil, passa a ser uma importante força de afirmação ou reafirmação de posições políticas frente aos territórios e às realidades urbanas, sobretudo periféricas. Diante da compreensão da apropriação de elementos globais referente ao movimento Hip-hop pelos jovens das periferias urbanas, cabe sua retomada histórica como forma de compreensão do seu processo de nascimento e desenvolvimento a partir dos Estados Unidos e também no contexto brasileiro.

Tendo como lugar de origem a periferia da cidade de Nova Iorque (distrito de South Bronx), o Hip-hop surge como uma expressão cultural juvenil intimamente relacionada com as questões sociais e econômicas da década de 1970. O primeiro fator a ser pontuado dentre as questões sociais e econômicas, segundo Camila do Carmo Said (2007), é a realidade de desemprego que passa a assolar a cidade de Nova Iorque devido seu processo de desindustrialização; ou seja, um grande contingente de trabalhadores urbanos de uma hora para outra, perderam seus empregos justamente pelo fato das indústrias terem se mudado em busca de maiores isenções fiscais, com um objetivo claro de aumentar seus lucros. Seguindo na esteira da compreensão social e econômica de Nova Iorque da década de 1970, o segundo fator a ser pontuado é o processo migratório que contribuiu com a mudança demográfica nova-iorquina. A mudança demográfica citada “transcorreu a partir da chegada de um grande contingente de imigrantes provenientes da América Central e de alguns países da América do Sul. Dentre eles, destacam-se os jovens jamaicanos” (SAID, 2007, p. 44) que passaram a cultivar a esperança que migrar para os Estados Unidos naquele momento seria a melhor opção, como fuga das condições precárias de vida existentes na Jamaica.

À medida que a taxa de crescimento econômico da ilha decaía ao longo da década de 1960 com o aumento do desemprego, da desigualdade social e a diminuição das inversões de capital estrangeiro, cresciam as tensões sociais, mas que não significaram ainda uma crise nacional que viria a partir de 1972 (Figueroa, 1987: 49). Porém, o governo de Seaga promoveu, em 12 de julho de 1966, a destruição de mais de duzentos barracos de três favelas de Kingston aumentando o descontentamento popular. [...] O ano de 1972 marcou o início de uma crise social, econômica e política dentro da Jamaica. A ilha esteve à beira do caos, sobretudo entre 1976 e 1980. Conforme vimos acima, desde o final da década anterior, a economia jamaicana apresentava sinais de declínio, entretanto, essa era uma tendência mundial agravada com a queda do dólar no mercado financeiro internacional e com a crise do petróleo a partir de 1973 (Rabelo, 2003, p. 05).

Sendo assim, uma nova configuração se estabelece em Nova Iorque a partir dos acontecimentos citados, uma vez que as condições sociais e econômicas que outrora eram pujantes em décadas anteriores já não se configuravam como a realidade da cidade estadunidense no mencionado período. Tal configuração retrata uma realidade totalmente controversa, uma vez que as “mudanças na estrutura social produziram novas formas de desigualdade que reconfiguraram tanto o perfil da população e sua força de trabalho quanto o desenho populacional da cidade” (SAID, 2007, p. 45).

No contexto migratório conforme apontado, as periferias foram os espaços citadinos capazes de acolher os latinos, ou hispânicos, que chegavam em busca de melhores condições de vida. Assim, não mais os negros estariam excluídos diante da realidade de desigualdade vivenciado na periferia de Nova Iorque. Portanto, esta é a realidade na qual o movimento hip-hop vai encontrar terreno fértil para surgir, se desenvolver e posteriormente chegar nos mais diversos lugares, tanto nos Estados Unidos, como em países do continente americano, assim como ocorrera no Brasil.

[...] os jovens, ao compreenderem que não poderiam permanecer estáticos frente a essa nova realidade imposta, responderam e agiram no plano da cultura. O novo grupo étnico do South Bronx composto por negros norte-americanos, jamaicanos, porto-riquenhos e outros povos do Caribe, em meio ao caos e à violência urbana, articularam-se e iniciaram uma busca por referências positivas na tentativa de construir uma rede cultural própria que lhes permitissem uma relação de pertencimento e inclusão àquele local e ao próprio espaço urbano (Silva, 1998, p. 35)

Mesmo com uma proximidade muito grande com a história dos descendentes africanos escravizados¹⁸ no continente americano, foi através de um jovem jamaicano que o movimento Hip-hop passa a ser gestado na periferia nova-iorquina, especificamente no South Bronx. O jovem jamaicano Clive Campbell, mais conhecido como DJ Koll Herc, chega ao South Bronx e passa a organizar festas nas ruas do bairro com o auxílio do seu toca-discos, onde passou a desenvolver diversas técnicas típicas utilizadas pelos DJ's na atualidade. No decorrer de tais festas, os jovens presentes tomavam o microfone nas mãos por diversas vezes com o intuito de se manifestarem de forma improvisada conforme a batida do som seguia, dando origem aos mestres de cerimônia, ou simplesmente MC. Assim, dois (DJ e MC) dos quatro elementos que formam o movimento hip-hop se consolidam. Posteriormente, o grafite passa a ser presença nos muros periféricos e não periféricos, graças à ação das gangues envolvidas com as festas de rua que passaram a disputar quem conseguiria deixar o maior número de inscrições artísticas em muros com os nomes das respectivas gangues. Deixando de disputarem por meio da violência para disputarem através da arte urbana. Por fim, o Break, tipo de dança atrelada intimamente com o universo dos jovens participantes das festas periféricas, passa a tomar conta dos salões de baile com suas acrobacias e formas de mexer com o corpo.

[...] o rap, abreviação de rthym and poetry, o break e o grafite ganharam as ruas do South Bronx, sem, no entanto, serem compreendidos como um movimento. As suas formas simbólicas eram tratadas isoladamente, servindo apenas como diversão aos jovens do bairro. A reunião e a difusão dos três elementos em torno do nome hip-hop, somente aconteceu, quando o jovem Kevin Donovam, mais tarde conhecido como Afrika Bambaata, propôs que os grupos de break deslocassem os conflitos de rua para o plano artístico. Assim, a violência armada foi substituída pelas competições de rima, o chamado freestyle¹⁹, pelo grito de paz dos MCs e pela “batalha” de break (Said, 2007, p. 50).

Com base na intervenção propositiva de Afrika Bambaata referente ao processo de consolidação do Hip-hop no contexto estadunidense, percebe-se um

¹⁸ “As raízes do rap podem ser encontradas entre a população historicamente escravizada tanto do Brasil quanto dos EUA. No Brasil, os ganhadores de pau, que vendiam água nas ruas de Salvador, utilizavam-se do canto-falado em que o MC (mestre-de-cerimônia) conduzia o grupo. Nos EUA, houve escravos das fazendas de algodão no sul do país, os griots, que também se utilizavam desse estilo de cantar. É um exemplo básico da transcendência negra: não importa onde estejam seus descendentes, há referências a culturas de origem africana que permanecem por gerações” (Andrade, 1999, p. 39 apud Raid, 2007, p. 47).

¹⁹ O freestyle consiste em improvisar, a partir de uma batida tocada pelo DJ, uma letra de rap. Pode ser feito em dupla ou individualmente como forma de competição.

amadurecimento do movimento uma vez que há uma confluência de forças com o objetivo de garantir uma lógica de unidade com base nos elementos do hip-hop, afim de garantir a unidade das manifestações culturais juvenis. Diante desta maturidade o movimento foi conquistando novos territórios para além dos Estados Unidos, inclusive o Brasil, por meio dos discos de artistas estadunidenses que começaram a ganhar o mundo.

[...] é possível dizermos que a maior interconexão global possibilitou que músicas, costumes e estilos de vida atravessassem fronteiras numa velocidade nunca antes vista. A expansão dessa circulação de símbolos por circuitos transnacionais, porém, não implica uma homogeneização cultural, tampouco a perda dos sentidos locais [...] (Aderaldo e Raposo, 2016, p. 281).

No contexto brasileiro, o Hip-hop chega ao Brasil na década de 1980 e tem como berço a cidade de São Paulo – estação São Bento²⁰, pois assim como em Nova Iorque, a capital paulista reunia uma série de contradições sociais e econômicas. Diante de uma realidade de grandes desigualdades, o hip-hop ganha as periferias paulistanas como forma de organização, principalmente da juventude periférica, por meio das chamadas posse ou crew. “Neste período as “posses” – associações culturais localizadas nas periferias, com o objetivo de organizar oficinas e trabalhos comunitários – se fortaleceram” (SOUZA, 2005 apud TEJERA, 2013, p. 31).

Contudo, cabe ressaltar que os trabalhos comunitários desenvolvidos nas periferias estão totalmente relacionados ao processo de politização e também de denúncia das desigualdades como forma de luta por melhores condições de vida. De acordo com Menezes (2018), o hip-hop é uma ferramenta de transformação social e por este motivo não deve se restringir apenas à dimensão cultural. Caso assim aconteça, o movimento se restringirá, quando muito, a um papel político secundário, ficando à sombra de políticos e organizações que acabam por se utilizarem da força do movimento para se beneficiarem.

Assim como na capital paulista, outras localidades do interior passam a se encontrar com o hip-hop a partir do final da década de 1980. Sorocaba por sua vez não foi diferente. O movimento ganhou espaço na cidade com o apoio do Clube 28 de

²⁰ “É na cidade de São Paulo que o movimento se manifesta pela primeira vez em território brasileiro. E foi na estação São Bento [...], entre a década de 1980 e 1990, que ocorreram os primeiros encontros de Rappers, B. boys e Grafiteiros (Tejera, 2013, p. 31)”.

Setembro²¹ por meio dos bailes do DJ Nelson Maçã. Mais uma vez a música tem papel fundamental no processo de disseminação da expressão desta arte. A influência do hip-hop paulistano foi uma marca para a consolidação da cultura em Sorocaba, uma vez que a conexão com São Paulo, era uma constante; para que jovens sorocabanos, que se identificavam com tal cultura tivessem acesso principalmente aos discos. No entanto, as constantes idas à São Paulo possibilitaram outros encontros e contatos, resultando em novas experiências.

Algumas pessoas iam até a capital participar dos bailes organizados por grandes equipes de som e acabavam por levar as informações para Sorocaba. [...] Nei Afros lembra que a fonte onde se buscavam discos da música negra era a galeria da cidade de São Paulo, e que Gelo e DJ Niltinho se tornaram referências nesse gênero musical em Sorocaba (Santos, 2011, p. 33)

O movimento ganha as ruas de Sorocaba ainda na década de 1980, extrapolando os bailes do Clube 28 de Setembro. O ato de ganhar as ruas aconteceu através dos encontros de bboys (dançarinos de break) que acontecia na Praça Cel. Fernando Prestes - conhecida como Praça da Catedral; Largo do São Bento – conhecido como praça da *Concha Acústica* e *Praça Carlos de Campos*. A partir deste ponto pé inicial, o hip-hop passa a ocupar seu lugar na cidade não somente pelo break, mas também pelo grafite que passa a encontrar a periferia de Sorocaba na década de 1990. Neste sentido, o hip-hop sorocabano passa a disputar a cidade por meio da ocupação dos espaços públicos, como ruas, praças e muros.

No processo de consolidação do movimento hip-hop em Sorocaba, o freestyle surge como elemento que contribui diretamente para a articulação de batalhas de rima na cidade. Protagonizadas pelos mestres de cerimônia (MC), as batalhas de rima ganham destaque na cena sorocabana no decorrer década de 2000, depois que o evento passou a ter maior organicidade, tendo influência direta da Batalha do Real (RJ), se tornando a primeira batalha de rima organizada, que se tenha conhecimento, no espectro do movimento hip-hop nacional. Desta forma, “[...] as Batalhas de MCs vão se revelar no contexto urbano [...], como uma retomada do movimento Hip Hop ao seu lugar de origem, as ruas” (GOMES, 2019, p. 846).

²¹ Clube fundado em Sorocaba com o objetivo de garantir à população negra e periférica da cidade um espaço de cultura e lazer uma vez que os tradicionais clubes sorocabanos, Ipanema Clube, Sorocaba Clube e Clube União Recreativo, não toleravam a presença de pessoas negras. Assim, o Clube 28 de Setembro foi o primeiro clube a tocar música negra em Sorocaba.

No processo de ganhar as ruas, de disputa pela cidade, as batalhas de rima se destacam no processo de ocupação dos espaços públicos, assim como outrora ocorrera com as batalhas de Break, possibilitando a transformação dos espaços ocupados, dando sentidos e significados através do uso, contribuindo diretamente para desvirtuar a ordem, ou seja, romper com a lógica com que os lugares e espaços urbanos foram pensados e projetados. Segundo Melo e Leite (2013), ao ocupar os espaços os jovens proporcionam novos sentidos a estes através das experimentações. Desta forma, as batalhas de rima se apresentam como uma possibilidade real de jovens da periferia experimentarem e vivenciarem a cidade, assim como se colocarem como produtores de cultura.

3.1 BATE VOLTA OU 30 SEGUNDOS...AQUI É BATIDA, VERSO E RIMA

Sem maldade truta, se você que até no TRAP, eu posso até prova que eu tenho agilidade, porque você é muleque e não nem rima nem no BOOMBAP e eu ganho aqui no RAP e em qualquer modalidade.

Mc MR2

No que se refere às batalhas de rima na cidade de Sorocaba, é possível mapear sete acontecendo de forma permanente ou esporádica: Batalha do HDs, Batalha do Cianê, Batalha do VTr, Batalha do Fundão, Batalha do Ipiranga, Batalha do Beco das Mina e Batalha do Abaeté. Para mapear as batalhas apontadas foi necessária uma incursão intensa no campo, onde pude vivenciar cada uma delas por aproximadamente dois meses. Nos dias de vivência deste percurso uma certa ansiedade me tomava durante todo trajeto que fazia da minha casa até o local onde aconteciam as batalhas. Não sabia dizer se era a expectativa do contato com o campo como pesquisador, ou se era um retorno à minha juventude. Mas no momento em que essa experiência se tornava cada vez mais intensa e rotineira percebi que se tratava um pouco dos dois, pois a cada beat saído da caixinha de som ligada a um aparelho de celular, eu me lembrava de grupos e cantores de RAP que marcaram os anos 1990 e 2000 e que eu escutava atentamente no programa Espaço RAP da Rádio 105 FM.

Grupos e cantores como Rappin' Hood, Sabotage, Doctor Mc's, RPW, Sistema Negro, Xis, RZO, Racionais Mc's e tantos outros.

No entanto, mais do que vivenciar cada batalha, experimentei lembranças muito agradáveis, também me percebi em situações um tanto quanto incomuns. Digo isso, pois com exceção da Batalha do Cianê em que minha entrada foi mais tranquila pelo fato de conhecer um dos organizadores, a chegada nas demais batalhas aconteceu sem qualquer contato prévio seja com participantes ou organizadores. Os olhares evidentes, atravessados e desconfiados com a minha presença, tanto que fui questionado sobre quem eu era e, um dos momentos pensaram que eu era um policial à paisana. O receio e a desconfiança são elementos completamente compreensíveis diante do posicionamento da Mc Brandini²²,

[...] quantas vezes a gente sente medo de tá na praça fazendo um movimento cultural e chega a polícia e bate na gente. Sempre a gente tem medo disso acontecer, parece que toda vez que a gente fica atento, passa uma viatura de polícia, sempre... Não teve uma edição que não passou [...].

Mesmo diante do medo e do receio, as batalhas seguem existindo e resistindo graças ao empenho dos e das jovens que compreendem o espaço das batalhas de rima como um espaço de transformação da realidade. Dentre as batalhas existentes em Sorocaba, a Batalha do Cianê foi pioneira e, de acordo com Ewerton Oliveira, conhecido como Mc EWE:

A Batalha do Cianê teve início no ano de 2014, junho ou julho de 2014. Ela surgiu pela necessidade de ter movimentos de RAP nas ruas, batalhas. Quando eu comecei a batalha foi na rua, e aconteceu que nesta época aí... meio que tinha parado de acontecer o movimento nas ruas e as batalhas começaram a ir pra dentro das casa de show aqui em Sorocaba, e os Mc's que estavam começando a batalhar que não tinham muita noção de rima não tinha oportunidade de participar, até porque era pago e tudo mais. E aí a gente decidiu, eu decidi primeiramente fazer na rua e nisso já somou os meninos que fazem parte da organização, o Matheus – MR2, o Balta, tão com a gente desde o início aí, depois vieram outros meninos (Mc EWE²³).

Questionado sobre a possível influência da Batalha do Cianê na formação de outras batalhas na cidade, Mc EWE argumenta:

²² Participante do Beco das Mina desde o início, foi entrevistada como parte da pesquisa de campo em 28 de janeiro de 2020.

²³ Um dos fundadores da Batalha do Cianê, foi entrevistado como parte da pesquisa de campo em 15 de setembro de 2019.

A Batalha do Cianê influenciou sim a formação de outras batalhas na cidade, por que, pelo fato dela ser no centro vem Mc de todos os cantos da cidade e até de outras cidades pra participar com gente com frequência, e aí os meninos, principalmente na zona norte, que o RAP sempre foi forte na nossa cidade, decidiram formar as batalhas no zona norte.

Durante o desenvolvimento da pesquisa outras duas articulações se iniciaram para que duas novas batalhas ganhassem a cena cultural urbana na cidade: a Batalha das Hortências e Confronto da Leste que, no entanto, não conseguiram permanecer articuladas para se consolidarem entre as batalhas existentes.

Segundo Mc EWE, todas as batalhas existentes em Sorocaba são autônomas, pois *“são raras as exceções que a gente necessita de incentivo da prefeitura ou de qualquer outro tipo de órgão que possa ajudar a gente”*. Continua argumentando que *“todas as batalhas são autônomas, elas não têm um viés de dependência do governo, da prefeitura ou da gestão que estão no poder, são todas autônomas mesmo”*.

As batalhas se fazem presentes nos bairros periféricos da Zona Norte de Sorocaba, como no caso das batalhas do HDS (Hebert de Souza), do VTR (Parque Vitória Régia), do Fundão (Parque São Bento) e do Abaeté (Jardim Abaeté), da Zona Oeste, Batalha do Ipiranga (Jardim Ipiranga) e na Região Central, batalhas do Cianê e do Beco das Minas. Todas as batalhas existentes na cidade *“tem como suporte urbano a rua, o espaço público a céu aberto”* (GOMES, 2019, p. 847).

As batalhas que compõem a cena periférica dos bairros da Zona Norte e Oeste contribuem com o processo de apropriação dos espaços nos bairros periféricos possibilitando novas formas de viver e perceber o local de moradia e formas de superação das desigualdades espaciais, construindo *“diferentes alternativas de viver no espaço urbano”* (MELO e LEITE, 2013, p. 08). Porém, no que se refere as batalhas da região central, a perspectiva é outra, pois neste contexto há uma relação que se estabelece a partir da lógica centro/periferia, onde os jovens e as jovens participantes da Batalha do Cianê e do Beco das Mina estabelecem novas relações, possibilitando uma nova forma de viver a cidade, assim como circular pela mesma. Pois esta forma de apropriação do espaço urbano *“rompe com algumas dicotomias, dentre elas a ideia de uma segregação incontornável daqueles que vivem na periferia frente ao centro da cidade”* (SPOSITO, 1993, p. 173).

Além do processo de rompimento das dicotomias, mas também dos *“muros invisíveis”* que vão se erguendo com o objetivo de garantir a manutenção da

segregação, cabe ressaltar que a prática da circulação pela cidade provocada pelas batalhas que acontecem no centro contribui para novas práticas societárias. Diante deste cenário, a Batalha do Cianê e o Beco das Mina têm contribuído diretamente para o desenvolvimento desta nova perspectiva de viver a cidade, pois “a mobilidade é elemento crucial para os processos de interação social e abre campo de possibilidades para a diversificação da experiência social”(ALMEIDA et al, 2012, p. 12).

Baseados na cultura hip hop, eles criam o espaço de interação, decidem sobre as formas de expressão, estabelecem suas regras, falam suas linguagens, propõem conteúdos segundo seus interesses. São formas de construir um saber próprio, com sentido e significado para eles/as (Carranza Weihmuller, 2019, p. 84)

No caso da Batalha do Cianê, o Mc EWE, por iniciativa própria, passou a mobilizar um pequeno grupo de jovens da periferia da zona norte da cidade, ainda em 2014, com o objetivo de se reunirem para rimar ao lado de um dos shopping centers localizado na região central da cidade, o shopping Pátio Cianê, estabelecendo uma clara oposição entre cultura de mercado e cultura de rua.

O Beco das Mina por sua vez, se tornou uma realidade da cena cultural urbana da cidade de Sorocaba a partir de 2018. Por iniciativa da jovem Letícia (fundadora do Beco das Mina), depois de um certo desconforto vivenciado em ambiente dominado por homens²⁴ – ao acompanhar as batalhas da cidade, ficou nítido que se trata de um ambiente majoritariamente masculino – passou a articular, com um grupo formado somente por jovens mulheres, a existência de uma batalha protagonizada por mulheres na cidade.

²⁴ Argumento utilizado pela jovem Letícia em entrevista realizada dia 03 de fevereiro de 2020, ao ser abordada sobre suas motivações para ter chegado às batalhas de rima.

3.2 VEM VÊ, VEM VÊ, VEM VÊ A BATALHA DO CIANÊ

Seu verso não é de verdade, quando você rima agora
você não tem diversidade, muito menos criatividade.
Nem medo, nem respeito, eu tive é piedade.

Mc Hayato

Seis anos depois do início das primeiras mobilizações/articulações para que a realização da batalha fosse possível, a Batalha do Cianê se tornou uma realidade e desde 2014 faz parte da cena urbana e cultural da cidade. A batalha acabou sendo batizada com esse nome pelo fato das rodas de rima acontecerem, desde o início, nos arredores do shopping Pátio Cianê, na região central da cidade.

Por se tratar de uma localidade muito próxima ao maior terminal urbano da cidade, Terminal Santo Antônio, a chegada se torna mais tranquila para uma parte daqueles que irão participar de alguma forma, porém chegar utilizando o transporte coletivo não é a única opção. Foi possível perceber durante as observações de campo que uma parcela dos participantes chega de bicicleta e até mesmo a pé.

Dentre aqueles que se aglutinam em torno da roda que se forma para os mc's batalharem, é possível perceber inclusive a presença de jovens com uniformes de seus respectivos trabalhos que antes mesmo de seguir para o terminal Santo Antônio, afim de chegar em casa, ou seguir para a escola e/ou universidade, depois de um dia inteiro de labuta, param para prestigiar os mc's. Além de trabalhadores é possível perceber também a presença de jovens estudantes com uniformes de suas respectivas escolas.

Além da localidade, a presença de trabalhadores e estudantes é possível pelo horário marcado para a batalha acontecer. Mesmo sendo convocada para às 19h00, a Batalha do Cianê sempre começa por volta das 20h00, pois o horário marcado é apenas um marco inicial para que os jovens comecem a chegar, em meio à grande movimentação de carros e motos que se dirigem ao shopping Pátio Cianê ou à Igreja Universal do Reino de Deus, uma vez que a mencionada igreja está localizada ao lado do shopping.

Essa chegada garante que os diversos espaços ao redor do local da batalha sejam ocupados por jovens e desta forma diversos grupos vão se formando. Cabe ressaltar que este processo de chegada, ocupação e formação de grupos chama

atenção daqueles e daquelas que passam pelos arredores. Em meio à grande movimentação existente no local, por volta das 20h00 um lindo coro de vozes juvenis ecoa: “Vem vê, vem vê, vem vê a Batalha do Cianê”. Como se fosse uma convocação, em poucos minutos uma linda roda é formada para que as intervenções e batalhas possam acontecer no melhor estilo livre.



Imagem 1: Local onde acontece a Batalha do Cianê semanalmente

Para que a batalha aconteça, há um grupo formado por alguns jovens denominados organizadores. As atribuições dos organizadores têm início antes mesmo do momento da batalha, uma vez que por meio da página da Batalha do Cianê no Facebook e Instagram é feita a divulgação e a convocação para poetas e mc's participarem. Ao utilizarem as redes sociais como ferramenta para a articulação da Batalha do Cianê, os jovens integrantes da organização demonstram, segundo Pereira (2017) que estão conectados com as tecnologias de informação e comunicação e as utilizam, inclusive, com o objetivo de vivenciarem o espaço urbano.



Imagem 2: Print da página da Batalha do Cianê no Facebook.



Imagem 3: Print do perfil da Batalha do Cianê no Instagram.

À organização cabe a função de inscrever os poetas que farão as intervenções que antecedem as batalhas e os mc's que desejam participar batalhando (conforme as inscrições acontecem os organizadores ficam atentos à um dos principais critérios, segundo membros da organização, a destinação de 50% das vagas para o público feminino), sorteiam as chaves de confronto e cuidam do andamento da batalha, chamando os competidores de acordo com o sorteio das chaves até a batalha final.

Mesmo diante de tal regra, o que se observa é a baixa participação de jovens mulheres no interior da roda, seja nas intervenções ou batalhando. São raros os dias

em que jovens mulheres se fazem presentes na batalha com o intuito de fazer uma intervenção ou até mesmo de batalhar. Tal presença se limita ao observar o que está acontecendo dentro da roda ou em fazer companhia aos namorados ou ficantes que irão apresentar algum poema, ou música.

Ainda com relação aos organizadores, são aqueles que agitam a roda com frases de efeito, próprias do universo das batalhas de rima, tais como: *Vem vê, vem vê, vem vê a Batalha do Cianê*, típica frase de abertura, *dois mc's vão cair no banguê, banguê...O que cêis querem ver? Sangue!; Aqui cê mata ou morre, aqui cê mata ou morre, 015 Sorocaba é o terror do microfone; Se tu ama essa cultura, como eu odeio a ditadura, digam hip-hop. Hip-hop etc.* Além das frases de efeito, os organizadores também agitam a roda em diversos momentos para que todos os presentes agitem as mãos para o alto embalados pelos gritos: *Uôô, uôô, uôô!*

A roda formada para que a Batalha do Cianê tenha início é composta por aqueles que irão participar de alguma forma, seja na intervenção poética, na batalha ou por aqueles que irão prestigiar o conjunto da obra proposto. Para quem for participar das intervenções basta pedir para os organizadores incluírem o nome na lista. Em diversos momentos é possível ver algumas pessoas que participam das intervenções e posteriormente das batalhas. As intervenções que antecedem as batalhas funcionam como uma espécie de aquecimento para o momento em que os mc's se enfrentam através das rimas de improviso. Não há uma competição entre aqueles que se apresentam no momento da intervenção, diferente do momento da batalha que acontece em melhor de três rounds, logo, quem vence dois segue avançando a cada rodada.

Cabe ressaltar que muitas das intervenções se tornam espaços para divulgação de trabalhos independentes da cena hip-hop de Sorocaba. Dentre os trabalhos apresentados, vale destacar a presença do cantor solo Arjuna 21 e dos grupos Preferencial Mc's e Resultado de Revolta, pois já possuem certa organização, vídeos gravados com certo grau de profissionalismo divulgados nas redes sociais.

Ao final das apresentações inscritas para a intervenção poética, as batalhas se iniciam imediatamente. A pessoa que faz a apresentação da batalha passa a chamar os mc's que irão batalhar pedindo para que o público diga um número. Neste caso, cada número corresponde a um mc que se inscreveu para a batalha e desta forma o sorteio da primeira rodada acontece.

Ao entrarem na roda, os mc's buscam a melhor performance possível afim de agradar ao público que acompanha o desenvolvimento do confronto com o objetivo de tirar o máximo de barulho possível de cada um presente como forma de validação das rimas que acabara de lançar, para que garantam suas passagens para a próxima fase de acordo com a montagem da chave dos confrontos, feita anteriormente durante as intervenções poéticas.

Sobre aqueles que acompanham a batalha, o público, é possível perceber que há aqueles que são fieis a batalha e por isso estão presentes praticamente toda semana, mas em diversas edições da Batalha do Cianê foi possível perceber a presença de pessoas que estavam, simplesmente, passando pelo local em direção ao terminal Santo Antônio ou ao Shopping Pátio Cianê e ao ver uma certa aglomeração resolveram ficar para ver o que estava acontecendo. Estes que estavam passando e por curiosidade pararam, acabaram por acompanhar a intervenção poética ou algum duelo por alguns instantes ou até mesmo se interessaram em acompanhar tudo que estava por acontecer na roda até a batalha final.

A batalha segue a dinâmica "bate volta". Recebe este nome pois ao término de cada rima feita por um mc a resposta do seu oponente é imediata, estamos falando de uma modalidade mais acelerada, diferente da dinâmica de "30 segundos²⁵". Diante da dinâmica bate volta, cada competidor deve elaborar, ao ritmo da batida do RAP, uma sequência de estrofes de acordo com as regras da batalha. Sendo a regra 4-2-2-2; a elaboração da rima improvisada deve ser composta por uma quantidade específica de estrofes, primeira rima composta por quatro estrofes e as demais duas. Para que os mc's não extrapolem o número de estrofes a pessoa que apresenta a batalha deve ficar atenta e assim garantir que a batalha siga seu curso.

O confronto entre mc's acontece em melhor de três round's, sendo assim, cada competidor deve ganhar dois round's para seguir para a próxima fase. Caso ocorra vitória nos dois primeiros round's, não há necessidade do terceiro, no caso de empate, a possibilidade do terceiro round é acionada. O round que irá desempatar o confronto, é geralmente acionado por meio de consulta ao público, que dependendo da intensidade do mc que se encontrava em desvantagem, se o público entender que o

²⁵ Na batalha de 30 segundos, cada mc tem este tempo para desenvolver sua rima sem que seja interrompido. A pessoa que inicia o round rimando primeiro ataca e a que rima depois repode. No segundo round inverte-se a ordem de quem ataca e quem responde e caso haja a necessidade de um terceiro round, os mcs tiram no par ou ímpar para definir quem começa rimando.

mesmo foi superior durante todo o segundo round, automaticamente, ao concluir o tempo, as pessoas que estão acompanhando a batalha erguem os braços e começam a gritar com força: “*terceiro, terceiro, terceiro*”.

O balanço do corpo e o balé das mãos de quem estava fazendo uma intervenção ou presente nas batalhas é algo empolgante, difícil ficar parado. Não é à toa que a maioria das pessoas que formam a roda balançam o corpo no mesmo ritmo. A cada balanço do corpo ou gesto com as mãos, um novo conjunto de versos e rimas toma conta da roda com palavras sem qualquer cunho político em alguns momentos, mas em muitos outros como forma de protesto, retratando a realidade vivida por eles. Alves e Silva (2018) afirmam que os mc’s são capazes de tornar político os versos que são construídos no interior das rodas com base nas experiências concretas dos participantes. Durante as rimas diversos temas são suscitados como forma de ataque ou resposta²⁶. Ao analisar os temas acionados pelos jovens mc’s no interior da batalha, fica nítido que “as rimas não se limitam à descrição e à denúncia dos poderes e opressões que limitam a experiência jovem (WEIHMULLER et al, 2018, p. 222)”.

Logo depois de cada round, os participantes são colocados diante do público, que faz o papel de jurado, para que sejam avaliados. Aquele que conseguir tirar mais barulho das pessoas que acompanharam a batalha, sendo capaz de vencer dois round’s, segue em frente no chaveamento rumo à próxima batalha. Caso haja empate os competidores se enfrentam novamente para que aconteça o desempate. Todos que estão na roda prestigiando a batalha se colocam como jurados, por isso os organizadores sempre repetem “*vamos fazer barulho para a melhor rima e não para o melhor amigo*”, demonstrando essa facilidade em se tornar um jurado em uma roda de batalha de rima.

²⁶ No decorrer da pesquisa de campo, fui separando os temas que mais apareciam nas rimas dos mc’s durante as batalhas da batalha do Cianê. Os temas que apareceram com mais frequência foram: tecnologia, futebol, política, talaricagem (quando alguém se interessa por uma pessoa que já tem compromisso), RAP, consciência social, filmes em geral, vídeo game, armas de fogo, operadoras de celular, redes sociais, Língua Portuguesa, História, periferia, masculinidade, cinema, poesia/literatura, realidade periférica, séries.



Imagem 4: Roda de rima na Batalha do Cianê.

Conforme a batalha se desenrola, é perceptível diversos encontros fora da roda de rima. A juventude presente no espaço é também atraída pela possibilidade do encontro, assim a sociabilidade juvenil se estabelece tanto dentro quanto fora da roda onde as intervenções poéticas e as batalhas acontecem. Este é o retrato do que me disse mc MR2 em conversa informal: “a batalha virou rolê”. Além de manifestação cultural e espaço político, a Batalha do Cianê é também um espaço de encontro entre pessoas. Enquanto as batalhas seguem de fase em fase, os encontros e as conversas não param do lado de fora da roda. Momento que alguns casais aproveitam para se afastar um pouco do movimento para “ficarem”.

Mesmo se tratando de um espaço composto por jovens moradores de diferentes áreas da cidade, reforço: fica nítido que a representatividade de gênero está muito aquém da realidade juvenil, uma vez que a participação de jovens mulheres é extremamente baixa na cena da Batalha do Cianê e demais batalhas da cidade, sendo a única exceção a Batalha do Beco das Mina. Diante deste cenário, fica evidente, que apesar de ter avançado no que se refere às questões de gênero, levando em consideração a existência de grupos formados somente por mulheres, cantoras solo, a organização de encontros de mulheres hip-hopers, etc, “o hip-hop, apesar de ser um movimento que tem como um dos seus fundamentos o respeito pela diversidade,

reflete as desigualdades que as mulheres encontram na sociedade” (SAID, 2007, p. 74 e 75).

Uma vez que o hip-hop se apresenta como um movimento cultural, mas que contribui para o desenvolvimento da consciência política, por sua origem contra hegemônica, não deveria aprofundar o debate a respeito da relação de gênero a partir dos elementos que formam a cultura hip-hop, inclusive no interior das batalhas de rima?

Mesmo diante de múltiplos cenários, positivos e negativos, conforme a batalha avança, mais emocionante a competição se torna. Fica nítido a expectativa criada pelo público diante da batalha final, pois o que se espera dos competidores é uma sequência de rimas capaz de deixar qualquer um sem fôlego. Geralmente a batalha final se torna um show à parte pois diversos celulares são posicionados a fim de garantir o melhor ângulo para filmar e fotografar e imediatamente ser postado nas redes sociais daqueles que estão presenciando o momento.

Tendo um vencedor, o rito final segue seu protocolo antes que comece a dispersão geral. O campeão se coloca ao lado do vice com seu troféu em mãos (folha de caderno onde estava organizada as chaves dos confrontos desde a primeira rodada até a final²⁷) para a tradicional foto a fim de ser postada nas redes sociais da Batalha do Cianê (Facebook e Instagram), ainda no mesmo dia ou no máximo no dia seguinte, com objetivo de dar visibilidade aos vencedores, mas também a toda fruição cultural que esteve presente durante a celebração da batalha.

²⁷ Quem tem mais folhas como prêmio, logo, foi mais vezes foi campeão.



Imagem 5: Foto do campeão (mc Baiano) e vice (mc Hayato) na Batalha do Cianê.

De acordo com Aderaldo e Raposo (2016), ao utilizarem as redes sociais com tal objetivo, os jovens passam a destacar a importância da ocupação e consequentemente ao pertencimento estabelecido em determinado território.

3.3 BATALHA BECO DAS MINA HIP-HOP SEM ENGANO, O QUE QUE CÊS QUEREM VER? O TERROR DOS PASSA PANO

Eu to fazendo a minha missão, com as minha mina então. São todas as que correm comigo na sessão e com elas que eu dou as mãos.

Mc Brandini

Protagonizada por jovens mulheres, a batalha do Beco das Mina²⁸ teve início no ano de 2018 e tem como objetivo construir um “*ambiente de resistência dentro da cena do RAP, que é majoritariamente masculina e machista*”, conforme aponta Letícia, uma das fundadoras do Beco das Mina. Desde a primeira batalha, o Beco das Mina acontece uma vez por mês, sempre aos domingos na praça Frei Baraúna, conhecida como praça do Fórum Velho, localizada na região central da cidade de Sorocaba.



Imagem 6: Print da reportagem sobre a novidade chamada Beco das Mina.

Cabe ressaltar que a praça Frei Baraúna sempre foi um espaço de atividades culturais, logo, o fato da batalha o Beco das Mina acontecer no lugar onde acontece pode ser compreendido como uma forma de manter viva a memória cultural que envolve a famosa praça do Fórum Velho. A praça Frei Baraúna abriga um dos prédios tombados como patrimônio histórico de Sorocaba onde já funcionou a Oficina Cultural Grande Otelo. Além deste projeto do governo do estado de São Paulo que já não existe mais; a praça Frei Baraúna já foi ocupada pelo Projeto Viva o Centro, pela Ocupação Jovem, pelo CarnaRAP, é também onde acontece a dispersão do Bloco do

²⁸ Em conversa informal com Letícia, uma das fundadoras do Beco das Mina, ela relatou a o nome atribuído a batalha foi uma construção coletiva a partir de um grupo de whatsapp composto somente por Mc's mulheres. Depois de uma série de opções levantadas, o nome *Beco das Mina* foi o mais votado e assim a batalha foi oficialmente batizada.

Depois, mais antigo bloco de carnaval de rua da cidade, e acolhe, bimestralmente, a Feira Beco do Inferno.

Além de ser um espaço onde a memória cultural pulsa, a praça Frei Baraúna se apresenta como uma das mais, senão a mais charmosa praça da região central da cidade. Lugar repleto de árvores nativas, com copas robustas capazes de fazerem uma bela sombra para aqueles que desejam se sentar na grama para fazer piquenique, conversar com amigos, fazer reuniões ou simplesmente ver o tempo passar. Os coqueiros em fileiras contribuem para um charme especial, formando um belo corredor de ponta a ponta da praça.

A localização do espaço onde acontece a batalha do Beco das Mina, facilita a chegada daquelas que irão participar com rimas ou para acompanhar como espectadora. Por este motivo, nos dias que acontecem as batalhas, é possível visualizar a chegada de diversas pessoas vindas de vários lugares, seja do ponto de ônibus existente na praça ou pelas diversas ruas que ligam a praça Frei Baraúna a outras localidades próximas da região central, como é o caso da rodoviária, terminal urbano Santo Antônio e São Paulo, etc.



Imagem 7: Local onde acontece o Beco das Mina mensalmente.

Para as jovens mulheres que fazem parte da organização, a batalha se inicia antes do dia e horário combinado. Tendo como principal ferramenta para a organização e mobilização, as redes sociais se transformam em aliadas para que a

batalha possa acontecer, ou seja, a organização se utiliza principalmente do Facebook, Instagram e WhatsApp para divulgar e convidar uma série de pessoas para prestigiarem o evento. Percebe-se assim, a “[...] conexão de jovens pobres com as novas tecnologias da informação e da comunicação e, com isso, a exploração de suas muitas potencialidades para o encontro e usos do espaço urbano (PEREIRA, 2017, p. 31)”.



Imagem 8: Print da página do Beco das Mina no Facebook.



Imagem 9: Print do perfil do Beco das Mina no Instagram.

Tendo como horário marcado para início às 18h00, as primeiras pessoas começam a chegar um pouco antes do horário combinado e passam a se acomodar na escadaria do obelisco existente no centro da praça. Conforme a movimentação de chegada aumenta, as rodas de conversa vão se formando por meio das afinidades, no entanto não é possível afirmar que pessoas que se encontram em uma determinada roda não se misturem ou dialoguem com outras, deixando claro o alto nível de entrosamento entre as participantes da batalha.

Durante os encontros proporcionados pela chegada na praça Frei Baraúna, as pessoas da organização passam a inscrever aquelas que irão participar da intervenção poética e/ou que irão batalhar²⁹. A intervenção poética, momento que sempre antecede a batalha, acontece de forma livre, sem qualquer tipo de competição. Cada pessoa que deseja recitar um poema ou cantar uma música, basta incluir o nome na lista elaborada pelas meninas da organização. Por se tratar de um momento que não se refere a uma disputa, os poemas e músicas são apresentados livremente sem qualquer preocupação em impressionar o público para conseguir a aprovação, e assim, seguir a uma próxima fase.

O momento da intervenção poética acaba sendo um espaço onde as jovens mulheres encontram para apresentar alguns trabalhos autorais, mas também espaço para construção de autoconfiança, pois diversos poemas são recitados por meninas que dizem não conseguir rimar, mas que conseguem recitar, mesmo que através de leitura. Arrisco-me a dizer que a intervenção poética acaba se tornando uma espécie de esquentar para os duelos que irão acontecer na roda da batalha.

O momento da batalha por sua vez, segue um ritmo e uma lógica diferente; terminada as intervenções poéticas, as meninas da organização elevam a voz em alto e bom som para dizerem juntas *“Batalha Beco das Mina, isso aqui a gente ama. Eita caralho! Eita disgrama”* e/ou *“Batalha Beco das Mina, hip-hop sem engano! O que cês querem ver? O terror dos passa pano!”*.

Dado o início oficial do momento das batalhas, a pessoa que vai comandar a apresentação chama as participantes para o centro da roda, com base no sorteio prévio que acontece para a formação da chave de disputa. O clássico “par ou ímpar”

²⁹ Toda a organização para a intervenção poética e para a batalha feita anteriormente fica registrado em um caderno. Neste caderno se organiza a lista das pessoas que irão realizar as intervenções poéticas e que irão batalhar. Para além de fazer uma relação das pessoas que irão batalhar, é organizada uma chave de confrontos para que por meio de sorteio a chave possa ser preenchida e assim organizar os confrontos até a final.

é a forma encontrada para ver quem começa. Com o celular conectado a uma caixinha de som através do bluetooth, o beat chega ao centro da roda para dar o ritmo às rimas que serão apresentadas. A pessoa responsável por controlar o beat não é a mesma em todas as batalhas, pois o pessoal da organização sempre pergunta quem tem celular com beat, possibilitando uma maior integração no espaço da batalha.

A batalha desenvolvida no Beco das Mina não segue uma única modalidade, sendo possível ter edições com batalha livre/batalha de sangue e batalha de conhecimento. A batalha livre ou batalha de sangue, é uma modalidade onde as mc's podem utilizar diversos assuntos para a construção da sua rima, logo adotam diferentes estratégias, desde que não ofenda sua adversária, ou seja, a batalha de sangue tem como foco a desconstrução da pessoa com quem se está batalhando. Na batalha de sangue, quem ganha o jogo do par ou ímpar como citado anteriormente escolhe se quer atacar primeiro ou se defender. Essa escolha acontece somente no início, pois no segundo round a ordem se inverte automaticamente.

A batalha de conhecimento por sua vez tem características particulares. Diferentemente da batalha de sangue, a batalha de conhecimento tem como foco um tema específico que pode ser estabelecido pela organização ou, para ser um pouco mais complexo e aumentar o grau de dificuldade, a própria organização pode pedir para que a plateia determine um tema a cada round ou a cada confronto, desde que o tema seja capaz de colaborar com a formação do pensamento crítico das participantes. Desta forma, a cada confronto as mc's devem construir suas rimas com base exclusivamente no tema proposto pela organização sem a necessidade de atacar a outra pessoa do duelo, pois o que vale é o repertório sobre a temática. Fica nítido que “o discurso contido nas rimas atrela um potencial crítico, que além de manter vivas as resistências, também evidencia uma potencialidade (uma fé, um projeto) de transformação social (WEIHMULLER et al, 2018, p. 225)”.

É evidente que ambas as modalidades trazem uma grande complexidade para as mc's, pois necessitam de um grande repertório para que sejam capazes de construir rimas consistentes e com conteúdo afim de agradarem ao público, pois é quem garante a passagem da mc para a próxima fase da batalha. As jovens competidoras “[...] duelam na rima e na improvisação. A intimidade com as palavras, a destreza do pensamento e a língua afiada são elementos valorizados nesses embates (SOUZA, 2014)”.

O desafio é grande haja visto que a batalha do Beco das Mina tem como dinâmica a batalha de trinta segundos. Neste caso, no primeiro e segundo round cada mc tem tempo determinado para desenvolver sua rima com o intuito de agradar ao máximo possível o público que forma a roda, pois aquela que conseguir fazer com que o público grite mais alto ao final do confronto será consagrada vencedora. Caso, ao final do segundo round haja um empate, o terceiro round é acionado para que aconteça o desempate. O acionamento do confronto de desempate pode acontecer por meio de consulta ao público, ou, dependendo da intensidade da batalha do segundo round, se o público entender que a mc que perdeu o primeiro for melhor no segundo, ao concluir o tempo as pessoas que estão acompanhando já começam a gritar com força: “*terceiro, terceiro, terceiro*”. Respeitando a orientação do público as mc’s se preparam para o terceiro round que se diferencia dos dois primeiros, pois, este assume uma outra dinâmica, o bate e volta.

Esta dinâmica se diferencia por ser mais acelerada, pois cada uma das mc’s se revezam na construção da rima respeitando a sequência 4-2-2-2, ou seja, as rimas devem ser construídas a partir dessa quantidade de versos e a pessoa que está apresentando a batalha tem a responsabilidade de controlar a construção das rimas para que não ultrapassem esse marcador.



Imagem 10: Roda de rima no Beco das Mina.

No entanto, não se percebe a presença somente das poetisas/poetisas e mc's nos dias em que acontecem as batalhas do Beco das Mina. Ao dar um passo para trás e assim sair da roda é possível perceber a presença de outras pessoas que não necessariamente rimam ou declamam e mesmo assim compõem a cena ali presente. Dessa forma foi possível ver e presenciar uma série de pessoas que estavam presentes com o intuito de acompanhar as intervenções poéticas e as batalhas entre as participantes, mas também as que simplesmente compreendem o Beco das Mina como a possibilidade de encontro entre amigos.

As pessoas que formam este grupo, por exemplo, dificilmente acompanham o que está acontecendo no interior da roda, mas mesmo assim fazem questão de estarem presentes até o final, pois como mencionei anteriormente, o Beco das Mina acaba desempenhando um papel que deve ser do poder público que é o de promover espaços culturais, através das políticas públicas. Sendo assim, é possível afirmar que essa mescla de pessoas é composta de “jovens [...] moradores de diferentes áreas da cidade, que se reúnem naquele espaço central, com vistas a desenvolver o encontro, lazer, namoro, [...], mas sobretudo, para realizar batalhas de rima improvisada [...] (GOMES, 2015, p. 41)”.

Pelo fato de a batalha do Beco das Mina acontecer em um espaço central, sempre aos domingos à noite, dificilmente se percebe a circulação pela praça o que dificulta a presença de pessoas aleatórias parando para ver o que está acontecendo ao perceber dezenas de pessoas amontoadas. Este é um fato que acaba destoando das demais batalhas, pois foi possível ver uma série de pessoas passando pelos lugares onde as demais batalhas da cidade acontecem e ao perceber uma certa aglomeração paravam para ver o que estava acontecendo e muitas vezes permaneciam até o final.

Permanecendo do lado de fora da roda, as poucas pessoas que passam pela praça no momento da batalha, aparentemente moradores/as da região, acabam olhando com certo receio para a movimentação em torno da batalha do Beco das Mina. Mc Brandini, relata que: “domingo [...] os idosos brancos gostam de passear com seus cachorros, então assim, a gente vê caras estranhas, a gente vê situações onde as pessoas estão julgando”. Nesse sentido há uma espécie de disputa pelo espaço público da praça Frei Baraúna, porém, não somente com moradores da região, pois em algumas edições do Beco das Mina não havia o básico para que a batalha pudesse acontecer, ou seja, luz nos postes internos da praça. Mesmo diante de ações

rasteiras como essa, a batalha acontecia, na calçada do outro lado da rua, embaixo do poste de luz que fica em frente à banca de flores Toyama.

Impressionou-me como as meninas se portam de forma propositiva e resistente frente às dificuldades que encontram no decorrer dos acontecimentos referente ao Beco das Mina. É como se as adversidades que as jovens mc's encontram às fortalecessem para continuarem construindo o espaço que lhes é de direito, como um lugar de resistência contra o machismo, mas também a favor da valorização da cultura de rua.

Voltando para dentro da roda, o evento se desenrola de batalha em batalha, round a round, rima em rima até a grande final e aqueles que estão acompanhando atentamente, se envolvem por inteiro. A cada rima bem construída e embalada pela batida do beat o público reage de forma intensa e assim, a vibração de quem forma a roda do lado de fora se mistura com a vibração de quem está dentro, colaborando com o balanço do corpo e dos braços como em um balé, ou num duelo balizado por movimentos de defesa e ataque. Todo esse movimento dos corpos, segue o balanço das belas folhas das palmeiras, como se estivessem na mais fina sintonia entre o ser humano e a natureza.

No trajeto entre a primeira e a última batalha da noite, toda a energia, vibração, sintonia e envolvimento aumenta significativamente, fazendo da batalha final um evento a parte. Tanto que, antes mesmo de soltarem o beat e as mc's começarem a rimar, diversos celulares surgem com seus flashes ligados a fim de registrar, seja por vídeo ou foto, o grande embate que está por vir. Sem perderem um detalhe sequer, os registros acontecem e logo começam a aparecer nas redes sociais daqueles que prestigiam o belo momento ocorrido diante de seus olhos.

Sem qualquer alteração, a batalha final segue as mesmas regras e a mc que quiser ser campeã, assim será se conseguir tirar mais barulho do público ali presente. Aquela que conseguir duas vitórias, em três rounds, irá se consagrar campeã da noite. Assim, o troféu será levado para casa - a folhinha onde foi organizada a chave dos confrontos das batalhas que aconteceram na noite; logo, quanto mais folhinhas, mais vezes essa pessoa foi campeã.



Imagem 11: Foto da campeã (mc Jéssica Venenosa) e vice (mc Brandini) no Beco das Mina.

Ao final da batalha e antes mesmo de rolar uma dispersão geral, a campeã e a vice se posicionam para a foto, a campeã segurando seu troféu, que será exibida nas redes sociais do Beco das Mina no mesmo dia ou no mais tardar no da seguinte e, assim utilizam “o espaço virtual para reivindicarem a importância simbólica de seus pertencimentos territoriais (ADERALDO e RAPOSO, 2016, p. 281)”.

3.4 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NA CONSTITUIÇÃO DAS BATALHAS

É assim que a gente faiz, isso mesmo moça, isso mesmo rapaiz. A mão pra cima fortalece a rima, a mão pra cima fortalece a rima, eu quero ver dos mano e das mina.

Kamau

Diante de um cenário onde a evolução da urbanização segue a lógica do mercado, a cultura, enquanto prática, tem contribuído de forma significativa para os processos de ressignificação dos espaços públicos. “O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil (DAYRELL, 2002, p. 119)”. Neste sentido, diversos coletivos de caráter juvenil têm se apropriado dos espaços urbanos a fim de transformá-los, contribuindo para que outras dinâmicas se instalem em cada localidade onde as batalhas acontecem, colaborando diretamente no desenvolvimento das pessoas, por meio dos diversos processos de sociabilidade.

A ação juvenil, com uma multiplicidade de agendas e formatos organizativos, tem conseguido produzir formas interessantes de resistência, apropriação e ressignificação dos espaços urbanos [...] no centro desse fazer político está sua estreita relação com as práticas culturais dessa juventude. (Freitas e Pierro, 2015).

Diante das possibilidades da construção de espaços de sociabilidade proporcionadas pelas batalhas de rima na cidade de Sorocaba, a Batalha do Cianê e o Beco das Mina colaboram para que os jovens e as jovens construam “redes de relacionamentos e circuitos culturais (ALMEIDA et al, 2012, p. 20)” e assim tendo a possibilidade de se constituírem como “produtores de sociabilidades e estilos juvenis que atualizam o sentido do estar junto em contextos de lazer, fruição e produção cultural mesmo diante de inúmeras precariedades econômicas e sociais (ALMEIDA et al, 2012, p. 20)”.

O processo de construção das identidades juvenis perpassa pela análise da condição social dos indivíduos, afinal, a identidade se faz por meio das relações sociais que é possível estabelecer com as pessoas que se convive, ou nos espaços que se transita. “A socialização e a formação dos sujeitos são entendidas como o processo mediante o qual os atores constroem sua experiência (DUBET, 1997 apud DAYRELL, 2002, p. 121 e 122)”. Desta forma a Batalha do Cianê e o Beco das Mina apresentam-se como uma possibilidade real de jovens da periferia se colocarem como agentes transformadores dos mais variados espaços urbanos da cidade.

As batalhas de rimas é um fenômeno que potencializa o deslocamento de sujeitos dos seus bairros de origem como uma forma de resistência que visa superar os estigmas sociais, na construção de uma estética cultural instituída por meio da produção de sonoridades, cheiros, emoções, interações através das quais eles se afirmam enquanto sujeitos “periféricos” e/ou “representantes na cultura de rua” ativos e

capazes de modificar a sua própria realidade (Alves e Silva, 2018, p. 04)

Ao ocupar o espaço público, a batalha de rima ressignifica o espaço por meio da prática social, logo, novas formas de representação e construção do espaço público são aplicadas por meio da ação direta da articulação de jovens que organizam e participam das batalhas. Sendo assim, ao se fixar pela localidade, o espaço concebido se transforma em espaço vivido, onde os espaços se superpõem, todas as vezes que as batalhas de rima acontecem.

Até no atual [hoje/nos dias atuais], o espaço urbano aparece duplamente: cheio de lugares sagrados-malditos, consagrados à virilidade ou à feminilidade, ricos de fantasmas e fantasmagorias, mas também racional, estatal, burocrático, monumentalidade degradada e recoberta pelas circulações diversas e pelas informações multiformes. Uma dupla leitura se impõe: o absoluto (aparente) no relativo (real) (Lefebvre, 2000, p. 317).

Levando em consideração o espaço ocupado pela Batalhas do Cianê e o Beco das Mina, ambas colaboram diretamente para que a relação centro/periferia, constituída por uma racionalidade capaz de negar as relações sociais existentes, perca força diante da mobilidade dos jovens e das jovens pela cidade, colocando em xeque a ideia de circulação restrita, casa/trabalho/casa, efetuada pela classe trabalhadora no seu dia a dia, pois, “o cotidiano não vai ser entendido como instância da alienação de uma vida fadada à repetição, mas como âmbito de resistência (TAVOLARI, 2016, p. 102)”.

Muito além desta dinâmica, pensar as batalhas na região central é pensar na ideia de uma cidade viva que existe para além dos bairros periféricos, pois segundo Bianca Tavorari, (2016) “uma cidade só existe para quem pode se movimentar por ela (p. 106)”.

Diante desta compreensão, Almeida et al (2012) contribui com a reflexão ao defender que a mobilidade juvenil é, também, muito importante para “interação social e abre campo de possibilidades para a diversificação da experiência social (p. 12)”. Logo, quanto maior a possibilidade de circulação pela cidade, maior será a capacidade de intervir nos espaços urbanos, mas também de ampliar suas relações pessoais potencializando seu capital cultural³⁰ a ponto de relativizar as homogeneidades

³⁰ “A acumulação de capital cultural exige uma incorporação que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, custa tempo que deve ser investido pessoalmente pelo investidor [...]. Sendo pessoal, o trabalho de aquisição é um trabalho do “sujeito” sobre si (fala-se em “cultivar-se”). O capital cultural é um ter

“oriundas das posições sociais de origem e provoca o jogo da multiplicidade de papéis exigido pela vida na cidade (ALMEIDA et al, 2012, p. 12)”. Logo, é possível afirmar que os jovens “querem ter um lugar na cidade, usufruir dela, transformando o espaço urbano em um valor de uso (DAYRELL, 2002, p. 134)”, diante de uma perspectiva de compreensão da cidade como obra e não somente como produto.

A ocupação dos espaços pela Batalha do Cianê e pelo Beco das Minas não acontece, porém, sem conflito. Mesmo diante de uma realidade onde a falta de políticas culturais é recorrente, portanto, as batalhas de rima se tornam alternativas, há um processo de perseguição, marginalização e criminalização deste movimento por parte dos agentes de segurança pública. Mc MR2 nos ajuda na reflexão ao afirmar: *“quando ele (policial) vê o jovem que tá com roupa larga, boné de rap, ele já marginaliza”*.

[...] a posição ou estado de vulnerabilidade é predominantemente social e consiste no grau de risco ou perigo que a pessoa corre só por pertencer a uma classe, grupo, estrato social, minoria, etc., sempre mais ou menos amplo, como também por se encaixar em um estereótipo, devido às características que a pessoa recebeu [...] (Zaffaroni, 1991 apud Neves, 2006, p. 07).

O risco, o perigo e o medo se traduzem nas palavras de integrantes da Batalha do Cianê e do Beco das Mina ao abordar essa temática durante as entrevistas. Mc Mesut, relata que:

No Cianê, quantas vezes os caras foram embaça lá, chego dando cacetada nos outros, pá, borrachada nos caras à toa, jogando gás de pimenta, chutando o comércio de ambulante, do nada, tá ligado? O sistema não vê muito bem nenhum movimento revolucionário. Uma coisa que abre a cabeça de uma pessoa pra conhece um conhecimento não vão vê como uma coisa boa atualmente, principalmente por este governo que tá. O baguiu é opressão completa, tá ligado?

Por sua vez, a mc Brandini colabora com a discussão ao afirmar que:

E o fato de você estar dentro de uma praça pública, quantas vezes a gente sente medo de tá na praça fazendo um movimento cultural e chega a polícia lá e bate na gente. Sempre, a gente sempre tem medo

que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da “pessoa” [...]. Aquele que o possui “pagou com sua própria pessoa” e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo. Esse capital pessoal não pode ser transferido instantaneamente (diferentemente do dinheiro, do título de propriedade ou mesmo do título de nobreza) por doação ou transmissão hereditária, por compra ou troca. Pode ser adquirido, no essencial, de maneira totalmente dissimulada e inconsciente, e permanece marcado por suas condições primitivas de aquisição (Bourdieu, 2007, p. 74 e 75).

disso acontecer, parece que toda vez que a gente...fica atento e sempre passa uma viatura de polícia quando a gente tá lá, sempre, não teve uma edição que não passou, se você tá lá vai passar uma viatura de polícia, por que a gente tem edições de protestar contra o governo, protestar contra o militarismo no nosso país [...].

Além dos relatos apresentados por dois jovens que vivem a Batalha do Cianê e o Beco das Mina intensamente, cabe destacar uma das ações de opressão e truculência ocorrida no dia 31/10/2019. Depois de ficar mais de um mês tendo de se reunir em outro lugar, pois devido a constante perseguição da Polícia Militar e da Guarda Civil Metropolitana por conta de uma questão burocrática (pedido de autorização) a Batalha do Cianê passou a acontecer na sede da torcida organizada do Esporte Clube São Bento (tradicional time de futebol da cidade), a batalha voltou para seu local de origem. Todas as semanas, depois desta volta, alguns agentes de segurança pública, estadual ou municipal sempre passavam para “visitar” a batalha de forma bastante truculenta. Dentre essas visitas, a que ocorreu no último dia do mês de outubro de 2019 foi algo extremamente grotesco e desumano. Sem qualquer possibilidade de diálogo, oficiais da Guarda Civil Metropolitana saíram de duas viaturas com seus cassetetes, gás de pimenta e imediatamente começaram a disparar contra aqueles que participavam da batalha naquele momento. Muitos jovens, infelizmente, foram atingidos pelos cassetetes e pelo gás de pimenta, foi o maior corre, corre para tentar se safar da violência policial naquele momento. Presenciar essa ocorrência foi, sem dúvida, um dos piores momentos da minha vida.

Esses tipos de intervenções visam à higienização dos espaços públicos, fenômeno que reforça ainda mais o preconceito e exclusão social ao violentar alguns estratos da sociedade em detrimento do privilégio de outros, reproduzindo estigmas sociais difundidos no imaginário social [...] (Alves e Silva, 2018, p. 08)

Parece existir uma batalha que se dá dentro da roda formada pelo público onde os competidores duelam com toda habilidade possível, na busca pela melhor performance, e outra batalha pelo direito de ocupar e ressignificar o espaço público, negligenciado pelo Estado, que envolve todos os participantes independentemente de serem competidores ou não.

Assim, para além do processo de criminalização que afeta este grupo urbano, traz à tona, para o debate na esfera pública, a discussão do lugar do pobre, ou melhor, o seu direito ao lazer e ao “acesso” à cidade. Coloca em pauta as contradições do processo de

“democratização” do país e expõe as suas fissuras sociais (Hershmann 2005, apud Pereira, 2016, p. 549).



Imagem 12: Viatura da GCM estacionada onde a Batalha do Cianê acontece, impedindo a realização da batalha.

A dimensão dos conflitos é uma constante na realidade das batalhas, pois tanto nos processos de ocupação do espaço protagonizado pela Batalha do Cianê como pelo Beco das Minas, são atos de transgressão da ordem estabelecida, transformando o espaço público, segundo Lucio Kowarick (2007), em local de polarizações. Desta forma os conflitos se estabelecem de forma concreta através de embates com agentes da segurança pública como também através dos olhares que recriminam a ação de jovens oriundos da periferia.

Cabe salientar que, a ação repressora dos agentes de segurança pública simboliza a presença do Estado no dia a dia das batalhas de rima, pois, não há nenhuma ação efetiva do governo municipal com o intuito de contribuir, por meio de políticas públicas, com o fortalecimento das batalhas. Diferentemente de outras cidades da região e até mesmo da capital paulista, não há qualquer tipo de oferta de estrutura advinda de qualquer secretaria ou até mesmo editais que possam colaborar,

através da destinação de recurso financeiro, para o desenvolvimento e fortalecimento das batalhas de rima existentes na cidade.

Mesmo diante de uma realidade onde a opressão é recorrente, a Batalha do Cianê e o Beco das Mina resistem e se mantem como parte da cidade, mesmo diante de uma realidade repleta de contradições, dentro de uma concepção de que a cidade é o lugar por excelência de trocas, convivência, aprendizagem, rupturas, etc.

Diante desta compreensão é possível afirmar que as ações dos jovens fazem a cidade, estabelecem novas formas de sociabilidade e acionam múltiplas resistências. “Os jovens envolvidos [...] reivindicam seu direito à cidade a partir da presença e do consumo do espaço urbano, ao contrário dos jovens que abdicam de estar na rua e nos espaços públicos [...] (MOREIRA, 2016, p. 07)”.

Desta forma fica nítido que o cenário urbano é muito mais do que edificações, pois os jovens que articulam e participam da Batalha do Cianê e do Beco das Mina têm a capacidade de ressignificar os mais diversos espaços, como praças, parques e ruas sem saída, “[...] utilizando o espaço urbano como estratégia de luta e como palco do florescimento (DIAS e SILVA, 2018, p. 6)” de criatividade e resistência.

As batalhas de rimas instituem práticas de lazer e sociabilidades elementares aos grupos periféricos da sociedade local, assim como potencializam o deslocamento de sujeitos e grupos das diferentes localidades [...], portadores de diferenças subjetivas que os distinguem em determinados aspectos, mas que os aproximam em outras características comuns a todos. Essas batalhas geram efeitos de identificações imprescindíveis à composição dos atributos valorativos compartilhados coletivamente e agenciados pelos sujeitos no processo de afirmação de suas similaridades e diferenças, quer seja entre seus pares ou perante seus diferentes (Alves e Silva, 2018, p. 11 e 12)

Diante deste contexto, podemos perceber que os espaços urbanos passam por um movimento de construção/desconstrução, logo, tais espaços e a cidade se constituem por intermédio da ação direta dos sujeitos. “Se a cidade é uma construção social, se é primeiro o reflexo dos processos de (re)produção da sociedade, os indivíduos que nela estão são agentes fundamentais desse processo construtivo dialético e contínuo (MOREIRA, 2016, p. 05)”.

Diante da dinâmica citada anteriormente, a Batalha do Cianê e o Beco das Mina articulam-se como forma de alterar as mais variadas tensões estabelecidas no contexto urbano afim de se apropriar ainda mais dos espaços e da cidade como um todo em um nítido processo de ação reivindicatória, pois, “na cidade [...] queremos o

direito à cidadania, à vida na cidade (MARICATO, 1987 apud TAVOLARI, 2016, p. 99)”.

Todas as pessoas que vivem na cidade são cidadãos? Não é bem assim. Na verdade, todos têm direito à cidade e têm direito de se assumirem como cidadãos. Mas, na prática, da maneira como as modernas cidades crescem e se desenvolvem, o que ocorre é uma urbanização desurbanizada. [...] Direito à cidade quer dizer direito à vida urbana, à habitação, à dignidade. É pensar a cidade como um espaço de usufruto do cotidiano, como um lugar de encontro e não de desencontro (Jacobi, 1986 apud Tavolari, 2016, p. 99).

Assim a cidade deveria ser vivenciada como um grande palco repleto de potencialidades, capaz de contribuir diretamente com a mudança da cidade a partir da mudança dos próprios sujeitos. Logo, ao olhar para os processos de ocupação e ressignificação dos espaços públicos pelas batalhas de rima é perceber que há também um horizonte político, pois, o ato de reinventar a cidade pode ser encarado como a possibilidade da tomada de consciência, implícita no debate e nos atos que envolvem a questão do direito à cidade, que se materializa na “tentativa de organizar lutas [...], de ampliar pautas específicas para um contexto mais abrangente com objetivos políticos [...], de dar um sentido à apropriação dos espaços da cidade e das lutas por direitos (TAVOLARI, 2016, p. 102)”.

Neste sentido, ao acompanhar a Batalha do Cianê e o Beco das Mina, ficou evidente uma atuação mais engajada por parte daqueles e daquelas que constroem as respectivas batalhas na cotidianidade. A atuação engajada se estabelece em ações como as rodas de conversa organizadas pelo Beco das Mina, onde há a possibilidade de ocupar o espaço público também com debates imprescindíveis que dizem respeito diretamente com a vida das jovens mulheres que vivenciam as batalhas de rima no seu dia a dia. Temas como: feminismo, feminismo negro, resistência lésbica, visibilidade trans, etc., passaram a fazer parte do Beco das Mina como uma possibilidade real de formação política. Desta forma, o Beco das Mina, além de roda de rima, se transforma também em “um espaço de discussão e questionamento, de aprendizado e construção conjunta de novas possibilidades (TRAVERSO-YÉPEZ e PINHEIRO, 2005, p. 160)”.

Além do processo formativo protagonizado pela batalha do Beco das Mina, cabe ressaltar pelo menos mais três momentos, que tive a oportunidade de acompanhar, que mostram a capacidade de intervenção político-social dos integrantes da Batalha do Cianê e do Beco das Mina. O primeiro deles foi uma reunião

que tiveram com o então secretário de cultura da cidade de Sorocaba em agosto de 2018.

Tendo como pauta o desenvolvimento cultural da cidade, a vereadora Iara Bernardi intermediou e possibilitou o encontro entre as partes para que os e as integrantes das batalhas ali presentes pudessem expor suas compreensões referente à necessidade do reconhecimento do RAP como expressão artística e cultural por parte do poder público. Além deste ponto específico, foi colocado diante do secretário de cultura a urgência por uma política pública de cultura capaz de contribuir com o fomento de ações culturais, especialmente aqueles desenvolvidos pela juventude, assim como fortalecer a ideia da cultura como direito.



Imagem 13: Reunião entre membros do Beco das Minas e Batalha do Cianê e secretário de cultura de Sorocaba.

O segundo, dos três acontecimentos que vale ressaltar foi o árduo processo de conscientização eleitoral que se estabeleceu durante o primeiro e o segundo turno da eleição presidencial de 2018, em oposição ao então candidato Jair Bolsonaro. Tanto a Batalha do Cianê quanto do Beco das Minas estabeleceu um posicionamento contrário extremamente firme em relação à candidatura daquele que hoje ocupa a presidência da república. Em todas as edições, as pessoas que formavam a organização das referidas batalhas faziam questão de se colocarem, a partir de argumentos concretos, para que houvesse um momento de conscientização afim de demonstrarem o quanto poderia ser prejudicial uma eventual eleição do atual presidente. Infelizmente sabemos como se deu o desfecho da eleição presidencial de 2018.

Enfim, quero destacar a presença e o envolvimento de membros da Batalha do Cianê e do Beco das Mina no processo de elaboração, debate e aprovação da semana do hip-hop na cidade de Votorantim, vizinha de Sorocaba. A referida semana foi criada com base na aprovação do projeto de lei 004/2019 de autoria do então vereador José Claudio Pereira "Zelão".

Sobre o processo de criação da semana do hip-hop de Votorantim, a mc Jéssica Venenosa, participante do Beco das Mina, em conversa informal fez o seguinte relato, *“o gabinete do vereador se tornou um ponto de encontro do movimento hip-hop. Tivemos liberdade para entrar e sair do gabinete quando quiséssemos e também para falar o que achávamos importante sobre a lei que iria instituir a semana do hip-hop em Votorantim”*.

A semana do hip-hop passará a fazer parte do calendário oficial de eventos da cidade e será celebrada sempre na última semana do mês de novembro, uma referência ao mês da Consciência Negra.



Imagem 14: Dia da aprovação do Projeto de Lei que criou a Semana do Hip-Hop em Votorantim.

Presenciar a atuação política envolvendo integrantes do Beco das Mina e da Batalha do Cianê demonstra a capacidade do hip-hop em se colocar para além de um movimento cultural, um espaço de inclusão e luta contra a discriminação contra jovens negros e periféricos³¹.

Diante deste cenário, Almeida (2013) nos ajuda na reflexão sobre a atuação política dos coletivos juvenis ao afirmar que: “Pensar a resistência pela cultura é

³¹ “Apesar da força que o Hip Hop vem fazendo para tornar visíveis os jovens negros das periferias, as mulheres que compartilham desta mesma cultura parecem seguir invisíveis [...] (Souza, 2006, p. 10)”.

compreender que a ação política adentrou o cotidiano e, por outro lado, que a cultura se faz presente neste cotidiano (p. 167)". No entanto, a questão do cotidiano relacionado as batalhas apresentam cenários de avanço como vimos anteriormente, mas também de limites históricos.

A questão da limitação está intimamente ligada à lógica do machismo que ainda se faz presente na cena da cultura hip-hop de forma ampla, uma vez que se trata de um movimento que faz parte da dinâmica, estrutura e histórico-social da dicotomização da atribuição dos lugares sociais de acordo com o gênero, gerando assim uma "naturalização do machismo na sociedade brasileira e, por extensão, na comunidade hip hop (PARDUE, 2008, p. 521)". Maria Noemi de Castilho Brito em artigo intitulado "Gênero e Cidadania: referenciais analíticos", afirma que,

Historicamente, a construção das identidades de homens e mulheres se tem configurado a partir da dicotomia entre as esferas pública e privada, com atribuições de papéis, atitudes e valores previamente definidos segundo modelos naturais (Brito, 2001, p. 291).

A histórica condição de construção de identidades e definição de papéis e função de homens e mulheres, privilegiou a presença de homens nos espaços públicos em detrimento da permanência das mulheres no espaço privado. Cabe ressaltar que esta condição foi imposta às mulheres, sendo elas obrigadas a se reservarem e conseqüentemente se eximirem da luta pela ocupação de espaços na cena pública. Não à toa, a historiadora Michelle Perrot (1989) afirma que as mulheres são sobras tênues quando se trata da memória coletiva, uma vez que esta compreensão memorial está intimamente ligada à presença nos espaços públicos.

Com tudo, diante desta composição histórico-social, com exceção do movimento feminista, os demais movimentos que se formam em meio a intensa dinâmica social brasileira acabaram por reproduzir a lógica machista e sexista visivelmente presente nas relações de gênero quando nos referimos à presença de homens e mulheres nos espaços públicos.

De acordo com Bourdieu (1990), em *A Dominação Masculina*, a ordem social faz uma divisão do que é masculino e o que é feminino. Dentro desse argumento, estaria os lugares públicos reservados aos homens e os lugares privados reservados as mulheres. Levando esse argumento para a discussão sobre gênero no hip hop, estaria a mulher limitada a esse movimento por ele ser uma cultura de rua, logo a rua seria um espaço público (Lima, 2014, p. 1.375).

Logo, como citado anteriormente, o movimento hip-hop se encontra na esteira dos movimentos que passam a reproduzir a perspectiva machista e sexista presente em nossa sociedade, uma vez que “[...] os hip hoppers masculinos reforçam uma noção geral de masculinidade brasileira dentro do paradigma de patriarcado (PARDUE, 2008, p. 538)”. Diante deste paradigma, os jovens do sexo masculino, que formam a maioria entre participantes do movimento hip-hop, acabam por aprofundar ainda mais as desigualdades de gênero no interior do movimento através da composição e interpretação do RAP que acabam “pegando pesado” com as jovens mulheres.

“As letras de rap deslocam o preconceito do campo do privado, das situações cotidianas, para a arena pública, deixando evidente o preconceito dos homens (SOUZA, 2005, p. 31)”, levando as jovens mulheres a ocupar um lugar secundário, onde são “vistas apenas como “a acompanhante”, “a minha mina”, [...] “a mãe do meu pirralho”, “a dona encrenca” etc.. (SUNEGA e SANTOS, 2008, p. 89)”.

Mesmo diante de um conjunto de ações e posturas protagonizadas pela maior parte do contingente juvenil masculino vinculado ao movimento hip-hop, abre-se a “possibilidade de resposta pública de outros grupos que não se sentem respeitados ou reconhecidos (SOUZA, 2005, p. 31)”. Inevitavelmente, as jovens mulheres, também integrantes do movimento, passam a articular e organizar o que conseqüentemente nos leva a perceber tais repostas com um objetivo claro de conquistar “espaços para se tornarem tão protagonistas no movimento como os homens (LIMA, 2014, p. 1.378)”.

As repostas das jovens mulheres se concretizam em ações. Segundo Sunega e Santos (2008), uma espécie de movimento dentro do movimento capaz de garantir o reconhecimento e o fortalecimento das mulheres passa a acontecer, e como resultado direto, uma série de mulheres passam a ocupar os mais diversos espaços dentro do movimento. Em âmbito geral cabe destacar a criação da Frente Nacional Mulheres no Hip-Hop³² e em âmbito local a articulação e consolidação da batalha do Beco das Mina.

³² “Fundada em 2010, a Frente Nacional das Mulheres no Hip Hop surgiu dentro do I Fórum Nacional de Mulheres no Hip Hop, que aconteceu em Carapicuíba e está representada em mais de 15 estados brasileiros. O projeto tem como objetivo destacar a importância da participação feminina na sociedade, por meio de atividades temáticas voltadas a cultura, política e cidadania. [...] Participam da FNMH2 simpatizantes do hip hop e mulheres que o utilizam como ferramenta de mudanças (Dilon, 2014)”.

Desta forma, diante de uma ampla articulação de jovens mulheres com o objetivo de ocupar espaços no movimento hip-hop, pode-se afirmar que a dominação masculina começa a ser colocada em xeque e assim se torna possível a construção de uma nova perspectiva, pois, “a questão de gênero não é só sobre o número de mulheres no movimento, mas envolve uma reflexão [...] (PARDUE, 2008, p. 539)” direta e profunda sobre as relações que são construídas no interior do movimento, mas também do movimento com a sociedade como um todo.

No entanto, mesmo diante do avanço da participação feminina no movimento hip-hop, não é possível afirmar que seja algo dado, pelo contrário, a ocupação dos espaços demanda, segundo Zanetti e Souza (2009), um processo de conquista e negociação de forma constante, possibilitando a construção de espaços para “as mulheres que vá além do discurso produzido pelos homens sobre elas (SOUZA, 2006, p. 11)”.

Levando em consideração que o hip-hop “tornou-se sinônimo de movimento de resistência e protesto (SUNEGA e SANTOS, 2009, p. 87)”, a presença das jovens mulheres contribui para que haja um aprofundamento dos debates no que se refere às desigualdades e preconceitos vivenciados por grande parcela da juventude, principalmente a juventude oriunda das periferias, “dando destaque não só a questão racial e social, mas fazendo com que isso seja problematizado com a inserção da mulher (LIMA, 2014, p. 1.375)”.

Diante desta perspectiva e atrelado a consciência de que o hip-hop é um movimento por excelência nativo do espaço público, a batalha do Beco das Mina tem contribuído diretamente através da sua cotidianidade com a “remodelação e apropriação de um feminismo pautado nas experiências e visões de mundo de jovens-adolescentes (WELLER, 2005, p. 112)”.

Experiências e visões de mundo que são balizadas pela vivência da cotidianidade urbana. É justamente por este fato que ao se tornar uma realidade na cena da cidade que o Beco das Mina contribui diretamente na ampliação da luta pelo direito à cidade, que como vimos anteriormente é historicamente negado às mulheres.

As dimensões de gênero, raça, orientação sexual e geração atravessam a nossa vivência do espaço urbano, proporcionam experimentações diversas e podem somar camadas de opressão que se combinam e entrecruzam, agregando elementos para a condição de segregação socioeconômica e espacial de alguns sujeitos. Para que sejam superadas todas as opressões que historicamente são

apresentadas a luta pelo direito à cidade deve ser uma luta que contemple a diversidade de corpos, vivências e necessidades (Correia et al, 2018)

Logo, fica nítido a “necessidade de valorizar a perspectiva de gênero [...] de maneira a viabilizar melhores condições de vida e direito democrático à cidade (PEREGRINO, 2011, p. 239)”, possibilitando, paulatinamente, a garantia de que as mulheres possam ocupar e consequentemente garantir seus espaços na cena pública, contrariando drasticamente a ideia de que para as mulheres se reservam a dimensão do privado. De acordo com Sunega e Santos (2009), a ocupação do espaço público pelas jovens mulheres por meio da batalha do Beco das Mina, proporciona duas dimensões de fundamental importância, sendo elas: a transformação do espaço urbano e a alteração das relações com a cidade.

Assim, a Batalha do Cianê e o Beco das Mina se constroem cotidianamente, em alguns momentos de forma semelhante e em outros de forma bastante diferente, mas sobretudo a partir de uma dinâmica própria, estipulada pela juventude oriunda da periferia. O espaço das batalhas pode ser encarado como uma multiplicação de instâncias de circulação artística, cultural e política, pois, “[...] o poder coletivo dos corpos no espaço público ainda é o instrumento mais eficaz de oposição quando todos os outros meios de acesso encontram-se bloqueados (HARVEY, 2014 apud DIAS e SILVA, 2018, p. 6)

Pode ser compreendida também como um fenômeno juvenil que faz de uma simples rua sem saída ou uma mera praça em espaço “multifacetado, prenhe de significados (STELLA, 2015, p. 14)” tendo como pano de fundo a realidade vivenciada nas diversas periferias de Sorocaba, estabelecendo uma disputa pelo direito ao lazer, à cultura e à cidade. Um espaço com caráter de enfrentamento da realidade local, mas também inclusivo e democrático. No entanto, também podemos compreender as batalhas como um espaço de trocas, aprendizagem e sociabilidade.

Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual da sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca (Mauss, 2003, p. 212, Apud Stella, 2015, p.15)

Diante da dinâmica citada, os coletivos juvenis seguem se articulando como forma de reivindicar “a cidade como espaço de realização do ser humano, baseada na plena sociabilidade entre seus habitantes (DIAS e SILVA, 2018, p. 7)” e alterar as

mais variadas tensões estabelecidas no contexto urbano afim de se apropriar ainda mais dos espaços em um nítido processo de ação reivindicatória por seu direito de viver a cidade. Assim, o Beco das Mina e a Batalha do Cianê contribuem diretamente para um processo mais amplo no que se refere em “conceber o espaço urbano como local para satisfazer as necessidades e possibilidades coletivas (DIAS e SILVA, 2018, p. 11)”.

4 TRAJETOS E TRAJETÓRIAS: A EXPERIÊNCIA DE JOVENS QUE VIVEM E RIMAM A CIADADE

Tão falando que eu me acho o melhor do mundo e nessa levada eu vou te explicar, você veio julgar pela minha aparência, mas o hip-hop é uma questão de ser e não estar.

Mc Bruce

Os trajetos e trajetórias de jovens mc's, membros da Batalha do Cianê e do Beco das Mina serão o centro desse capítulo. São seis jovens (três homens e três mulheres) que conheci e entrevistei no processo de acompanhamento da Batalha do Cianê e do Beco das Mina. São jovens que organizam e participam ativamente das batalhas.

4.1 OS E AS JOVENS

Matheus, também conhecido como mc MR2, tem vinte e dois anos e faz parte da organização da Batalha do Cianê, sendo o mais antigo, pois está presente na vida da batalha desde seu primeiro dia. Morador do bairro Vila Fiori, zona norte de Sorocaba, Matheus sempre dependeu do transporte coletivo para chegar e ir embora da batalha, no entanto, nos últimos tempos seu itinerário passou a depender de seus afazeres após o término do expediente de trabalho. Caso precise resolver algum assunto na região central da cidade, uma única condução é suficiente para chegar ao centro, mas, caso não necessite ir até o centro após seu expediente, Matheus encara duas conduções para chegar em sua casa e mais uma até o local da batalha.

Letícia, tem dezenove anos e além de fazer parte da organização do Beco das Mina é uma das fundadoras da batalha. Incomodada com o ambiente majoritariamente masculino e com práticas machistas, a jovem passou a mobilizar diversas meninas hip-hoppers, que vivenciavam as batalhas e que não encontravam espaço e acolhida para desenvolverem suas rimas. Moradora do extremo leste da cidade de Sorocaba, Letícia tem sua residência no bairro Cajuru do Sul. Seu bairro está mais de vinte quilômetros do centro da cidade, podendo levar mais de uma hora para chegar ao

local onde acontece a batalha do Beco das Mina. Dependente do transporte coletivo, afirma utilizar dois trajetos para chegar à Praça Frei Baraúna:

eu fazia dois caminhos possíveis: um de três ônibus, do bairro (Cajuru) até o terminal São Paulo, depois um até o terminal Santo Antônio, e por fim qualquer um no terminal Santo Antônio que passasse perto da praça Frei Baraúna; e o outro, que eu prefiro, era um ônibus do bairro (Cajuru) e descia na praça do Canhão para ir a pé até a Frei Baraúna, uns 15min de caminhada.

Wesley Cavalcante, conhecido como mc Cavalca é morador do bairro Parque Vitória Régia, pertencente à zona norte da cidade. Oriundo da cidade de São Paulo, tem vinte anos e participa da Batalha do Cianê, porém, não com muita assiduidade, pois atualmente está envolvido com outros projetos musicais, consequência, segundo ele mesmo, do seu envolvimento com as batalhas de rima. O fato é que, mesmo com baixa frequência, Wesley faz questão de continuar participando, pois, a batalha de rima é uma das experiências centrais em sua vida. Seu bairro fica a aproximadamente dez quilômetros de centro, percurso que faz utilizando transporte coletivo. São 40 minutos, para chegar à batalha e retornar para o seu bairro. Wesley utiliza somente uma condução, porém, já houve momentos que o transporte coletivo foi dispensado e assim *“teve até dias que fomos a pé do Vitória Régia até lá”*.

Bianca Brandini, tem vinte e cinco anos e além de mc de batalha é também slammer. Mc Brandini, é participante do Beco das Mina desde sua primeira edição, contribuindo diretamente para a construção desta batalha de rima. Atualmente mora na região central da cidade de Sorocaba, mas por muito tempo teve que se deslocar de outra cidade para chegar à Sorocaba e ter a possibilidade de participar da batalha. Para estar presente no Beco das Mina, era necessário percorrer mais de vinte quilômetros, justamente a distância que separa sua cidade de origem, Salto de Pirapora, e Sorocaba. Mesmo se tratando de outra cidade, utilizava apenas uma condução para chegar ou seguir de volta para sua residência. Sua mudança para Sorocaba está muito relacionada a desdobramentos da batalha de rima em termos pessoais, pois *“o freestyle em si tem me causado mudanças fortes, porque agora eu sou DJ de uma Girl Band, somos em cinco mulheres. Faço parte de uma produtora de audiovisual de mulheres que é a MinaVoz”*.

Gabriel Mesut, conhecido como mc Mesut, tem 19 anos e é morador do bairro Vitória Régia, zona norte de Sorocaba. Um dos mais assíduos frequentadores da Batalha do Cianê, Gabriel Mesut encara um trajeto de aproximadamente dez

quilômetros, praticamente toda quarta feira, para batalhar. São pelo menos 40 minutos de ida e mais 40 minutos de volta utilizando transporte coletivo, fora os dias que acaba se deslocando a pé, na ida ou na volta da batalha.

Jéssica Cristine, também conhecida como mc Jéssica Venenosa tem trinta anos e participa do Beco das Mina, sendo uma das mais antigas participantes, presente desde sua primeira edição. Moradora da cidade de Votorantim, vizinha a Sorocaba, percorre um trajeto de aproximadamente cinco quilômetros para participar da batalha. Por se tratar de uma distância consideravelmente curta, Jéssica não se limita a apenas uma forma de locomoção até o local onde acontece o Beco das Mina. *“Normalmente vou de ônibus, carona ou aplicativo. Às vezes ia de a pé, saía de casa pro ponto final do Campolim (linha de ônibus que corta a zona sul da cidade de Sorocaba) e ia até um ponto da Barão de Tatuí e subia na caminhada. Como mc Jéssica não se limita a participar somente do Beco das Mina, transitando por diversas batalhas de Sorocaba, de algumas cidades da região e até mesmo de batalhas na cidade de São Paulo.*

Esta breve apresentação permite constatar que há uma mobilidade plural dos e das jovens participantes, uma vez que, geograficamente, são oriundos de distintos bairros e zonas da periferia de Sorocaba e até mesmo de outras cidades.

A questão da mobilidade se concretiza como uma característica bastante marcante que envolve as batalhas de rima, fortalecendo ainda mais a ideia de circular pela cidade como um direito independentemente de seu lugar de origem, pois, segundo Cassab (2010), ao circularem pela cidade, os e as jovens colocam em *“evidência sua presença, criando e recriando espaços (p. 87)”*.

Mesmo diante de uma realidade onde há uma mobilização dos e das jovens em participar das batalhas de rima, mesmo acontecendo com uma certa distância de seus bairros de origem, cabe a busca pela compreensão de onde emerge o interesse desses e dessas jovens em participar das batalhas de rima.

4.2 O INTERESSE PELAS BATALHAS DE RIMA

O interesse pelas batalhas de rima não foi algo solto ou sem qualquer conexão direta com o hip-hop, pois os e as jovens demonstram ter uma certa proximidade e,

até mesmo, intimidade com a cultura hip-hop antes de se tornarem parte do público que constrói as batalhas no seu cotidiano.

Questionados sobre suas relações com o hip-hop anterior às batalhas de rima, o rap se apresenta como um elemento de proximidade entre os e as jovens e a cultura hip-hop. Mc MR2 relata que: *“meu contato através do rap dos anos 90/2000 me levou para o hip-hop”*, reforçando a ideia da música como porta de entrada para um movimento ainda maior.

Cabe ressaltar que o rap, em muitas ocasiões, não é visto como qualquer gênero musical, mas aquele que habita as periferias. *Eu já gostava de RAP tá ligado mano? Tipo morar na periferia e se envolver com RAP é natural mano, tá ligado, se tá passando na rua é RAP (mc Mesut)*. A colocação feita pelo mc Mesut demonstra a força que o rap tem entre os e as jovens das camadas populares.

Para além de ser apenas um gênero musical com uma batida que embala o movimento do corpo, mesmo que involuntariamente, uma série de letras de rap acaba por cantar a realidade das periferias com muita criticidade, levando muitos/as jovens a se identificarem, assim como aconteceu com o mc Cavalca: *“me identificava muito com as críticas abordadas nas letras de rap”*.

O hip-hop como expressão cultural passou a se apresentar como possibilidade de expressão para uma série de jovens, pois, se tornou lugar de garantia de voz e vez da juventude das camadas populares. Assim, ao se deixar envolver, a possibilidade do estabelecimento de uma relação intensa com o hip-hop é bastante presente.

A ideia de intensidade abordada pela mc Jéssica Venenosa fica evidente ao relatar que antes de participar da batalha do Beco das Mina *“já tinha pelo menos oito anos de vivência no movimento”*. No entanto, o pertencimento ao hip-hop anterior à participação em batalhas de rima é também uma realidade da mc Brandini: *“antes do Beco eu já fazia parte do hip-hop”*.

No entanto, a relação que estes e estas jovens desenvolvem com o hip-hop também pode nascer justamente pelo envolvimento com a própria batalha, como é o caso da mc Letícia. *“Eu comecei no final de 2017, a participar de batalhas de rima e também me interessar pela cultura do hip-hop”*. A partir da fala da mc Letícia, percebe-se a capacidade mobilizadora das batalhas de rima, como um espeço de propulsão da cultura hip-hop.

Sendo assim, se há uma relação com o hip-hop antes mesmo de participarem das batalhas de rima, logo, tal relação contribuiu diretamente para que os e as jovens

dessem um passo adiante no processo de envolvimento com a Batalha do Cianê e o Beco das Mina.

“Eu pude conhecer as batalhas de freestyle depois que estava inserida no movimento (mc Bradini)”.

“O instrumental de rap acompanhado de argumentos rimados é o que motivou. O ambiente de batalha sempre foi bastante voltado ao rap, e vendo que tinha oportunidades de mostrar meu jeito de pensar, num estilo onde eu me identificava foi o que conquistou minha fé no movimento (mc Cavalca)”.

“Conheci um mano conhecido como Eu mesmo Ângelo, que organizava um evento de rap chamado Super Contra que me apresentou Alberto Einstein, EWE e outros mano que faziam rap. Logo na sequência o Ewe convocou para a Batalha do Cianê, foi aí que começou a caminhada (mc MR2)”.

Porém, o ato de descobrir o hip-hop juntamente com as batalhas de rima também se tornou um fator para que fosse possível aprofundar as relações com as batalhas. *“Por estar presente como plateia eu sempre deslumbrava quem rimava, e cada vez mais fui criando mais vontade de fazer parte das batalhas (mc Letícia)”.*

O sentimento de pertença a um movimento, neste caso o hip-hop, também se mostrou importante no processo de desenvolvimento das relações com as batalhas de rima. Neste caso, destacamos a fala da mc Jéssica Venenosa que relata que dos fatores que foram primordiais para seu envolvimento com as batalhas de rima, destaca-se: *“o local de fala e a representatividade”.*

Conforme citado anteriormente, ao se consolidar como um movimento capaz de garantir voz e vez para a juventude das camadas populares, o hip-hop, mesmo com diversas contradições em aspectos já destacados anteriormente, colabora para o “deslocamento do pensamento hegemônico e a ressignificação das identidades, [...] para que se pudesse construir novos lugares de fala com objetivo de dar voz e visibilidade (RIBEIRO, 2017)” para aqueles e aquelas que muitas vezes tinham suas vozes silenciadas diante de um contexto social onde o único discurso legítimo é do homem branco heterossexual.

Tal qual o lugar de fala, a representatividade também se apresenta como fator importante no processo de relação com as batalhas, pois se trata da busca por normalizar a presença de mulheres nos mais diversos espaços sociais, culturais e políticos. Neste sentido, podemos falar de uma perspectiva de representatividade que

busca inspirar outras mulheres com o objetivo de transformar as relações sustentadas pelas desigualdades de gênero.

Cabe destacar que outras relações, além da relação com o hip-hop, também são consideradas pelos/as jovens como importantes para o ingresso nas batalhas de rima. Aspectos como afetividade, amizade, identificação com o outro e a cultura se tornam presentes nas falas dos e das jovens no que se refere às relações extra hip-hop que contribuíram diretamente para participarem da Batalha do Cianê a do Beco das Mina.

“Tive uma relação afetiva com uma mulher que era Mc então ela me inspirava muito (mc Brandini)”.

“Além do hip-hop, eu gosto em estar na "resenha" de amigos, num lugar de distração... Me ajudou muito no meu processo de maturidade como ser humano e a desenvolver meu lado comunicativo (mc Cavalca)”.

“Acredito que a minha relação com as mulheres que iam nas batalhas com a maioria presente sendo homens. Sempre quis me aproximar das garotas que eu via indo, quase como uma relação de proteção e se sentir segura em meio a tantos homens, e acabei criando um laço com elas (mc Leticia)”.

“O samba, por ser de origem periférica e ter eventos que uniram o hip-hop (mc MR2)”.

Até mesmo a relação com a ausência de outras mulheres no hip-hop contribuiu para o ingresso nas batalhas de rima.

“Falta de mulheres à frente do movimento (mc Jéssica Venenosa)”.

Numa perspectiva contra hegemônica, em vez da ausência ser um motivo de desânimo, no que se refere à participação da mc Jessica Venenosa nas batalhas de rima, aparece como motivação, pois há um entendimento de que o espaço do hip-hop e conseqüentemente das batalhas deve se tornar um espaço plural de constituição de relações que possibilite o fortalecimento da luta contra as diversas formas de injustiça, assim como aconteceu em todo trajeto do hip-hop brasileiro.

O interesse, muitas vezes estimulado por outras pessoas precede o convite, o passo decisivo para que dezenas de jovens passem a vivenciar as batalhas de rimas. Podemos dizer que interesse e o convite são duas faces da mesma moeda.

Tais convites podem partir de amigos, amigas ou até mesmo de namorados e namoradas, no entanto, por mais que o convite pessoal seja o fator mais efetivo, o

contexto em que acontece se mostra bastante diversificado. Tal diversidade se apresenta diante de múltiplas realidades, como podemos perceber nos relatos das mc's Brandini, Jéssica Venenosa e Letícia, assim como do mc Mesut.

Eu sempre achei muito legal essa questão do RAP, do Hip Hop, mas eu tinha um outro tipo de convívio. Eu fazia faculdade na UFSCar, fiz universidade lá e...então eu tinha um outro tipo de vida, foi quando eu cheguei na batalha rima, eu cheguei na poesia no momento onde eu abandonei uma universidade de três anos porque o curso não me contemplava mais e foi quando o RAP salvou minha vida, sabe? Num momento onde eu estava totalmente perdida no que eu fazia agora, foi quando eu estava tendo um relacionamento com uma MC e ela era ativamente aqui em Sorocaba (mc Bradini).

Eu cheguei nela (Beco das Mina) através da Letícia, que eu conheci na Batalha do Cianê (mc Jéssica Venenosa).

Participo de batalhas desde 2017 porque um amigo me instigou a ir (mc Letícia).

O doidão do meu grupo, o Dom, chamou eu, tá ligado (?). Ele já tinha uma coleta com o MR2, "os cara", ele já sabia que os cara fazia uma batalha, o Lucan também estudava no Lauro Sanches, o Balta também...os cara já tinha dado um salve ne mim (mc Mesut).

Ter a compreensão de que o RAP salvou a vida da mc Brandini, assim como ela mesma nos relata, demonstra a importância e a capacidade que o hip-hop e as batalhas de rima têm na vida e no cotidiano desta jovem. Afinal, vivenciar as possibilidades que a cultura hip-hop oferece contribuiu para que a jovem mc se reinventasse diante de uma realidade onde, aparentemente, não havia muitas saídas por se tornar aluna egressa do curso, incompleto, de Turismo na UFSCar – campus Sorocaba.

No entanto, o convite pessoal não é a única possibilidade que se apresenta como forma concreta de aproximação das batalhas. O interesse pessoal também se mostra como uma realidade para os e as jovens frequentadores das batalhas. Os mcs MR2 e Cavalca deixam transparecer em suas respectivas falas que o gosto pessoal pelo RAP e as diferentes experiências fizeram com que chegassem até as batalhas de rima naturalmente.

Eu conheci um evento chamado Super Contra, através de uma figura chamada Eu Mesmo Ângelo. Esse evento era pioneiro aqui na cidade de Sorocaba nessa questão de batalhas de rima. Nesse evento eu conheci o EWE, o Alberto Einstein, e outras pessoas que mais pra frente agregaram com meu conhecimento no RAP e no hip hop. Mas o Alberto Einstein e o EWE foram os que eu peguei mais proximidade

depois desse evento, eu adicionei eles no Face tal. Gostei pra caramba de participar dessa batalha, e...a partir daí, um tempo depois que acabou esse Super Contra, o EWE publicou no Face lá que ele ia organizar uma batalha de rimas, na rua, em frente ao Pátio Cianê. Quando eu vi lá no Face que ia começar às sete horas, eu descii seis e meia correndo de carona, minha carona me deixou na praça da bandeira, eu fui correndo desesperado achando que não ia ter vaga (mc MR2).

Como eu gostava de RAP, fiquei sabendo que tava rolando batalha no Vitória, aí comecei a cola (mc Cavalca).

A diversidade apresentada no trajeto demonstra a riqueza da pluralidade das experiências sociais vivenciadas pelo contingente juvenil participante das batalhas de rima, possibilitando a compreensão de que, da mesma forma que a chegada é plural, assim também será as experiências constituídas a partir da cotidianidade das batalhas.

Mesmo que a vivência da batalha aconteça de forma coletiva, a experiência por ela proporcionada se desenrola a partir de uma perspectiva individualizada, uma vez que diz respeito sobre como os processos de sociabilidade impactam nos e nas jovens a partir de suas realidades objetivas.

4.3 O LUGAR DA BATALHA NO DIA A DIA JUVENIL

Dado a importância das batalhas de rima para o processo de aprendizagem juvenil, é evidente que essas articulações passam a ter um lugar cativo na vida daqueles e daquelas que constroem as batalhas na cotidianidade. Desta forma, as batalhas passam a ocupar lugares estratégicos, e até mesmo central, na vida dos e das jovens, mesmo que as ideias de estratégia e central possam ser variadas.

Eu faço freestyle sempre com meus amigos em casa, sou freestylera...não posso ver uma oportunidade que estou fazendo freestyle, adoro (mc Brandini).

Eu respiro batalha de MC, entendeu? [...] Eu respiro batalha de MC, é vinte e horas falando nisso, conversando disso, é muito difícil e conseguir sair e não pensar em batalhas, sabe? (mc Jéssica Venenosa).

Como eu sou organizador é uma responsabilidade. E além da batalha eu tento conciliar com outros coletivos que eu faço parte, com meu grupo de rap, com meu trabalho, com minha família, eu tenho uma filha sabe?, então...a batalha tem um espaço muito grande na minha vida, na minha consideração, no meu coração (mc MR2).

A centralidade se apresenta nas narrativas das mc's Brandin e Jéssica Venenosa e do mc MR2 ao falarem sobre o lugar das batalhas em seus respectivos cotidianos. A exemplo de tantos outros jovens e tantas outras jovens, as narrativas aqui apresentadas reforçam a ideia de centralidade sempre a partir de um ponto de vista e de uma experiência concreta.

O ato de “tentar” conciliar a batalhar com outros compromissos e afazeres, demonstra exatamente o quanto a batalha de rima é importante para o mc MR2, pois, são os demais compromissos que irão se ajustando à batalha e não ao contrário, independentemente de ocupar o lugar de organizador da Batalha do Cianê.

No entanto, há muitas outras formas que evidenciam a centralidade da batalha no cotidiano juvenil. Uma delas se apresenta através das experiências das mc's Brandini e Jéssica Venenosa que pensam e agem baseadas na batalha, porém para além dela. Aproveitar as oportunidades para rimar ou conversar sobre batalhas constantemente demonstra o quanto essa experiência é significativa para as mc's, uma vez que fazem questão de vivenciá-las mesmo para além do interior da batalha de rima, sendo possível arriscar que chega a se tornar um estilo de vida, assim como menciona mc Cavalca.

Meu círculo de amizades mais influente frequenta batalha, tá ligado? Sempre tem RAP em tudo que eu estou fazendo. Pra mim é um estilo de vida mano (mc Cavalca).

Tendo como ponto de partida a ideia de estilo de vida como um conjunto de hábitos e costumes que são influenciados e/ou modificados a partir dos processos de sociabilidade, percebemos a potência das práticas vivenciadas no interior das batalhas de rima. Logo, se trata de condições particulares de existência, e por este motivo se torna “a um só tempo, individual e coletivo, significando que pode gerar e unificar práticas coletivas com características peculiares, resultando em um estilo de vida único (MADEIRA et al, 2018, p. 110)”.

Uma vez que a intensidade das batalhas contribui para construção de estilos de vida, podemos afirmar que os processos vivenciados, com base no dia a dia das batalhas de rima, podem interferir em diversos aspectos da vida e do cotidiano juvenil como vimos anteriormente e como nos relata os mc's Cavalca e Mesut.

Interfere em tudo, nosso jeito de pensar, com quem você tá, o lugar que você frequenta (mc Cavalca).

Interfere mano...tudo tá ligado ao seu círculo social. A gente conhece pessoas na batalha que a gente passa o dia hoje, que a gente sai pra tira um pião, pá. Nossos pião é tudo com as mesmas pessoas da batalha, tá ligado? (mc Mesut).

A interferência pode atingir níveis capazes de possibilitar sensações mistas e até opostas.

A batalha interfere no meu dia a dia no sentido de ser uma preocupação e responsabilidade a mais, eu não posso simplesmente largar e deixar nas mãos de outra pessoa porque se eu não faço, quem vai fazer, né? Mas ao mesmo tempo que é uma preocupação é também sempre um ambiente gostoso e confortável, que eu posso estar com mulheres que eu amo e mesmo com aquelas que eu não conheço, mas sou inspirada e tento inspirar (mc Letícia).

As relações sociais se mostram marcadamente afetadas pela capacidade de interferência das batalhas no dia a dia dos e das jovens, demonstrando que as batalhas de rima não são momentos pontuais que acontecem semanalmente ou mensalmente. Pelo contrário, as falas anteriores demonstram que as batalhas são capazes de deixar um lastro significativo para os e as jovens mc's.

Dado tamanha importância, percebemos o quanto os e as jovens são atravessados por seus sentimentos, momentos antes de ter a possibilidade de batalhar. Cabe destacar que ao experimentar tais sentimentos, muitas vezes à flor da pele, é como se estivessem muito próximos de vivenciarem um encontro muito especial.

No dia que eu sabia que eu ia batalhar eu ficava muito ansiosa, fica pensando na batalha o dia inteiro. Passava o dia inteiro animada e com medo (risos), mas sabendo que a gente ia fazer uma batalha de mina, é muito nervosismo, batalhar dá muito nervosismo (mc Brandini).

E a ansiedade também é grande. O dia que eu vou na batalha geralmente fico ansiosa (mc Jéssica Venenosa).

Por se tratar de um encontro especial, a chegada não poderia acontecer sem que ao menos houvesse uma preparação anterior, um ritual, dado a relevância do momento.

No dia que eu vou batalhar, especificamente batalhar, eu prefiro não estar organizando porque me concentro nas rimas, nas respostas. Eu me preparo antes, faço um freestyle no começo do dia, faço um freestyle no meio do dia, de certo que às vezes eu tô trabalhando lá e

do nada começo a fazer uma rima, zuando alguém, tal (risos). Como eu tenho outros amigos que rimam, isso é normal acontecer. Mas nesse sentido sabe, sempre...eu busco me preparar no dia que eu vou rimar mesmo, e isso interfere bastante no meu dia porque eu me concentro, meu foco vai sendo aquilo, só tento controlar a ansiedade pra não me atrapalhar (mc MR2).

Levando em consideração as falas apresentadas, fica claro que as batalhas de rima acabam por gerar uma interferência positiva na vida dos e das jovens de forma bastante significativa, muitas vezes maior do que outras experiências concretas como o processo escolar, a vivência familiar, o trabalho, etc.

4.4 PROVOCAÇÕES E APRENDIZAGENS NO UNIVERSO DAS BATALHAS

A partir do momento que se inicia um maior envolvimento com as batalhas é inevitável que uma série de questões passe a atravessar os e as jovens ali presentes. Assim, uma série de sentidos e sentimentos passam a aflorar e com isso as transformações ocorrem no que se refere ao desenvolvimento pessoal.

Desta forma, podemos compreender as batalhas como uma espécie de suporte³³ uma vez que essas passam a ocupar um importante espaço no processo de mudanças, através das diversas provocações, para os e as jovens. Tais provocações e, conseqüentemente mudanças, podem ser percebidas conforme apontam os relatos abaixo.

Eu acredito que a batalha me fez uma provocação de forma pessoal, pra mim, assim, conseguir perceber que eu poderia fazer freestyle, depois que eu consegui fazer freestyle. Aprimorar e fazer que eu fizesse essas coisas em outros lugares. Eu participei em batalhas em São Paulo, participei de batalha em São Roque, participei de outras batalhas aqui em Sorocaba e em Votorantim (mc Brandini).

Ao começar eu fui chamada e caí na chave com uma das mulheres mais antigas aqui na cena de Sorocaba, uma Mc (embora hoje ela não batalhe mais) e artista impecável. Foi muito nervosismo. Mas assim que começou toda a ansiedade passou, e foi uma sensação muito boa

³³ “Suporte é a maneira pela qual o indivíduo estabelece sua relação com seus apoios no mundo, considerando que todos os indivíduos são dotados de suporte graças aos quais podem se construir e se manter socialmente eles seriam o conjunto de sustentação que mantém o indivíduo face ao mundo (Tarábola, 2015, p. 166)”. Ainda sobre o conceito de suporte, Danilo Martuccelli, sociólogo franco-peruano, aponta que os suportes podem ser “materiales y simbólicos, próximos o lejanos, conscientes o inconscientes, activamente estructurados o pasivamente padecidos, siempre reales en sus efectos y sin los cuales, propiamente hablando, el actor no subsistiría (Martuccelli, 2007, p. 77)”.

de pertencimento, como se eu tivesse achado aquilo que eu realmente queria fazer e não tinha achado em nenhum outro lugar. Não rimei bem, travei e em algumas horas nem consegui terminar as rimas, mas eu fui até o final. E sei lá, ali eu descobri que eu queria realmente continuar e criar novas experiências e mostrar pra outras meninas que se eu consegui, mesmo tendo crise de ansiedade, elas também podem (mc Letícia).

O sentimento de confiança, conforme apontam os relatos, demonstra a realidade das chamadas batalhas mistas, ou seja, um lugar que não proporciona o acolhimento das jovens mc's o que faz com que não se sintam à vontade para desenvolverem suas rimas em meio ao público masculino. Com isso, na contra mão desta realidade, a batalha do Beco das Mina se apresenta como uma construção que parte do acolhimento para que as mulheres ali presentes sintam o máximo de confiança para desenvolverem suas rimas. A dimensão da acolhida fica nítida na fala da mc Jéssica Venenosa.

A gente sempre busca trazer isso pra que elas consigam se sentir bem, se sentir acolhidas e sentir que estão colocando uma representatividade, de ter importância, sabe?

Ao se preocupar com a dimensão da acolhida, a batalha do Beco das Mina contribui direta, e até mesmo indiretamente, com o desenvolvimento das jovens mc's em diversas outras dimensões da vida como a questão da sociabilidade, liderança, formação política, etc. Os jovens mc's por sua vez encontram nas batalhas, ditas mistas, um espaço com predominância masculina o que já colabora com a construção da confiança, levando assim a se desenvolverem a partir de outros aspectos.

A socialização mudou pra carai mano, tipo, conheci muitas pessoas da própria quebrada, e tipo, antes de ter a batalha mano, nós não sabia, mas depois da batalha nós descobriu que o VTR é a quebrada que mais tem MC de batalha tá ligado (?). Tinha uma época que tinha um bagueio chamdo "Bonde do pé dois", que tipo, nois juntava o VTR intero e ia uma renca de dez, vinte mano, assim ó, batalha em um lugar. Ia pra Sound de a pé, ia pro cianê de a pé, ia pra tal lugar, dai nossa, e nessa fita ai, e pá mano, se tornou um círculo de amizade muito loco, tá ligado parça (?), que até hoje tem gente que eu frequento o "barraco", conheci a família, pá mano (mc Mesut).

O relato apresentado pelo mc Mesut revela que "no espaço compartilhado e visibilizado, os jovens experimentam o caráter público da amizade e vivem formas diversas de sociabilidades (GARBIN e PEREIRA, 2014, p. 93)". Para além da

amizade, conforme relato anterior, a prática da sociabilidade pode contribuir também para outras experiências e superações pessoais.

E como pessoa assim, eu sempre fui muito tímido, só até hoje, mas por exemplo, hoje eu já consigo troca uma ideia tá ligado (?), falando, tento falar o que eu quero falar. Antes mano, vixe...até hoje eu tenho complicação pra falar o que eu penso mesmo, não consigo expressar em palavras tá ligado (?), e a batalha ajudou nisso também mano, porque você tem que responde ali o bagueio, se têm que pensa rápido tá ligado (?), e na batalha o bagueio flui mais tá ligado? (mc Cavalca).

Da mesma forma que a dinâmica das batalhas contribuem diretamente para a superação de desafios pessoais, como a timidez segundo o mc Cavalca, podemos perceber que a experiência da cotidianidade das batalhas de rima contribuem para o desenvolvimento de atributos, também da ordem pessoal, que passa a colaborar diretamente com a organização das próprias batalhas, como é o caso do mc MR2.

Depois de um tempo, é que eu comecei a participar da batalha, por ser um dos únicos que participava fielmente, eu passei a ser um dos organizadores da batalha. A gente ajudou a criar a página no Facebook, as redes sociais, enfim...começamos a organizar a logística da batalha, é... quantos Mcs iam batalhar, tal, e isso estimulou muito minha evolução sabe, a partir daí eu percebi que tinha uma característica de liderança (mc MR2).

Os resultados das experiências dos e das jovens participantes das batalhas são os mais variados possíveis, como podemos verificar de acordo com os relatos anteriores, demonstrando que a diversidade juvenil presente nas batalhas reflete nos múltiplos sentidos e experiências.

No entanto, cabe destacar que as experiências vivenciadas, conforme mencionadas anteriormente, contribuem também para uma série de processos de aprendizagens no qual os e as jovens passam a fazer parte desde o momento que iniciam suas experiências na cotidianidade das batalhas de rima.

Desta forma, nos remetemos ao processo histórico do desenvolvimento do hip-hop, pois a dimensão das aprendizagens é um dos elementos que atravessa a prática deste movimento político-cultural. A reflexão provocada pelo hip-hop, em especial pelas batalhas de rima, tendo como ponto de partida a realidade concreta das periferias, foi capaz de contribuir para o desenvolvimento de

uma ação coletiva de juventude para uma conscientização política e de exercício de cidadania, onde conteúdos que não são abordados com profundidade na escola formal (como, por exemplo, o da questão

racial e origem étnica do povo brasileiro) são aprendidos por meio das vivências dos participantes e a produção artística e cultural do hip hop é sistematizada (Magro, 2003, p. 193)

Cabe destacar que não se trata de um processo de aprendizagem previamente estabelecido baseado em conteúdos e/ou competências, assim como acontece nos espaços formais de ensino, mas de uma prática que se estabelece de forma ampla e transversal, possibilitando diversas experiências de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, trata-se de um processo que “procura transmitir conhecimentos que não são obrigatórios [...], não existe repreensão, nem provas de avaliação de aprendizado (MAGRO, 2003, p. 193). Diante desta mesma perspectiva, se encontram as batalhas de rima que, por meio da convivência e da oralidade, mas sobretudo da convivência, proporcionam espaços educacionais atrelados à cultura e a sociabilidade.

Aprendi a conviver com outras mulheres muito diferentes de mim, com outros tipos de identidade também sabe (?), é...a gente, nós do Beco das Mina, a gente além de ter um público feminino, também tem um público LGBT, então a gente acaba conhecendo muitas pessoas, por que essas pessoas gostam de RAP (mc Brandini).

Me ensina muito, sempre, sobre convivência com outras mulheres (mc Letícia).

Tem o convívio com pessoas diferentes e principalmente...dependendo do lugar vai muita gente diferente também e a partir do momento que você entra em contato com o outro já muda sua pessoa mano (mc Cavalca).

A ênfase na questão do convívio aparece de forma acentuada demonstrando que os processos educativos estão também amparados na possibilidade do convívio e a partir dele, o estabelecimento de relações com o outro. Além da prática da sociabilidade, as relações estabelecidas nas batalhas passam por um processo onde as trocas entre os e as jovens entram na lógica do ganha-ganha, uma vez que ao mesmo tempo que se aprende, também se ensina, sempre a partir das experiências concretas, gerando um respeito verdadeiro entre os pares.

A intensidade do convívio e as práticas das relações estabelecidas entre os e as jovens no cotidiano das batalhas se mostram com tamanha potência, capaz até mesmo de proporcionar momentos de aprendizagem que parte do contexto coletivo, mas que é possível perceber na prática do indivíduo, principalmente no que se refere

as questões ditas comportamentais, ligadas intimamente ao que podemos considerar como saúde mental³⁴.

Sofro bastante com ansiedade e a batalha me ajudou bastante nesse sentido, só de conseguir apresentar e chamar a atenção do público já é um passo muito grande pra mim, que nunca nem tinha conseguido apresentar trabalho na frente da sala de aula na escola (mc Letícia).

Na humilde, a paciência é um baguiu muito loco. O baguiu de competitividade automaticamente acaba em você, porque tem a possibilidade de você perde e você ganha parça, o baguiu não é cem por cento vitória e nem cem por cento derrota e tem a vez que você perde injustamente, só que em nenhum momento você vai se exalta, tá ligado? (mc Mesut).

Paciência e compreensão, às vezes o cara vai te xinga, ali mano, mas tá na batalha, entendeu?! E todo mundo sabe que ali é na batalha... mas, querendo ou não mano, pra sua vida tem um reflexo também, tá ligado?! (mc Cavalca).

Não à toa as questões relacionadas ao que podemos chamar de saúde mental também se destacam entre os pontos referentes aos aprendizados, pois conforme aponta Christian Dunker em artigo publicado no jornal Folha de São Paulo, a experiência cultural se apresenta como um dos fatores centrais no desenvolvimento da capacidade da escuta e do acolhimento, levando a um processo de apoio mútuo.

Partindo dos pontos apresentados anteriormente, podemos destacar que saúde mental também pode ser promovida pelo próprio ato de se expressar livremente, a partir dos medos, angústias individuais e sociais, raiva, enfim, aqueles sentimentos que no dia a dia não são nomeados e muito menos aceitos. Neste sentido, as batalhas de rima se apresentam como possibilidade de contribuir, como uma possibilidade, para a preservação da saúde mental dos e das jovens através das relações de afeto construídas na dinâmica das batalhas.

Logo, se trata de uma dinâmica dialógica onde os e as jovens são atravessados pelas diversas narrativas presentes no contexto das batalhas e que de forma direta e indiretamente contribui para o cuidado, mas também aprendizado coletivo e individual.

A relação dialógica promovida pela prática do encontro e convivência no cotidiano das batalhas de rima contribui com diversos aspectos da vida dos e das jovens no que se refere à questão das aprendizagens e, a reflexão crítica é um dos

³⁴ Questões relacionadas à saúde mental é algo novo no que se refere aos estudos sobre juventude, porém, mesmo tendo clareza da importância deste tema, não será um debate a ser aprofundado nesta pesquisa.

elementos que se apresenta como uma realidade. Tanto no que se refere à busca por um posicionamento frente a realidade de extremas desigualdades, como também de compreensão dos processos históricos construídos dessas desigualdades.

Ultimamente a gente tem tido rodas de conversa antes de começar a batalha e aí, a gente, tipo, coloca um tema, porque nossa intenção é desenvolver mais batalha de conhecimento. [...] É muito interessante que a gente consiga debater entre a gente, que a gente consiga estudar e aprender com a gente numa batalha de conhecimento (mc Letícia).

As discussões prévias de variados temas, assim como a própria batalha, se transformam em um eixo capaz de promover educação, cultura e saúde mental. Estar e dividir entre os pares contribui para o reconhecimento de problemas semelhantes, assim como para se pensar alternativas coletivas possíveis.

O feminismo está sendo mais discutido no Beco das Minas. A um tempo atrás a Helena, uma advogada que agora está em Portugal, ela foi lá conversar sobre feminismo. Parecia que as meninas, mesmo muito politizada, ainda não tinha entendido certas coisas do feminismo que é a igualdade (mc Jessica Venenosa).

Ainda sobre o feminismo, a mc Jéssica Venenosa aponta que não se trata apenas de garantir conquistas para as mulheres, mas também para os homens.

O da hora do feminismo é você cata, chega e troca uma ideia com o cara e fazê ele compreende o papel que ele tem, os privilégios que ele tem através do machismo e os benefícios que ele tem através do feminismo. Pode chorar, não ser uma máquina sexual, não ter a obrigação de sustentar uma casa sozinho, então tudo isso tem que ser conversado, construído, sabe?! (mc Jéssica Venenosa).

O argumento utilizado sobre os benefícios do feminismo para os homens aponta para a realidade social construída e sustentada a partir da heteronormatividade patriarcal que estabelece as formas ideais de comportamento dos gêneros feminino e masculino. Neste sentido, ao abordar o tema, a mc aponta que o fortalecimento da prática feminista por mulheres e homens pode contribuir para o enfraquecimento paulatino desta lógica que estabelece profundas desigualdades sociais.

Como podemos perceber, o ambiente das batalhas pode contribuir de diversas formas nos mais diversos processos de aprendizagens e assim, a depender de como cada jovem encara as situações presentes no dia a dia das batalhas de rima, é possível que outros tantos aspectos relacionados ao cotidiano dos e das jovens se despertem.

Eu percebi que tinha uma característica de liderança e comecei a trabalhar nisso e hoje eu percebo que eu sou uma pessoa que consegue mediar conflitos, sabe, no trabalho por exemplo, dentro de casa, eu aprendi a ter uma flexibilidade maior com as palavras, saber o tempo de falar, saber a hora de ouvir (mc MR2).

A experiência concreta dos e das jovens a partir das batalhas de rima e conseqüentemente das diversas formas que essas experiências afetam os e as jovens, reafirma a capacidade de educação presente no interior do movimento hip-hop. Cabe destacar que se trata de um processo amplo, como mencionado anteriormente, que colabora para o desenvolvimento juvenil, tendo como ponto de partida a realidade concreta.

Desta forma, as experiências educacionais vivenciadas por jovens a partir da dinâmica das batalhas de rima contribuem para a construção de “redes de conhecimento mútuo, de identidades, de conhecimento historicamente sistematizado (MAGRO, 2003, p. 192)” afinal, as práticas sociais educam.

4.5 AS IDENTIDADES SE CONSTROEM ATRAVÉS DAS RIMAS

A partir do momento que participar das batalhas de rima se torna uma realidade concreta para os e as jovens, ao passo que fazem a migração da plateia para o centro da roda com o objetivo de construir rimas de improviso para atacar ou se defender, uma série de questões que atravessam os corpos dos e das jovens, pretos e brancos, passam a se materializar em palavras.

Logo, as relações e as vivências com a cultura, família, trabalho, estudos, etc., acaba por influenciar diretamente na construção das rimas que são ditas no interior das rodas, durante as batalhas, seja pelos jovens participantes da Batalha do Cianê, ou pelas jovens do Beco das Mina.

O baguiu que você faz antes da batalha influencia cem por cento mano. O dia influencia o que você é mano, tipo...mano você se expressa, sua boca expressa seu corpo, tá ligado? Se você tá tendo um dia ruim parça, você vai rima no breu ou você nem vai quere rima, tá ligado? (mc Mesut)

Quando eu rimo eu descarrego tudo o que acontece comigo e cada sensação em tudo o que faço pode ser inspiração pra um free! (mc Jéssica Venenosa)

Todo o contexto social que vivemos influencia nas rimas, na hora da batalha usamos argumentos que aprendemos no nosso cotidiano, mas eu só fui notar e aprender a lidar com isso depois de um tempo, que foi quando notei a importância que o rap tinha tomado na minha vida (mc MR2)

Acredito que tudo influencia na nossa poesia, somos o que somos pelas relações e vivências que temos, por isso só conseguimos escrever/rimar com verdade, situações e sentimentos pelos quais já passamos (mc Letícia)

Na hora de rimar você de certa forma expõe sua personalidade, seja ela verdadeira ou não, séria ou na brincadeira, as palavras ditas pesam e influenciam no resultado de cada batalha e também na forma como você é visto! (mc Cavalca).

Compreender que os argumentos utilizados no momento da construção das rimas são derivados das relações construídas pelos e pelas jovens, demonstra que não se trata de algo isolado ou simplesmente impulsionado pelo momento. São situações que fazem parte de um contexto social que os atravessam cotidianamente, conforme podemos verificar abaixo.

Batalha do Cianê

1º round

Jhow: Cê que batalha na base é 55 na sua camiseta, mas sabe que na roda mano aqui você é só mais um.

É 55, te mato 55 vezes, eu te mato e depois assino o 121.

Mas 121, falei que isso é comum. Mata Mc que se acha bom, mas é um baita 171.

Por que cê sabe agora parceiro isso é comum, chama seu amigo, pode discar 021.

Kill: Cê tá ligado meu parceiro, aqui cê não se mete, aqui você é 155 eu sou 157.

Agora você se fodeu, o baguiu aqui é louco e você não fecha com os meu.

Falo de 121, aqui você se ilude. Aprendeu essa rima com o Dudu lá no Youtube.

Jhow: Eu não aprendi com o Dudu, você é um moleque. Não é 157, tira o 5, e você vota é 17.

Mas tá tranquilo não aprendi no Youtube, esse é argumento de Mc que não ganha e não tem atitude.

Kill: Cê tá ligado parça eu embraso no refrão, e se 17 pra você é Bolsonaro, pra mim é bailão.

Cê tá ligado mano, o bagui aqui é loco e logo cê vai cai no chão.

Jhow: Pra você é bailão, mas com você eu não topo, cê acha que as conquistas acontecem pela cor do que tá no seu copo.

Mas não me importo, porque cê sabe na parada, bailão que as novinha joga a raba e é abusada.

Kill: Se tá ligado parça, hoje você se fudeu, se meu copo tá cheio é porque é mérito meu.

Então, se tá ligado agora eu to no strike, se tá ligado mano que hoje você não aguenta o baque.

Jhow: Não falei que não é mérito seu porque na batalha mano você é vacilão.

Eu critiquei a sua postura porque você se acha melhor que os outros pelo que você tem na sua mão.

Kill: Então senta, ajoelha, faz uma prece, qué falá da minha postura mas você nem me conhece.

Então segura, agora você já era, o baguiu aqui é loco e vou jogar sua cabeça pra galera.

Jhow: Como eu não te conheço, você mete o loco, que o Mc Kill em toda batalha cita a vida dos otro.

Porque eu lembro, por que falo com você meu inimigo, fita uma coisa que aconteceu contigo.

Kill: Ah Jhow, mano vai se lasca, eu ataco memo. Não aguentou, vai embora pra lá.

Se tá ligado, então para de chorá, o baguiu aqui é loco, sei que você não vai aguentá.

2º round

Kill: Aí firmeza, o bagulho aqui é sem crise, cê vem de Porto Feliz e hoje vai voltá triste.

Então, segura Jhown é push na sua cara, o baguiu aqui é loco e as minha rima é cara.

Cê vem fala que é so clichê, se foda eu ataco, solta qualquer beat que hoje eu te mato.

Então, nessa fita mano você vai pro além, cê que cita todo mundo, vai morrer como ninguém.

Jhow: Mas fala quem que eu citei mano e que cê da falha, porto triste, rima que escuto em todas as batalha.

Porque cê sabe que cê ta panguano, e nem falei que era clichê, você admitiu, você que tá falando.

Porque cê sabe, quero ver aqui, por que infelizmente mano você não faz um free.

Sabe porquê? Você não é da rua, porque você é o Kill, quem nasceu pra ser Kill na treta nunca vai ser Killer Bee.

Kill: Só que eu joguei a isca, você caiu mesmo. O homem de verdade assume o próprio erro.

Então, segura parceiro você já era, o baguiu aqui é loco, sai fora o seu tandera.

Jhow: Mas, assumir o próprio erro pra ser homem não é lógica. Você fala uma coisa e se contradiz, você é um homem hipócrita.

Porque cê sabe assim, seu verso não é notório, não assume o próprio erro, você é o Mc contraditório.

Kill: Tá ligado parça, contradição é uma fita, o baguiu aqui é loco e sei que meus verso te irrita.

Você não ataca, não responde e não faz nada, olhando pra minha cara eu só vejo é um babaca.

Jhow: Cê vê um babaca, olha só cê ta panguano, num ataca, num faz nada, mas no segundo só tá apanhando.

Mas tudo bem, te dou um mérito parcerero, pelo menos cê tá tentando, mas não vai dá, seu fim é derradeiro.

Kill: Tá ligado parça, não preciso do seu mérito, o baguiu aqui é loco eu vo rimando e já tô cerito.

Cê ta ligado parça, ó agora o que eu vou falar, seu mérito que se foda o meu eu vou conquistar.

Jhow: Você vai conquistar, parcerero você tá de KO, só me explica no dicionário o que significa cerito.

Nem existe essa palavra, vô te falá, não é inventando palavra na batalha que você vai ganha

.

Kill: Cê tá ligado isso aqui, porque aqui é sem massage, porque Charlie Brown falo, mano só os loucos sabem.

Então, essa é a palavra e eu não digo nada, então cê morreu cuzão, toma essa pedrada.

Jhow: Só os loucos sabem, mas cê num é da massa, não fala isso como desculpa para o seu analfabetismo em massa.

Porque ele falou isso pra galera na quebrada, ele falou de atitude e não de rima improvisada.

3º round

Kill: Mano você falou que eu sou analfabeto, agora eu vou ter que ti matar. Mano eu não podia estar na escola, eu tinha que trabalhá.

Pra sustentá minha família e seguir a minha trilha, tá ligado cê é fraco e eu sou chefe de quadrilha.

Te afundo no trap, você é fraco, no fundo do poço, lá no buraco.

No fundo do poço, é lá que eu te mato, você é fraco. Tá ligado, igual penara, hoje você sai cheio de buraco.

Jhow: Ei, você diz que to no buraco, mas com você eu não topo, mas se eu tô no buraco vou usar de base pra um dia estar no topo.

Sabe que é assim parcerero, sabe que não faço free, pra alguém tá no topo como um Mc teve que ser a própria raiz.

Mano escuta, agora parcerero já te falei, ser chefe de quadrilha, não fale isso como se fosse orgulho pra alguém.

Você sabia agora parcerero, que você mano é vacilão, vários menor vendendo a vida por droga com um fuzil na mão.

Kill: Tá ligado cê é fraco, hoje aqui eu te mato. Você vem falá de raiz e eu chego com meu machado.

Eu te mato no trap, você não aguenta cuzão, você tá no alto é mais fácil de acertar o cuzão.

Jhow: Cê vem de machado, na batalha eu faço free, te mato e volto pra Guaracema e levo comigo Macho de Assis.

Parcero só pra constá, mano eu tenho estudo, rima elaborada, literatura, poeta com próprio conteúdo.

Kill: Conteúdo cê não tem, nesse trap eu mando bem. Pode, pode ir embora, o Jhowzinho foi pro além.

Agora eu te mato nessa fita, tá ligado mano você não está aguentando essa bica.

Jhow: Jhowzin vou pro além sim, depois que bateu te bateu aqui no free. Eu fui pro além fala pro meu ancestral que matei o Kill, aquele falso Mc.

Mas você sabe agora parcero, na rima agora meu parça, matei um falso Mc e voltei do além com a vitória pra casa.

Kill: Ah! Hip-hop vem do gueto, isso vai bem adiante, tá ligado meu parcero, eu quero é diamante.

Tá ligado agora eu chego, tirando aqui seu sossego, se liga aqui seu falso, mano cê que não é preto.

Jhow: Fa, fa, fa, falso...cê ta gaguejando no rap, é sério? Quer diamante pra você pra quê? Qué diamante pra levantá seu próprio ego.

Sabe parcero, você é lok, tá se embebedando com o próprio ego, vai morrer engasgado com seu próprio ibope.

Beco das Mina

1º round

Venosa: Ei produção, é muita bebida pra amenizar tanto problema na minha vida.

Mas liquei o foda-se, vou fazer minha correria, e fazer meu rap dia e noite, noite e dia.

Quero fazê evento pra vê as mina rima, e também pros mela-saco pode ensina que eu não quero dizimá ele que nem o bolsominion, eu quero analisa e coloca eles no raciocínio.

Transforma, salva que nem Jesus. Transforma e trazer toda essa luz. Porque ele sim foi uma pessoa pra se inspirada e não alienação que causa o PCC na nossa quebrada.

Versa: É tipo assim, é tipo assim mano, o que é que eu vou fala. Se não fosse a Venosa eu nem tava lá. E nem aqui mandando uns verso pra você. Isso aqui que é correria e também procede.

É união, sempre se ligando, tá ligado. Vou colar na sua área, cê descola um trocado e um show. É sempre assim, sempre se fortalecendo. Quem não sabe o que é isso, na moral ta perdendo.

Porque confio muito, sei que sempre tem uma parcera do lado na retaguarda também, pra proteger das biquera, dos bico que sempre breca.

Memo assim, cê ta ligada, nós é boa de mira e nós não erra.

Venenosa: Nossa, caralho, quantas vezes eu tive que vê. Chegar numa batalha só de homem e ter que engolir seco, seco mesmo, porque vi os cara passando pano pra macho escroto.

Me chamando de gorda baleia e eles passando o quê? Pano!

Não aguento essas ideia. Eu sozinha lá e os macho me cercando, zé ruela. Já me cobrando postura dentro da batalha, que eu falo demais, mas eu falo na sua cara.

Tretinha de face, eu levo é pra rua. Realidade da internet, realidade da minha cultura.

Pagando de posar, sem chegar na quebrada. Falando que faz, faz, mas não faz nada. Só bate punheta com a nossa foto na noitada.

Versa: Tipo fio condutor, veio só pra confundir. Várias cabeça de macho perdida aqui, vive vagando aqui, por aqui.

É sempre assim, direto de Floripa, da batalha das mina, nós sabe como é que é. Pra chegar aqui e peita o braço tem que ser muito mulher. Nós demoro seis meses pra fechar uma chave, hoje nós chega e peita a banca.

A gente pra eles, no moral é escrava e tem dezesseis mina lá na ilha que, na moral, espanca. E continuando, nossa tradição vai propagando. Da dominação, lá no Mato Grosso, até lá no Sul tem mina rimando.

E nós segue assim, sempre no talento, sempre se desenvolvendo, tomando o rap nacional. Porque uma coisa que a gente conseguiu, cansa de ver esses otários sem pagar pau.

2º round

Versa: Eu vejo uns macho lá no fundo gritando sangue e vô fala pra tu, acho que esses caras acham que tão aqui pra assistir a banheira do Gugu.

Mas eu não vou pensa, cansei de sangrar é tipo assim, eu cheguei com as minhas rimas que estão pesada. Eu até tinha coisa pra falá, mas fiquei envolvida nessa levada.

Mesmo não encaixando no beat, sabe que o quadril encaixa na caixa.

A gente começa a rimar e logo elas grita, eita desgrama, eita caraia.

Continuando aqui, eu já me perdi mesmo é nos verso e mesmo perdida você sabe que eu não deixo de falar o que acho que é concreto.

Venenosa: Hoje os cara vão ver sangue e vai ser sangue de menstruação, pra eles pará com esse mimimi que não pode chupar nois então.

É bom pra aprende que esse verso escroto é só pros macho que diz que a gente é podre. Podres são eles, sem procede achando que são tão eficaz. Goza, goza e assume o filho e fala que deu que não dá mais e é muita resposta na vida.

Mas a gente tem que assumi nossa cria pra ele não virar outro marginalzinho perdido na periferia.

Versa: Tá ligado que desses mano existe muito ai na sessão. Os cara que cobra postara da gente, mas não paga nem a pensão.

Cola com seus amigo, fica no bar, com o corote gastando enquanto nossa cria tá lá em casa e a sua mãe quando chega ele tá chorando.

*Venenosa: Chorando de fome sem ter o arroz e o feijão. Cadê meu leite e meu pai que me abandonou então?
Outra estatística sem sobrenome, tá ligado, né então?*

3º round

*Versa: Dupla jornada, sabe como é que é? Eles não sabem por que quem carrega a culpa no final de tudo vai ser sempre a mulher.
Eu nem preciso falar mais nada, já vestiram a carapuça. Já devem tá pegando o caminho de casa.*

*Venenosa: Tchau e beijo, vai com Deus, sai daqui parasita. As mina vão se unir, por isso machista desista.
Vamos assumir nossas cria e criar uma bela comunidade ai as crianças vão saber que mãe é pai de verdade.*

*Versa: Não consigo ouvir o beat, nem vou encaixar, porque sempre foi nós por nós. Eles sabem que nós é independente por isso que eles se esforçam pra calar nossa voz.
É sempre assim, o mesmo papo. Já to cansada de ser chamada de loca, por isso que eu entrei na batalha e agora para esses cara é poucas.*

*Venenosa: Pocas e eu fiquei bem loca, bem mais loca que os cara pra mostrar que droguinha não é desculpa de proceder de canalha.
To muito loca, to muito loca de faze improvisado. E ainda levo rap no peito e quero respeito desses idiota.*

“Pra quem tá passando assim ó, quem vê de primera parça, é dois doido rimando em cima do beat e todo mundo gritando sangue (mc Mesut)”, mas as batalhas de rima podem ser muito mais do que apenas dois “doido” rimando conforme mencionado no relato do mc Mesut.

Uma vez que os argumentos utilizados na construção da rimas partem da realidade social, em especial da população juvenil, se torna evidente a importância e a potência das batalhas de rima na vida concreta dos e das jovens, inclusive se tornando um elemento importante para seus processos de construção de identidade a partir da “influência de fatores intrapessoais [...], de fatores interpessoais [...] e de fatores culturais (SCHOEN-FERREIRA, 2003 apud DAL PRÁ; NUNES; SANTOLIN, 2018, p. 05)”.

Foi um espaço que descobri realmente me sentir confortável e fazendo o que gosto, principalmente por estar cercada de mulheres que me inspiram e me fazem enxergar a vida com outros olhos por passarem a vivência delas, também me ajudando a reconhecer os meus privilégios e o jeito que eu posso usá-los pra ajudar quem não tem tanta voz quanto eu (mc Letícia)

Com certeza, a batalha me levou a lugares que me mostraram formas diferentes de enxergar as coisas, e de entender cada pessoa. Pude participar diretamente e indiretamente de muitos eventos, principalmente beneficentes onde ajudamos muitas pessoas e ter experiências grandiosas que vou levar pra minha vida toda (mc Cavalca)

Claro que vivi em muitos outros ambientes que também influenciaram no que sou hoje, mas sempre eu estava fazendo rima, todo dia, toda semana. Muitas pessoas me conheceram através da batalha, e mesmo quem não me conheceu pela rima, me associa ao rap, ao hip-hop. No começo foi algo que eu comecei a fazer parte, mas depois passou a ser algo que faz parte de mim (mc MR2)

Me trazendo autoconhecimento e ao ouvir as vivências diferentes das mina me faz ter empatia e ver o mundo com outros olhos (mc Jéssica Venenosa)

Através das batalhas de rima “os jovens edificam experiências sociais coletivas que são expostas através de estilos de vida específicos e distintos (DAL PRÁ; NUNES; SANTOLIN, 2018, p, 02)” contribuindo para a construção da sua identidade, pois, “o desenvolvimento da identidade é causado pelas relações sociais do sujeito, elaborado a partir daquilo que ele vive e do meio no qual está inserido (DUBET, 1994 apud DAL PRÁ; NUNES; SANTOLIN, 2018, p. 09)”.

4.6 A BATALHA NO ESPAÇO PÚBLICO E SUAS TENSÕES

Com exceção de poucos eventos pontuais, as batalhas de rima existentes em Sorocaba acontecem em espaços públicos, através de um processo de ocupação e ressignificação por meio da fruição cultural e, como vimos anteriormente, há uma compreensão positiva no que se refere à vivência dos e das jovens nestes espaços.

O fato de as batalhas acontecerem nos espaços públicos potencializa a importância desta mobilização que é ao mesmo tempo político, cultural e educacional. Diante de uma cidade que historicamente se constituiu deixando um lastro de desigualdades sociais e espaciais, o ato da ocupação do espaço público pelas batalhas reafirma a importância da rua, da praça, do parque para a vida cotidiana da cidade.

Eu acho muito positivo e essencial que ocupemos os lugares, porque a cidade, o centro e as zonas nobres são para todas as pessoas e a gente ocupa esses espaços como forma de resistir. Mostrar que todo lugar é um lugar para qualquer pessoa, então é essencial que as

batalhas aconteçam em espaços públicos, por que não existe ajuda financeira de governo, não existe, todo mundo corre pelo seu quando você tá fazendo batalha, a não ser alguma edição espacial que a gente consegue o apoio da prefeitura, fora isso é cada um no seu, suando pra conseguir (mc Brandini)

O argumento utilizado pela mc Brandini ao afirmar que “*todo lugar é um lugar para qualquer pessoa*” nos remete ao texto: *A cidade e os cidadãos*, de Pedro Jacobi (1986), pois logo de início o autor faz a seguinte pergunta: “todas as pessoas que vivem na cidade são cidadãos?”

De acordo com o autor, todas as pessoas podem se assumirem como cidadãos, mas na prática não é bem assim que acontece, pois, “como as cidades são construídas como um produto de consumo (JACOBI, 1986, p. 22)” as pessoas acabam sendo segregadas e, a depender da condição social, ao circular pela cidade podem ser bem recepcionadas ou não, a depender do local por onde transitam.

Porém, na contramão desta realidade, as batalhas passam a se afirmarem como um ato de contraposição ao status-quo estabelecido na cidade. Nesse sentido, as batalhas de rima concretizam a ideia da cidade “como um espaço de usufruto do cotidiano, como um lugar de encontro e não de desencontro (JACOBI, 1986, p. 22)”.

A questão da visibilidade também se apresenta diante desta perspectiva, pois ao ocupar e se manter no espaço público, os e as jovens passam a ser percebidos a partir de como são e não como gostariam que fossem.

É positivo porque é ocupação, sabe? É um espaço público central. Eu tenho certeza que tem que descentralizar sim, pra aumentar e fomentar o movimento, mas sempre ter ali no centro. Sabe por quê? É ocupação de espaço, a gente tem visibilidade, tem pessoas que nem imaginam que poderiam acontecer isso no mundo, que veem a gente ali, então isso é muito importante, de verdade (mc Jéssica Venenosa).

É bom que quem tá passando vai olhar mano, se é lugar fechado ali, tem porta, se tive que paga já não é todo mundo que tem como paga, tá ligado (?). Então se o baguiu tá rua mano...acho que tá lugar público mano, as pessoas pode ver e pensar que pode tá junto, tá lá, é só chega, olha e rima mano (mc Cavalca).

A posição da mc Jéssica Venenosa e do mc Cavalca, demonstra que quem não é visto não é lembrado, e por este motivo as batalhas contribuem para que o espaço assuma o seu papel como “espaço da realização humana, o papel da ação como o conceito da efetivação da capacidade humana e da visibilidade como busca de compartilhamento (LONGHI, 2008, p. 09)”.

Compartilhar os saberes ali construídos, formas de expressão cultural e juvenil, assim como compartilhar a possibilidade do acesso à cultura e ao lazer que não tenham características mercadológicas como presenciamos através, principalmente, dos shopping centers, ou outras possibilidades desde que acessíveis através de pagamento.

É de grande importância a ocupação do espaço público, porque nada mais é do que o nosso espaço. A cultura tem que ser acessível e não é isso que a gente vê quando observa os preços de cinema e teatros, e fazer um movimento cultural numa praça que só precisa do interesse para participar é muito importante (mc Leticia).

Eu acho muito positivo (que a batalha aconteça em espaço público), porque eu acredito que a juventude, principalmente periférica, é carente de lazer, cultura e o hip hop pode trazer isso no espaço público, mostra o poder de diversidade dessa cultura. Até porque, grande parte dos jovens que vão na batalha estudam em escola particular, não são jovens de origem periférica, porém se sentem à vontade pra participar do evento porque é público, então a gente recebe criança, a gente recebe idoso, a gente recebe mãe que acompanha o filho ou a filha que tá rimando, assim como a gente recebe o usuário de droga que tá passando pelo centro e vê cultura ali e vai ver o que tá acontecendo, vê um bolinho no meio da rua e vai ver o que tá acontecendo, ele chega ali, às vezes nem tá rolando a batalha, pode tá rolando a intervenção poética de alguém passando uma ideia, de alguém desabafando, então eu acredito que tem momentos que a batalha, o hip hop é pra acontecer em espaço privado, mas é muito positivo acontecer em espaço aberto (mc MR2).

O ato de garantir a acessibilidade à cultura através da ocupação e permanência no espaço público, mostra a intencionalidade dos e das jovens em deixar visível uma ação com características transformadoras afim de que outras tantas pessoas possam ter a experiência proporcionada pelas batalhas de rima, possibilitando a formação de um constante círculo virtuoso.

No entanto, cabe ressaltar que mesmo havendo uma avaliação positiva no que se refere aos processos vivenciados no interior das batalhas, contribuindo para o desenvolvimento juvenil, tal ação se desenrola em meio aos tensionamentos político-sociais.

Nesse sentido, ao serem questionados sobre a relação da cidade com as batalhas, há uma variedade de percepções por parte dos e das jovens, demonstrando que a depender das situações ou dos espaços as relações podem variar de forma significativa.

Sorocaba parece que se estagnou no tempo, tem dificuldade de se propor a conhecer coisas novas e toda cultura que seja de matriz negra passa por um momento de racismo aqui dentro. Sorocaba é uma cidade racista, é uma cidade onde movimentos que sejam de matriz africana, que venham do movimento negro. Se fosse alguma coisa na praça Frei Baraúna que fosse da igreja, uma festinha da igreja, que todo mundo tivesse fazendo barulho, tocando sertanejo, ninguém ia liga pra polícia. Sorocaba é assim, assim que eles gostam de tratar as coisas, ou de uma forma religiosa ou pelo sertanejo (risos), então é só isso que eles aceitam de uma forma boa aqui. (mc Brandini)

Mesmo com uma presença histórica de organizações ditas progressistas na cidade de Sorocaba, em diversos momentos o conservadorismo prevalece, como apresentado pela mc Brandini em seu relato. O não reconhecimento das vertentes culturais oriundas do povo preto por parte de uma parcela da população sorocabana, ao mesmo tempo que se rende à outras expressões culturais, e até mesmo religiosa, demonstra a falta de compreensão da diversidade cultural presente em nosso cotidiano.

O conservadorismo por sua vez, não se apresenta somente na não aceitação de manifestações culturais específicas, demonstrado por parcelas da população sorocabana, pois a ação promotora do desenvolvimento cultural do poder público também fica muito longe do que deveria ser.

O poder público tem muito medo de investir na gente, sabe, eles têm receio, até porque a verba pública no Brasil é muito disputada e aqui em Sorocaba principalmente tem uma grande limitação com a verba destinada a cultura. As pessoas têm a falsa sensação de que a, por exemplo...tem que cortar o carnaval para que o dinheiro do carnaval vá pra saúde. Isso é mentira. Tem que ter verba destinada pra a saúde, tem que ter verba destinada pra educação tem que ter verba destinada pra lazer, cultura (mc MR2).

A relação do poder mesmo é foda mano, [...] questão de poder mesmo, da lei mesmo é ruim, tá ligado?! (mc Cavalca).

O não apoio por parte do poder público, conforme aponta os relatos anteriores, revela a falta de empenho para o desenvolvimento da cultura na cidade de Sorocaba, pois, dificilmente se vê qualquer ação relacionada à cultura promovida pelo poder público, colaborando para que os jovens se tornem “invisíveis no espaço e na política (CASSAB, 2010, p. 37)”. No entanto, será que poderia ser diferente?

Em outras cidades a prefeitura dá um auxílio muito maior. Em Itapevi, por exemplo eles sedem espaço, eles sedem equipamento de som, sedem estrutura de segurança, a guarda municipal faz a segurança da batalha. Em Barueri, eles também sedem som, sedem espaço, sedem grades pra cercar o palco, então é algo que você vai e é muito mais

professional sabe! Em São Paulo acontece batalha de Mc na virada cultural (mc MR2)

Ou seja, se o poder público tivesse um pouco mais de empenho, as batalhas poderiam contribuir ainda mais com os e as jovens participantes evitando ações como mencionado abaixo.

Eu sinto que a cena da cidade é muito desvalorizada e sempre muito cheia de panelas/dividida, já vi diversas artistas saindo da cidade por falta de reconhecimento. Isso é muito desmotivador, e de fato a gente tem sofrido com isso porque não vemos mais novas mcs entrando nas batalhas e isso acaba fazendo com que seja maçante e sempre a mesma coisa, com as mesmas mcs e as mesmas rimas, é muito difícil incentivá-las quando a gente não pode oferecer nem o mínimo que seria o reconhecimento (mc Letícia)

No entanto, em meio a tantas reflexões negativas, é possível afirmar que nem tudo está perdido, pois, ao mesmo tempo que o poder público, juntamente com uma parcela da população sorocabana, não reconhecem ou tão pouco valorizam as batalhas de rima, outras organizações, sem ligação com o poder público, passam a organizar ações onde os e as jovens mc's se tornam atrações principais.

Já tem os baguiu no SESC, a batalha no SESC, isso influencia diretamente porque o SESC é muito grande mano. E fora isso os eventos que o pessoal faz mesmo, que nem o Despertar das Flores, o dia das crianças que acontece no Ipiranga, e isso mobiliza a cidade, alcança um público muito grande e tem um retorno também (mc Cavalca).

Independentemente das percepções dos e das jovens que vivenciam as batalhas de rima, vale destacar a importância de estarem, circularem e permanecerem na cidade pois ela é, por excelência, espaço de encontro da diversidade, garantindo a possibilidade de “viver a cidade estando de fato nela, construindo e ampliando seus usos, desnaturalizando as forças que promovem a distinção territorial desses jovens (CASSAB, 2010, p. 90)”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É assim que eu falo mesmo, vou perguntar qual é o seu segredo. Você falou que hoje tá monstrão, puta que pariu, tô morrendo de medo!

Mc Paulex

Os desdobramentos das jornadas de junho de 2013 me levaram a refletir, com mais seriedade, a temática referente ao direito à cidade. Antes deste episódio eu havia lido algumas reflexões a respeito, mas ainda, sem compreender a potência deste debate.

O aprofundamento da compreensão sobre o tema, aguçou meu olhar para os processos vivenciados na cidade de Sorocaba, naquilo que se refere ao espaço de ampliação e organização territorial. Afinal, como apontam Henri Lefebvre (2001, 2008), David Harvey (2014, 2015) e Lucio Kowarick (2009), a cidade é e permanecerá sendo disputada entre as forças que a compõe.

Se por um lado há um anseio para que a cidade seja compreendida como obra, capaz de suprir as necessidades humanas, há também a força do capital que a transforma em mercadoria e passa a vendê-la parte por parte, tornando-a mero produto.

No entanto, comprar um espaço na cidade nem sempre é tão simples quanto parece. A partir do momento que essa perspectiva passa a ganhar força no cenário organizativo das cidades, as contradições e os conflitos emergem, tornando-se mais acirrados. As disputas entre sujeitos desiguais pelo seu uso e ocupação ganham a cena urbana.

É justamente neste espaço de tensões que o movimento hip-hop e as batalhas de rima se inserem. Para além de protagonizarem as disputas no cenário urbano, ao ocuparem determinados lugares, as batalhas se transformam em verdadeiros espaços públicos, pois, ao se apropriarem de determinados territórios da cidade, contribuem para a prática da ocupação espacial, mesmo diante deste cenário permanente de disputa pela cidade.

Trata-se, portanto, da compreensão da cidade como espaço, por excelência, de disputa política. É na arena pública que os embates acontecem, as reivindicações

surgem e onde as resistências se configuram como uma possibilidade de garantia do direito à cidade.

Cabe ressaltar que a disputa pelo espaço travada pelas batalhas de rima, na verdade não é nova, pelo contrário, é possível afirmar que se trata, inclusive, do resgate da essência do hip-hop. Afinal, como vimos no decorrer da pesquisa, ao surgir nos Estados Unidos, a cultura hip-hop faz da rua seu palco e sua morada, disputando a cidade e seus espaços desde o seu surgimento e sobretudo, garantindo espaços de encontro entre jovens da periferia. Afinal, *queira, ou não, o rap é uma realidade de luta.*

No caminho percorrido pelas batalhas de rima e ao se colocarem como verdadeiros espaços públicos, falamos de lugares concretos onde os e as jovens, através de suas rimas, se expõem, falam o que pensam, mas sobretudo, ouvem em grupo tudo o que seus iguais têm a dizer. Temos uma verdadeira polifonia, onde em muito do que é dito revelam-se situações e condições que marcam a trajetória daqueles e daquelas que vivem as batalhas no seu cotidiano.

Nesse sentido, a polifonia se faz presente no interior nas batalhas de rima por meio de poesia e dos versos construídos de forma improvisada. O que se percebe neste processo de construção é que as rimas construídas pelas jovens mulheres mc's, apresentam um engajamento maior quando comparadas com as rimas construídas pelos jovens mc's.

No caso específico da batalha do Beco das Mina, as rimas, em muitas oportunidades, atravessam o interior das batalhas carregadas de sentido e significado, pois trata-se de versos que traduzem os desafios das mulheres diante de uma sociedade machista, patriarcal e sexista. Pode-se considerar o Beco das Mina, para além de uma batalha de rima, um espaço acolhedor onde jovens mulheres recarregam suas forças e esperanças para enfrentar as desigualdades de gênero dentro e fora do movimento hip-hop e das batalhas de rima existentes em Sorocaba.

Dada a compreensão da batalha como espaço de fala e escuta, percebe-se que esta é também, espaço de vivência e convivência. Para além de viver as batalhas a partir da ocupação do território, o que conseqüentemente possibilita o viver a cidade, as batalhas de rima também proporcionam espaços de convivência e de troca, onde os e as jovens experimentam relações concretas no que se refere às relações de gênero, aprendizagem, conscientização política, e saúde mental, aspectos que

ganham centralidade nos relatos evidenciados por aqueles e aquelas que vivenciam as batalhas na cotidianidade.

Tais questões se tornam evidentes nas falas dos e das jovens durante o processo de entrevista, ao serem questionados sobre a importância das batalhas para os e as jovens, o que as batalhas tem provocado em cada um e cada uma, o que se aprende nas batalhas, entre outras indagações. No entanto, um aspecto surpreendente e inusitado foi a ausência de posicionamentos mais contundentes referente às questões étnico-raciais no discurso dos e das jovens, seja nas rimas ou nas entrevistas.

Torna-se surpreendente tal ausência, justamente pelo histórico de relação bastante estreito entre o movimento hip-hop e as lutas contra o racismo estrutural existente na sociedade brasileira. Desde sua chegada ao Brasil, o hip-hop se tornou morada de jovens negros que passaram a utilizar o RAP como instrumento de denúncia e resistência contra as desigualdades raciais. Tal ausência pode ser decorrida dos limites da pesquisa de campo aqui realizada e da própria inserção do pesquisador, revelando a importância da realização de trabalhos futuros na temática.

No entanto, uma das questões que aparece de forma recorrente entre os e as jovens é a dimensão da sociabilidade. De fato, as batalhas de rima contribuem de forma contundente com os processos de urbanidade do segmento juvenil que participa das batalhas. Porém, os processos de sociabilidade não se restringem apenas aos e as jovens que se identificam e/ou pertencem ao movimento hip-hop. As batalhas de rima se tornam meios de sociabilidade autônomas mesmo para quem não é mc ou adepto de algum elemento da cultura hip-hop.

Trata-se, sobretudo, de um espaço legitimamente juvenil. As batalhas de rima são construídas cotidianamente por jovens oriundos da periferia sorocabana que encontraram nos espaços das batalhas lugar de aconchego, desenvolvimento, experiências das mais diversas, lugar de pluralidade, assim como a própria juventude.

Dado a intensidade da relação dos e das jovens com as batalhas de rima, cabe destacar a satisfação que demonstraram por serem procurados para participarem da rodada de entrevistas para essa pesquisa. Destaco a fala da mc Leticia, “*você fala de te ajudar, mas eu adoro falar sobre o Beco*”, assim como a fala da mc MR2 ao iniciarmos a entrevista, “*desse jeito vou ficar me achando importante (risos)*”.

Por fim, percebe-se as batalhas de rima envolvidas em uma dinâmica que extrapola os limites da cidade de Sorocaba em média e larga escala. O Circuito

Paulista de Batalha de Mc (CPBMC) e o Duelo Nacional de Mc demonstram o crescimento e a importância cultural das batalhas dentro do universo do hip-hop e juvenil. No ano de 2019 três mc's: Mesut, Jéssica Venenosa e Pizol, chegaram a participar da seletiva regional do CPBMC representando a cidade, mas, infelizmente, não conseguiram se classificar para a etapa final.

Diante da experiência do acompanhamento das batalhas de rima de Sorocaba, o que colaborou diretamente para o desenvolvimento desta pesquisa, o que fica é a certeza de que as batalhas de rimas, através da ação juvenil, se apresentam no espaço urbano como uma possibilidade concreta de reconfiguração dos territórios, contribuindo para a conquista do direito à cidade e para o exercício público de um modo particular de ser jovem na cena pública. Não me resta dúvida de que a beleza está na rua.

6 REFERÊNCIA

ABRAMO, Helena Wendel. Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo, Scritta/ANPOCS, 1994.

ADERALDO, Guilherme; RAPOSO, Otávio. Deslocando fronteiras: notas sobre intervenções estéticas, economia cultural e mobilidade juvenil em áreas periféricas de São Paulo e Lisboa. Revista Horizontes Antropológicos. Porta Alegre, ano 22, n. 45, p. 279-305, jan/jun 2016.

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade: o antropólogo, a margem e o centro. Revista Mana. Rio de Janeiro, vol. 21, n. 3, p. 483-498, dez, 2015.

ALMEIDA, Elmir de. Os estudos sobre grupos juvenis: presenças e ausências. In.: SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006), vol. 2. Belo Horizonte, Argvmentvum, 2009.

ALMEIDA, Elmir de et al. Jovens brasileiros, lazer e sociabilidades: um mosaico analítico sobre dados de pesquisa nacionais. 2012 (MIMEO).

ALMEIDA, Renato Souza de. Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, n. 56, p. 151-172, jun, 2013.

ALVES, Jakeline Pereira; SILVA, Vanderlan Francisco da. Eu não canto rap pra branquelo de classe média: uma análise sobre disputas de legitimidades performadas por rappers no circuito alternativo do Crato. In.: 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2018. Brasília, DF. Anais da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, Brasília, 2018.

AMARAL, Márcio de Freitas do. Culturas Juvenis e Experiência Social: modos de ser jovem na periferia. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ANDRADE, Alexandre Carvalho; COMITRE, Felipe. Crescimento populacional e contradições no espaço urbano: uma análise da expansão periférica na cidade média de Sorocaba-SP. Anais do Simpósio Cidades Médias e Pequenas da Bahia. UESC, Ilhéus, 2016

ANSCHAU, Queli Flach. Culturas juvenis e as transformações urbanas: experiências em Blumenau/SC. Revista Recôncavos. Cachoeira, vol. 2, n. 4, p. 05-16, 2009.

ARAUJO NETO, Adalberto Coutinho de. Sorocaba Operária. Sorocaba, Editora Create, 2005.

BARRETO, I. J. A verticalização e o bairro: o caso do Parque Campolim – Sorocaba, SP, período de 1990 a 2004. 2007. 138 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2007. Disponível em: <http://www.pge.uem.br>. Acesso em 20/06/2013.

BRITO, Maria Noemi Castilho. Gênero e Cidadania: referenciais analíticos. *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis, vol. 09, n. 01, p. 291-298, 2001.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In.: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org.) *Escritos de Educação*. Petrópolis, Vozes, 2007.

BURGOS, Rosalina. Espaços públicos e o Direito à Cidade: contribuições teórico-conceituais a partir de estudos sobre o uso de parques urbanos em contexto de segregação espacial nas cidades de São Paulo e Sorocaba. *Revista Cidades*. Presidente Prudente, vol. 12, n. 20, p. 105-140, 2015.

BURGOS, Rosalina. Urbanização e marxismo: a cidade vista do avesso. In.: FRANCA, Gilberto Cunha; LEITE, Kelen Chistina. *Cidade, natureza, educação: olhares marxistas*. São Paulo. Editora Xamã, 2016.

BURGOS, Rosalina. Direito à Cidade: utopia possível a partir do uso e apropriação dos espaços públicos urbanos. In.: XIV Colóquio Internacional de Geocrítica: Las utopias e la construcción de la sociedade del futuro. Barcelona, 2016.

CAMPOS, Felipe Oliveira. *Cultura, Espaço e Política: um estudo da Batalha da Matrix de São Bernardo do Campo*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Escola de Artes, Ciências e Humanidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A privação do urbano e o “direito à cidade” em Henri Lefebvre. In.: CARLOS, Ana Fani Alessandri; ALVES, Gloria; PADUA, Rafael Faleiros de (org). *Justiça espacial e o direito à cidade*. São Paulo, Editora Contexto, 2017.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventudes e Cidades Educadoras*. Petrópolis, Editora Vozes, 2003.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Jovens pobres: modos de vida, percursos urbanos e transições para a vida adulta. *Ciências Humanas e Sociais em Revista*. Seropédica, vol. 31, n. 02, p. 62-70, jul/dez. 2008.

CARRANZA WEIHMULLER, Valentina et al. Rodas culturais, resistência e juventudes: reflexões político-pedagógicas. *Revista Estudios Sobre las Culturas Contemporáneas*. Colima, vol. XXV, n. 49, p. 67-87, jul/Dec, 2019.

CASSAB, Clarice. Os jovens e a cidade: relações e representações. *Revista de Geografia*. Recife, vol. 27, n. 01, p. 26-39, jan/abr, 2010.

CASSAB, Clarice. A cidade como espaço público: uma interpretação pautada na fala dos jovens. *Revista Mercator*. Fortaleza, 2010.

COMITRE, Felipe. A evolução do uso e ocupação do solo na periferia urbana de Sorocaba-SP: do esquecimento ao despertar dos interesses públicos e privados. Revista GEO UERJ. Rio de Janeiro, n. 31, p. 770-799, 2017.

CORREIA, Alice et al. Cidade interseccional: o direito à cidade nas perspectivas de gênero e raça. 2018. Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/acervo/artigos/cidade-interseccional-o-direito-a-cidade-nas-perspectivas-de-genero-e-raca/22936>. Acesso em 28 de maio de 2020.

DAL PRÁ, Lucas Maciel; NUNES, Vitória Wottrich; SANTOLIN, Elisandra Reinhold. A construção das identidades juvenis, participação e potencial de transformação: um olhar da Sociologia da Juventude. In.: I Simpósio Juventudes Contemporâneas, 2018. Porto Alegre, RS. Anais do I Simpósio Juventudes Contemporâneas, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2018.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 28, n.1, p. 117-136, jan/jun 2002.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, Set/Out/Nov/Dez 2003.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Revista Educação e Sociedade. Campinas, vol. 28, n. 100, p. 1105-1128, out, 2007.

DIAS, Luan Guilherme; SILVA, Juvêncio Borges. O Direito à Cidade e os movimentos sociais: o movimento #OcupeEstelita e a materialização da Utopia. Revista Pensar, Fortaleza, vol. 23, n. 02, p. 1-13, abr./jun., 2018.

DILON, Fernanda. As minas das rimas: o universo feminino dentro da cultura hip hop. Revista Arruaça. São Paulo, n. 02, dez, 2014. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/revista-arruaca/minas-das-rimas-o-universo-feminino-dentro-da-cultura-hip-hop/>. Acesso em 18 de maio de 2020.

DUNKER, Christian. A função da cultura na saúde mental. Folha de São Paulo, São Paulo, ano 100, n. 33.198, 23 fev. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/02/a-funcao-da-cultura-na-saude-mental.shtml>. Acesso em 02 de julho de 2020.

FERREIRA, Érika do Carmo Lima; SANTOS, Sérgio da Silva. Espaços públicos e processos de significação: questões sobre juventudes e hip hop no meio urbano de Maceió-AL. Revista Olhares Plurais, Dossiê “Urbanidades, sujeitos e territórios”. Maceió, n. 16, v. 01, p. 65-81, 2017.

FREITAS, Maria Virginia; PIERRO, Gabriel di. Cultura e apropriação da cidade por meio de iniciativas juvenis. In.: Le Monde Diplomatique Brasil especial Juventudes e a Desigualdade no Urbano, São Paulo, nov, 2015.

FUNDAÇÃO SEADE. Perfil dos municípios paulistas. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://perfil.seade.gov.br/?#>. Acesso em 18 de junho de 2020.

GARBIN, Elisabete Maria; PEREIRA, Angélica Silvana. Música e identidades juvenis na cena cultural contemporânea. *Revista Sociedade e Cultura*. Goiânia, vol. 17, n. 01, p. 87-95, jan/jun, 2014.

GOMES, Amanda Ferreira. Rinha dos MC's e as batalhas de MC's de hip hop na cidade de São Paulo: uma compreensão antropológica. *Revista Extraprensa*. São Paulo, vol. 12, ed. especial, p. 838-869, set, 2019.

GOMES, Flavia Goodwin. Ritmo e poesia nos duelos da vida. Levante denunciante, ritmo dançante e educação participante: improvisações etnográficas acerca da cultura Hip Hop e da performance do duelo de mc's. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

HARVEY, David. O direito à cidade. *Revista Lutas Sociais*. São Paulo, n. 29, p. 73-89, jul/dez. 2012.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

HOLSTON, James. Espaços de cidadania insurgente. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasília, n. 24, p. 243-253, 1996.

HOLSTON, James. Cidadania Insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 2013.

JACOBI, Pedro. A cidade e os cidadãos. *Revista Lua Nova*. São Paulo, vol. 02, n. 04, p. 22-26, mar, 1986.

KOWARICK, Lúcio; BONDUKI, Nabil. Espaço Urbano e Espaço Político: do populismo à redemocratização. In.: KOWARICK, Lúcio. *As lutas sociais e a cidade*. São Paulo, Paz e Terra, 1988.

KOWARICK, Lucio. Áreas centrais de São Paulo: dinamismo econômico, pobreza e políticas. *Revista Lua Nova*. São Paulo, n. 70, p. 171-211, 2007.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*). Paris, Éditions Anthropos, 2000.

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2008.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Editora Centauro, 2016.

LIMA, Mércia Ferreira de. Mulheres no hip hop: a identidade feminina em um movimento juvenil e artístico-cultural. In.: 18º Encontro Nacional da Rede Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e as Relações de Gênero, UFPB, Recife, 2014.

LONGHI, Carla Reis. Cidadania, visibilidade e espaço público: uma reflexão sobre a contemporaneidade. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, 2008.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. Revolução periférica: a prática do skate no extremo leste paulistano. Revista Iluminuras. Porto Alegre, vol. 19, n. 47, p. 71-93, dez. 2018.

MADEIRA, Francilene Batista et al. Estilo de vida, habitus e promoção da saúde: algumas aproximações. Revista Saúde e Sociedade. São Paulo, vol. 27, n. 01, p. 106-115, jan/mar, 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, vol. 17, n. 42, p. 11-29, jun, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. Revista Tempo Social. São Paulo, vol. 15, n. 01, p. 81-95, abr, 2003.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. Meninas do graffiti: educação, adolescência, identidade e gênero nas culturas juvenis contemporâneas. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MARTUCCELLI, Danilo. Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo. Santiago, LOM ediciones, 2007.

MELO, Mônica Aparecida Soares Silva de; LEITE, Marcos Esdras. Grupos culturais juvenis e participação na cidade: mobilidade, possibilidades e desafios. In.: Anais II Congresso Internacional Interdisciplinar em Socais e Humanas. Belo Horizonte, 2013.

MENEZES, Maurício Monteiro de. As batalhas do RAP RJ: de rolé pelas narrativas da cultura de rua. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

MIRANDA, Danilo Santos de. Reflexões sobre o papel da cultura na cidade de São Paulo. Revista São Paulo em Perspectiva. São Paulo, vol. 14, n. 04, p. 105-110, out/dez, 2000.

MOREIRA, Jader Arierom da Silva. Os jovens, o movimento hip hop e a apropriação da cidade. In.: II Colóquio do Núcleo de Pesquisa Geografia Espaço e Ação, 2016. Juiz de Fora, MG. Anais do II Colóquio do Núcleo de Pesquisa Geografia Espaço e Ação, vol. 02, Juiz de Fora, 2016.

NEVES, Lair Celeste Dias. Exclusão social e criminalização da juventude: trajetórias similares. Monografia (Especialização em Políticas Sociais, Infância e Adolescência) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006.

PARDUE, Derek. Desempenhando atitude: uma imposição de espaço e gênero pelos hip hoppers brasileiros. *Revista de Antropologia*. São Paulo, vol. 51, n. 02, p. 519-546, 2008.

PEREGRINO, Ana Izabel de Carvalho. A cidade e a mulher: desafios cotidianos e direitos sociais. In.: BARSTED, Leila Linhares; PITANGUY, Jacqueline. *O progresso das mulheres no Brasil 3003-2010*. Rio de Janeiro, Cepia, ONU Mulher, 2011.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Os “rolezinhos” nos centros comerciais de São Paulo: juventude, medo e preconceito”. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*. Manizales, n.01, p. 545-557, 2016.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. As imaginações da cidade: práticas culturais juvenis e produção imagética. *Revista Iluminuras*. Porto Alegre, vol. 18, n. 44, p. 11-37, jan/jul, 2017.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 09, n. 18, p. 09-18, ago/set, 1989.

PLATAFORMA GLOBAL POR EL DERECHO A LA CIUDAD. Comprender e implementar el derecho a la ciudad. Disponível em <http://polis.org.br/publicacoes/>. Acesso em 24 de agosto de 2019.

POCHMANN, Marcio. Estamos passando por uma desindustrialização relativa. Entrevista concedida à IHU On-Line. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, ed. 2018, maio. 2007. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/901-marcio-pochmann-2>. Acesso em 13 de agosto de 2019.

RABELO, Danilo. Outro ciclo: a obra de Jimmy Cliff no contexto pós-colonial jamaicano de 1962 a 1980. In.: XXII Simpósio Nacional de História, 2003. João Pessoa, PB. *Anais do XXII Simpósio Nacional de História*, João Pessoa, ANPUH, 2003.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte, Letramento, 2017.

ROLNIK, Raquel. Paisagens para a renda, paisagens para a vida: disputas contemporâneas pelo território urbano. *Revista Indisciplinar*. Belo Horizonte, vol. 5, n. 1, p. 18-43, jul, 2019.

SAID, Camila do Carmo. Minas da rima: jovens mulheres no movimento hip-hop de Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SANTOS, Jaqueline Lima. Negro, jovem e hip hopper: história, narrativa e identidade em Sorocaba. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2011.

SILVA, José Carlos Gomes da. Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SOUZA, Patrícia Lânes Araújo de. Em busca de auto-estima: intersecção entre gênero, raça e classe na trajetória do grupo Melanina. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SOUZA, Patrícia Lânes Araújo de. Mulheres jovens e hip hop: percepções das relações de gênero em uma expressão cultural masculina. In.: 30º Encontro anual da ANPOCS, GT Gênero na Contemporaneidade. Caxambu, 2006.

SOUZA, Vitor Hugo. Batalha de RAP: a intimidade com as palavras através das rimas. Revista Arruaça. São Paulo, n. 02, dez, 2014. Disponível em <https://casperlibero.edu.br/revista-arruaca/batalha-de-rap-intimidade-com-palavras-atraves-das-rimas/>.

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. Revista Tempo Social. São Paulo, vol. 5, n. 1/2, p. 161-178, 1993.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, n. 13, p. 73-94, jan/abr, 2000.

SPOSITO, Marília Pontes; SILVA, Hamilton Harley de Carvalho e; SOUZA, Nilson Alves de. Juventude e Poder Local: um balanço de iniciativas públicas voltas para jovens em municípios de regiões metropolitanas. In.: FÁVERO, Osmar et al. Juventude e Contemporaneidade (Coleção Educação para Todos). Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

SPOSITO, Marília Pontes; ALMEIDA, Elmir de; CORROCHANO, Maria Carla. Jovens em movimento: mapas plurais, conexões e tendências na configuração das práticas. Revista Educação e Sociedade (Dossiê Movimentos Sociais e Transformações do Ativismo Contemporâneo). Campinas, vol. 41, 2020.

STELLA, Marcello Giovanni Pocai. A batalha de poesia: O Slam da Guilhermina e os campeonatos de poesia falada em São Paulo. Revista Ponto Urbe. São Paulo, n. 17, 2015.

SUNEGA, Fernanda; SANTOS, Atiely. Hip Hop mulher: experiências de organização. In.: PAPA, Fernanda de Carvalho; SOUZA, Raquel (org.). Jovens feministas presentes. São Paulo, Ação Educativa; Fundação Friedrich Ebert; UNIFEM, 2009.

TARÁBOLA, Felipe de Souza. Aspirantes: desafios de estudantes da USP egressos de escolas públicas no contexto do novo tensionamento político-social brasileiro. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

TAVOLARI, Bianca. Direito à Cidade: uma trajetória conceitual. Revista Novos Estudos. São Paulo, vol. 35, n. 01, p. 93-109, mar, 2016.

TEJERA, Daniel Bidia Olmedo. RAO: o duelo de rimas no cotidiano do jovem. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2013.

TELLES, Vera da Silva. Debates: a cidade como questão. In.: TELLES, Vera da Silva; CABANES, Robert. Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Humanitas, 2006.

TEPERMAN, Ricardo Indig. Tem que ter suingue: batalhas de freestyle no metrô Santa Cruz. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

THRASHER, Frederic M. The Gang: A Study of 1.313 Gangs in Chicago. Chicago, The University of Chicago Press, 1927.

TRAVERSO-YÉPEZ, Martha Azucena; PINHEIRO, Verônica de Souza. Socialização de gênero e adolescência. Revista de Estudos Feministas. Florianópolis, vol. 13 n. 01, p. 147-162, jan/abr, 2005.

URIARTE, Urpi Montoya. Olhar a cidade. Revista Ponte Urbe. São Paulo, 2013.

WEIHMULLER, Valentina Carranza et al. Hip hop, resistência e subjetivação: analisando rimas no marco de rodas culturais em uma favela carioca. Revista Interfaces da Educação. Paranaíba, vol. 9, n. 25, p. 203-227, 2018.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, n. 13, vol. 1, p. 107-126, jan/abr, 2005.